UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE
-PPGEduc-CAMPUS 1-

ALINE DE ASSIS SANTOS

ANCESTRALIDADE E HISTÓRIA NO RECÔNCAVO BAIANO: CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ANCESTRAL NO POVOADO DE SÃO BRAZ, EM SANTO AMARO

SALVADOR

2014

ALINE DE ASSIS SANTOS

ANCESTRALIDADE E HISTÓRIA NO RECÔNCAVO BAIANO: CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ANCESTRAL NO POVOADO DE SÃO BRAZ, EM SANTO AMARO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação**.**

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta

SALVADOR

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaboração: Sistema de Biblioteca da UNEB

Bibliotecária: Maria das Mercês Valverde – CRB 5/1109

Santos, Aline de Assis

Ancestralidade e história no Recôncavo Baiano: construção do conhecimento ancestral no povoado de São Braz, em Santo Amaro / Aline de Assis Santos. – Salvador, 2014.

130 f.

Orientador: Alfredo Eurico Rodrigues Matta

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade

Contém referências, apêndices e anexo

1. Bahia - Civilização - Influências africanas. 2. Bahia - Civilização - Influências ibéricas. 3. São Braz (Santo Amaro, BA)- História. 4. São Braz (Santo Amaro, BA) - Genealogia. 5. São Braz (Santo Amaro, BA) - Usos e costumes. I. Matta, Alfredo Eurico Rodrigues. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação - Campus I.

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANCESTRALIDADE E HISTÓRIA NO RECÔNCAVO BAIANO: CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ANCESTRAL NO POVOADO DE SÃO BRAZ EM SANTO AMARO

ALINE DE ASSIS SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 26 de setembro de 2014, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

Prof. Dr. Eduardo David de Oliveira
Universidade Federal da Bahia – UFBA
Doutorado em Educação
Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil

Profa. Dra. Francisca de Paula Santos da Silva
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

Prof. Dr. Gilmário Moreira Brito
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em História
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Dedico esta dissertação ao meu querido e esplendoroso município,
Santo Amaro, no Recôncavo, terra dos meus ancestrais maternos,
local das minhas raízes e referências.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos deuses, por me concederem força, saúde, equilíbrio e me sustentarem na fé para trilhar essa árdua e longa caminhada;

À minha muito amada e unida família, aos meus pais Rita da Purificação de Assis e Antônio Eusébio dos Santos, por representarem os melhores educadores, sendo sempre fontes do meu aprendizado e exemplos de vida; às minhas irmãs, Aní Bárbara de Assis Santos, Andréia de Assis Santos e Adriana de Assis Santos, pela paciência e atenção para escutar minhas reflexões e aliviar minhas angústias; aos meus avós maternos, Dionísia de Assis e Vitorino de Sant'Anna, por sempre me acolherem e me guiarem nos caminhos de Santo Amaro; a Maria da Purificação Pereira de Sant'Anna, prima irmã, que me acompanhou desde o início da minha caminhada em São Braz. Aos demais membros da minha família, principalmente os Santo-amarenses, os quais sei que sempre torceram pelo meu sucesso;

À comunidade de São Braz, pelo espaço e confiança destinados a mim. Destaco aqui Carlos Alberto da Silva (Beto Rasta), por toda atenção e toda presteza a mim dedicadas; D. Odete Souza, Eliete e Hildete Passos, por me receberem e cuidarem de mim como uma filha; Lívia Oliveira (professora Vinha), por me apoiar, sobretudo na reta final de meu estudo. Agradeço a toda equipe do Colégio Municipal Dorival Passos, por se tornarem parceiros na pesquisa, abrindo mais esse espaço na comunidade para os diálogos e discussões;

Ao meu orientador Alfredo Matta, pela iniciação no campo da pesquisa histórica desde a graduação, pela atenção, dedicação e sugestões a esse estudo;

Ao professor Raimundo Arthur, sempre atencioso e prestativo nas informações sobre Santo Amaro;

Aos meus queridos amigos e amigas, tantos e tão importantes, que espero não omitir nenhum. Agradeço a Joelma Cerqueira; a Josenilda Mesquita; a Helaine Souza (Nane); a Emerson Cardoso, que mesmo longe, sempre emanou toda energia positiva, acreditando e apostando em meu sucesso; a Aparecida Guilherme; a Milene Teles; e a Moisés Simão Oliveira de Assis.

Por fim, a Telma Assis, pelo apoio nos ajustes finais desse trabalho.

RESUMO

Esse estudo se apoia na perspectiva gramsciana e socioconstrutivista para propor a aplicação de procedimentos pedagógicos para viabilizar, de modo mais significativo e ativo, a construção do conhecimento sobre a história ancestral de comunidades originárias do processo de colonização no Brasil, na Bahia. Nesse tocante, salienta-se que estudos sobre ancestralidade, desenvolvidos por alguns pesquisadores da contemporaneidade, evidenciam predominantemente os grupos africanos em suas práticas vivenciadas no continente africano e seus legados deixados no Brasil, sobretudo os religiosos. Considerando esse panorama, iremos ampliar a discussão para a ancestralidade histórica presente em regiões rurais seculares como São Braz, em Santo Amaro, tomando como base os vestígios culturais deixados também pelos demais grupos formadores da sociedade brasileira, sobretudo os indígenas e ibéricos. Para tanto, os dados obtidos sobre ancestralidade histórica dos moradores da localidade, analisados com base na filosofia da práxis, e o conceito de intelectual, desenvolvido por Gramsci, e relacionados à abordagem metodológica DBR, serão desenvolvidos na direção de abrir espaço para investigações aplicadas e voltadas para o desenvolvimento de soluções aplicadas de pesquisa. Dessa forma, os resultados obtidos, na experiência, mostraram que a discussão sobre ancestralidade pautada no diálogo e no engajamento das pessoas envolvidas no processo da pesquisa potencializou, nos moradores, o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo sobre suas práticas comunitárias relacionadas aos seus grupos de origem, à modificação dos conhecimentos prévios em alguns casos e à ampliação destes; em outros, a construção e significação de conceitos e a construção de consciência histórica cultural sobre o local.

Palavras-chave: Ancestralidade. São Braz. Africanos. Indígenas. Ibéricos.

ABSTRACT

This study is based on Gramscian and social constructivist perspective to propose the application of pedagogical procedures to enable, more meaningful and active mode, the construction of knowledge about the ancient history of indigenous communities in the process of colonization in Brazil, Bahia. In this regard it is noted that studies on ancestry developed by some researchers of contemporary evidence predominantly African groups in their practices experienced in Africa and its legacies in Brazil, especially religious. Considering this scenario we will extend the discussion to the historical ancestry present in secular rural regions like São Braz in Santo Amaro, based cultural traces left by other trainers also of Brazilian groups, especially indigenous and Iberian society. For both, the data on historical ancestry of local residents, analyzed based on the philosophy of praxis, and the concept of intellectual, developed by Gramsci and related methodological approach DBR will be developed towards open space and applied research aimed at the development of solutions applied research. Thus the results obtained in the experiment showed that the discussion about ancestry guided dialogue and engagement of the people involved in the research process, potentiated residents in the development of critical and reflective thinking about their community practices related to their constituencies, the modification of in some previous cases and the extension of these in others, the construction and significance of concepts and the construction of cultural historical consciousness on local knowledge.

Keywords: Ancestry. São Braz. Africans. Indigenous. Iberian.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Compreensão do pesquisador sobre o contexto de Santo Amaro..... 24
Quadro 2 Compreensão do pesquisador sobre São Braz, com base nas categorias ancestrais 35
Quadro 3 Sistematização dos elementos culturais ancestrais que estão presentes em São Braz 42
Quadro 4 Análise histórico-humana-cultural dos dados do grupo de moradores de São Braz 57
Quadro 5 Educação contextualizada com base em ancestralidade 72
Quadro 6 Aplicação pedagógica na comunidade 84
Quadro 7 Análise da exposição..... 89
Quadro 8 Sistematização dos indicadores de ancestralidade contextuais históricos 102
Quadro 9 Propostas de intervenções após a aplicação 108

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista frontal das ruínas da igreja do engenho de São Braz.....29
Figura 2 - Vista lateral das ruínas da igreja do engenho de São Braz.....30
Figura 3 - Cafua, localizada nas ruínas do sobrado do engenho de São Braz.....31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DBR	***Design-Based Research***
DNA	**Ácido Desoxirribonucleico**
MNU	**Movimento Negro Unificado**
SEPROMI	**Secretaria de Promoção da Igualdade Racial**

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Variação genética apresentando os exames dos 17 participantes do experimento em São Braz..... 46
Gráfico 2 - Validação da Feira de Ancestralidade enquanto auxiliar no aprendizado ancestre em São Braz 106

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12

2 CONTEXTO HISTÓRICO DE SÃO BRAZ: CONSTRUINDO A IMPLICAÇÃO PESQUISADOR/PESQUISA: ARTICULAÇÃO ENTRE CONTEXTUALIDADE, PRAXIOLOGIA E METODOLOGIA DBR 15

2.1 COMPREENDER SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO E SÃO BRAZ 18

3 SÃO BRAZ: DO ENGENHO AO POVOADO.....25

4 FORMAÇÃO DA SOCIEDADE DE SÃO BRAZ 36

5 ESTUDOS HISTÓRICOS E ANÁLISE GENÉTICA 43

6 EDUCAÇÃO COM BASE EM ANCESTRALIDADES 59

6.1 IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA REGIÃO E DO EXAME GENÉTICO DO GRUPO DE MORADORES DO POVOADO 64

6.2. EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA..... 66

6.3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA A CONSTRUÇÃO DO APRENDIZADO ANCESTRE..... 68

6.4 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS POSTA EM PRÁTICA: PRIMEIRO MOMENTO 70

7 ABORDAGEM METODOLÓGICA..... 74

7.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A APLICAÇÃO DA METODOLOGIA 81

7.2 APLICAÇÃO INTERVENTIVA 82

7.3 DESENHO DA APLICAÇÃO..... 84

7.4 ACOMPANHAMENTOS DAS CATEGORIAS NA FEIRA DE ANCESTRALIDADE 90

7.5 ANÁLISES DOS ELEMENTOS DA APLICAÇÃO 90

8 RESULTADOS DO ESTUDO..... 98

8.1 CONTRIBUIÇÃO À TEORIA ESTUDADA.....98

8.1.1 Contexto 99

8.1.2 Mediação e interação entre os participantes, pressupostos do socioconstutivismo 103

8.1.3 A Genética..... 105

8.2 SOLUÇÃO DO PROBLEMA DA PRÁTICA..... 106

8.3 ENVOLVIMENTO E HABILITAÇÃO DOS ENGAJADOS NO PROCESSO DA PESQUISA 111

9 CONCLUSÃO..... 113

REFERÊNCIAS 116

APÊNDICE A - Cordel de Ancestralidade 120

APÊNDICE B - Fotos da Escola Doriva Passos 129

ANEXO A - Lista do recenseamento dos moradores de São Braz 130

1 INTRODUÇÃO

O despertar em escrever sobre a temática da ancestralidade cresceu quando na graduação em História, tentando organizar a árvore genealógica de minha família materna, nascida em Santo Amaro, Bahia, fui aumentando minhas inquietações inicialmente em relação ao entendimento sobre qual grupo africano mais influenciava nas práticas culturais da região de onde meu núcleo familiar fazia parte, isso por defender uma predominância genética e cultural africana em minhas origens, depois, discutir sobre de qual África falávamos nos discursos sobre o povo negro e, por fim, estender um entendimento sobre as práticas culturais de grupos africanos formadores de minha família aos meus próximos, irmãos de região com semelhanças comportamentais e fenotípicas os quais sempre considerei familiares.

Tais inquietações fizeram parte de minha inclusão e participação em grupos voltados para as discussões sobre o ser negro, o ser descendente de africanos, sobre a obrigatoriedade dos estudos da história e cultura afro-brasileiras. No percurso da pesquisa da graduação, ouvindo depoimentos sobre os grupos africanos em Santo Amaro, e, sendo levada a refletir sobre a presença de um processo de miscigenação na família Assis, devido a relatos sobre os fenótipos de seus membros mais antigos, foi possível perceber que se tratando de um levantamento histórico-cultural em uma região, berço da colonização no Brasil e na Bahia, devida importância deveria ser dada aos grupos ibéricos e também aos indígenas que ali viveram.

Associada a essa questão, os estudos de cunho pedagógico desenvolvidos no grupo de pesquisa Sociedade em Rede, Pluralidade Cultural e Conteúdos Digitais Educacionais, foram definidores na condução da decisão de ser, uma aplicação pedagógica, a melhor forma de diálogo sobre estudos dos antepassados pela via histórica em regiões como Santo Amaro. Para efeito, constatou-se que uma análise mais detalhada desse fator poderia ocorrer em localidades relativamente pequenas, com pouco êxodo e baixa mobilidade entre seus moradores, dessa forma houve a escolha do povoado de São Braz, local de forte familiaridade da pesquisadora.

Corroborando com o exposto acima, anunciamos que o problema desta pesquisa fundamentou-se no seguinte questionamento: Qual o procedimento pedagógico adequado para a construção coletiva de conhecimento sobre a ancestralidade da comunidade de São Braz, em Santo Amaro da Purificação - Bahia?

Trazê-lo em forma de questionamento nos direciona para outra forma de apresentá-lo, pois estamos ao mesmo tempo afirmando que**:** Inexiste um procedimento pedagógico

voltado para a construção coletiva sobre ancestralidade em São Braz, em Santo Amaro da Purificação - Bahia.

Compreendendo a problemática de investigação, seguimos para o desenvolvimento de questões articuladas com a discussão de cada capítulo, construídas da seguinte forma:

1. Como entender a comunidade de São Braz, em Santo Amaro da Purificação - Bahia?

2. Como construir ancestralidade para o caso? Como planejar o procedimento pedagógico adequado ao caso?

Com a finalidade de responder a essas questões, definimos como objetivo principal desenvolver e aplicar um procedimento pedagógico que auxiliasse no aprendizado sobre ancestralidade em São Braz. Dentro do objetivo geral descrito acima, agregaram-se os específicos:

a) Desenvolver uma interpretação histórico-cultural sobre a comunidade de São Braz;

b) Conceituar ancestralidade para o caso;

c) Construir e validar, junto à comunidade, um conjunto de procedimentos pedagógicos para o caso.

No intuito de atender aos objetivos propostos e responder ao problema de pesquisa, o trabalho foi distribuído em sete capítulos. O primeiro consiste na construção do entendimento da pesquisadora sobre a história étnica e cultural de São Braz, necessário para evidenciar, com base nos pressupostos gramscianos, um posicionamento do pesquisador frente ao seu local de estudo, portanto abarcando um quadro de compreensão sobre a história de Santo Amaro. No segundo, procede-se com a análise da ancestralidade dentro das cinco categorias postas por Oliveira (2007) e a concepção de cultura, alicerçada em Willians (1979).

Dialogando com Matta (2013), Stuart (1988), Mattoso (1997) e Verger (2002) houve a construção do capítulo quatro, tratando sobre a formação da (do) sociedade (povoado) de São Braz, considerando as práticas de vida de povos indígenas, africanos e ibéricos na região.

Agregando ao diálogo os elementos biológicos auxiliares na confirmação ou refutação de hipóteses passíveis de respostas pela ciência, temos, no capítulo cinco, a verificação, através da genética, de elementos biológicos que auxiliaram no mapeamento da porcentagem ancestral europeia, ameríndia e africana, das pessoas da comunidade, associando-as aos estudos históricos.

Considerando que o estudo perpassa por uma construção e aplicação de ferramentas pedagógicas para educação com a valorização dos contextos existentes é que, no capítulo seis,

foi desenvolvida uma discussão sobre educação com base em ancestralidades, pautadas nas relações dialéticas de existência entre o global e o regional, na importância da existência de uma educação contextualizada, seguindo de uma proposta de intervenção pedagógica para uma educação ancestre.

A partir desse capítulo foram expostos, além das propostas de intervenções dialogadas com a comunidade, o processo de validação e toda a organização para sua aplicação. É perceptível que a dialética de construção de conhecimento e existência permeia toda a pesquisa. Dessa forma, para o desenvolvimento e aplicação da intervenção, foi estabelecida para o estudo, e discutida no capítulo sete, a utilização da metodologia DBR, defendida como *Pesquisa de Desenvolvimento* que preza pelo desenvolvimento de aplicações, pelo engajamento do pesquisador com seu grupo de estudos, corroborando com a abordagem dialética socioconstrutivista, sustentadora da importância da colaboração entre os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, situados em contextos históricos e sociais de mediação e produção.

Como uma das principais prerrogativas da DBR é a forma cíclica e iterativa das aplicações interventivas, prosseguiu-se no capítulo oito com a discussão sobre os resultados obtidos após a aplicação, levando-se em consideração a metodologia adotada. Nesse tocante, após a análise dos resultados obtidos na pesquisa, chegou-se à conclusão, esta apresenta um balanço geral desse processo e aponta para o prosseguimento das atividades com novas propostas de aplicações sugeridas pelo conjunto da comunidade.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DE SÃO BRAZ: CONSTRUINDO A IMPLICAÇÃO PESQUISADOR/PESQUISA: ARTICULAÇÃO ENTRE CONTEXTUALIDADE, PRAXIOLOGIA E METODOLOGIA DBR

Para estabelecermos uma compreensão sobre a forma de organização do contexto a ser apresentado e os diálogos tecidos com ele, é necessário explicá-lo e relacioná-lo ao modelo metodológico adotado e aos princípios de construção dialética que também serão adotados. Portanto ele se propõe praxiológico, com base nos pressupostos de Antonio Gramsci (1978) sobre filosofia da práxis, que tem como elemento fundamental o pensamento concreto existente, e no conceito de intelectual, desenvolvido por ele. Nesse contexto, ao entender que intelectual é aquele pertencente ao processo coletivo comunitário, compreendo que não somente os pensadores comunitários são reconhecidos como intelectuais, mas também um pensador da academia pode ter seu caráter orgânico reconhecido, como qualquer outro sujeito externo pode ser assim considerado, desde que devidamente envolvido e engajado no contexto existencial concreto, a ponto de desenvolver reflexões sobre as relações que cercam seu processo cotidiano.

Dessa forma, ainda com base nas ideias de Gramsci, estendo a concepção de que qualquer sujeito pode ser um pensador reconhecido, inclusive na condição de investigadora na qual me encontro. Nesse sentido, interpreta-se que o investigador deve ser o mais possível consciente da construção de reflexão sobre o foco de pesquisa, que, nesse caso, já conta com seus intelectuais, que pensam sobre sua existência. A posição aqui é de construir meu engajamento junto à comunidade e seu contexto humano, base sociometabólica do processo de investigação em curso, consequentemente, tornando-me essencialmente implicada nela, e assim, pronta para a realização de uma pesquisa DBR.

Com isso, é correto dizer que é impossível estar engajado e implicado na pesquisa sem desenvolver um diálogo com o conhecimento existente sobre o contexto em questão, sem a aquisição, reflexão, criticidade e compartilhamento das informações junto aos sujeitos implicados nela, sem a leitura de autores que não estarão presentes para uma mera revisão bibliográfica, mas para reflexões e referências sobre o contexto trazido. Os pressupostos aqui propostos tendem a levar o pesquisador a situar-se ante o problema, consequentemente ao contexto que envolve a comunidade baseada em seus processos históricos e sociais e nos sujeitos presentes nela, compondo um processo integrador constante.

Nesse sentido, contextualizar São Braz terá como consequência a construção de um quadro que evidencie a compreensão e reflexão sobre a comunidade, suas tensões e conflitos sociais, seu contexto histórico sem rupturas, pois as histórias de vida são construídas nas

continuidades das relações. Para tanto, a melhor forma de levar a efeito a construção do quadro de reflexões sobre ancestralidade na região é sendo praxiológico. Ser praxiológico afasta a possibilidade de completude plena, pois nos aproxima ao máximo do dinamismo e abertura para os questionamentos pautados pelo pressuposto epistemológico aqui proposto, garantindo assim que haja resposta ao problema de pesquisa.

Importa também, para o pesquisador, saber e poder articular um pressuposto epistemológico, nesse caso, a praxiologia, ao método que melhor o auxilie no diálogo com ela. Nesse estudo, a abordagem metodológica DBR é a que melhor se aplica, pois sendo de natureza e origem dialéticas compromete-se com:

> Uma abordagem de problemas complexos em contextos reais, em colaboração com os profissionais e a realização de inquérito rigoroso e reflexivo para testar e refinar ambientes de aprendizagem inovadores, bem como para definir novos princípios de design. (BROWN 1992; COLLINS 1992).

E com isso, de forma dialógica, construir aplicações que serão validadas ou não pela comunidade. Metodologia e abordagem epistemológica que comunguem com a pesquisa em questão irão auxiliar no desenvolvimento de aplicações possíveis de serem validadas, construídas com diálogos e investigações junto à comunidade. Para tanto se justifica a necessidade da construção de um quadro de ancestralidade da comunidade que nesse constante processo de diálogo e investigação estará sendo parceira e colaboradora, ao ponto de na elaboração desse quadro, que será de aplicação, o investigador que propõe uma intervenção a ser acompanhada pela comunidade parceira e coautora dessa investigação e proposição, estejam conjuntamente engajados no processo de desenvolvimento da pesquisa.

Assim, a DBR desenvolveu-se na direção de abrir espaço para a investigação aplicada, voltada para o desenvolvimento de artefatos, protocolos, protótipos, recomendações, aplicações, as mais diversas, que têm menos o compromisso de serem descobertas generalizadas e aplicadas a todos os casos, como seria uma pesquisa experimental clássica, e mais o compromisso de desenvolver solução aplicada para cada caso específico e dialógico, guardando a generalidade do modelo de desenvolvimento, mesmo assim sempre questionável.

Todo o tempo chama-se atenção para a dialogicidade presente nas ações do pesquisador engajado em seu ambiente de pesquisa, porém, mesmo consciente de que a proposta de modelagem é pautada na interação entre quem desenvolve a pesquisa e a comunidade, o pesquisador deve ter legitimidade na participação sem, com isso, assumir uma postura arrogante de detentor do conhecimento, até pelo fato de que o conhecimento

aprimorado por ele foi oriundo dos “conhecimentos” existentes na comunidade. Ele entrará nesse momento como alguém que desenvolveu ideias, levantou hipóteses e posições, sem as quais a modelagem não poderia acontecer.

Em alguns escritos sobre DBR foi possível observar a consideração de que tanto o aporte do pesquisador, que pode ser acadêmico ou não, quanto ao aporte comunitário, no mesmo patamar e de acordo com o resultado prático almejado pelo conjunto engajado no processo seria uma nova ecologia cognitiva que inauguraria uma nova fase na interação entre pesquisador universitário e seus parceiros pesquisadores comunitários. Observem que o que está posto nessa consideração dialoga bem com os pressupostos Gramscianos (2006, p.18), ao dizer que “todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectual”; dessa forma é assim considerado tanto o acadêmico, que se insere na comunidade, quanto os não acadêmicos, construtores de suas formas de vida, pois com elas dialogam, tornando-se organicamente conhecedores de sua realidade. Com isso, fica posta a atualidade da praxiologia, com base bem relacionada com uma das metodologias mais inovadoras e atuais da contemporaneidade.

Considerando esses pressupostos, que me colocam comprometida em gramscianamente situar-me como investigadora implicada e legítima no contexto, nas próximas páginas vamos proceder à construção de uma reflexão sobre o desenvolvimento histórico-social da região, capaz de dar suporte à minha compreensão, portanto não para “dar conta”, no sentido de esgotar ou trazer verdades plenas sobre a história de São Braz e de sua inserção em contextos sociais mais amplos, ou explicar cada elemento investigado de forma absoluta e inegável, mas simplesmente para que se construa um quadro de compreensão do sujeito pesquisador, de concepção básica para a intervenção dialógica e dialética, que vai gerar a proposta de modelo aplicado, a ser validada sempre, ou alterada, e até negada pela comunidade, para que assim se proceda, conforme os pressupostos da DBR, à construção da aplicação a ser investigada e que deve ser desenvolvida na direção de melhorar o processo colaborativo comunitário em questão, segundo os critérios validados em conjunto pela comunidade e pelo pesquisador.

Sendo assim, passamos no próximo ponto a desenvolver os estudos e diálogos com autores escolhidos, para construção do nosso quadro de contextualidade, para que no final do capítulo possamos responder à questão sobre como entender a construção histórica e o contexto da comunidade de São Braz, em Santo Amaro da Purificação.

2.1 COMPREENDER SANTO AMARO DA PURIFICAÇÃO E SÃO BRAZ

Começaremos entendendo que uma leitura praxiológica da pesquisa é aquela que pensa ser impossível que o investigador não esteja imerso e comprometido na investigação. De fato ele é entendido como parte do processo da investigação que desenvolve em dado contexto. Um pesquisador comprometido, portanto orgânico, deve ter consciência de que é imprescindível seu mergulho e reflexão sobre o contexto de pesquisa, somente através dessa consciência ele poderá, no processo do estudo, dialogar com seus parceiros comunitários de pesquisa, tornando praxiológica a forma de se relacionar com seu grupo de construção do conhecimento. Somente com essa consciência o pesquisador conseguirá,

> [...] posicionar-se dialógica e dialeticamente diante do objeto de estudo, mediante um diálogo com o aparato teórico disponível que lhe permita situar-se no contexto da pesquisa e interagir legitimamente com as fontes pesquisadas documentais ou testemunhais, no caso em estudo. (NONATO, 2006, p. 124).

Concernente a isso constata-se que ter uma linhagem materna presente em uma região, berço da colonização portuguesa, da presença de diferentes grupos étnicos que ao longo de séculos construíram, de forma colaborativa ou não, relações socioculturais distintas, com base em tensões, sobretudo as presentes no contexto de hierarquias sociais, contempladas por uma gestão senhorial das formas de vida, e que podem ser refletidas até a atualidade, nos inquieta no sentido de tentar responder algumas questões levantadas acerca das vivências no local.

Atrelado às inquietações sobre quem ser dentro de um panorama tão diverso e único está o chamado à reflexão sobre o ser negro, sobre o ser descendente de escravizados, sobre o ser fruto de um processo de miscigenação contínuo que, para essas regiões, são muito mais presentes na reflexão sobre a presença dos grupos indígenas, ibéricos e outros além dos africanos, do que nos fenótipos dos moradores.

Com base nessas inquietações iniciais, trago neste capítulo as primeiras reflexões sobre como situar-me neste complexo processo histórico no qual me interpreto imersa desde que nasci. Complexo por referenciar séculos de histórias que envolvem migrações, diferentes relações sociais, tensões e conflitos. Sendo assim, percebi estar pronta para procurar construir o mergulho de interpretação histórica que necessito para o desenvolvimento de uma reflexão que permita o entendimento do processo histórico da região com a qual pretendo dialogar, através de seus sujeitos históricos. Construir assim um entendimento de explicação histórico-

causal, próprio da praxiologia, capaz de me fazer intérprete implicada e interlocutora partícipe legítima do processo histórico que pretendo entender e interagir como pesquisadora.

Dessa forma integrada e capaz de sugerir e de construir, passo, segundo os pressupostos praxiológicos, a ter potencial de proposição e então partir para a construção de uma pesquisa de aplicação. Vale ressaltar que essa construção de contexto situacional deve estar permeável e flexível, pois se trata de ponto de partida de compreensão pessoal, para diálogo com a comunidade, sujeito legítimo de seu processo ao qual o pesquisador pretende integrar-se por interação e compartilhamento construtivo.

No que se refere a esse estudo, situo meu entendimento contextualizado sobre o povoado de São Braz, em Santo Amaro, na Bahia. Esse foi o esteio que me fez creditar à praxiologia o desenho epistemológico para este trabalho, pois considero que enquanto pesquisadora engajada, essa é a base fundamental para meu diálogo sobre e com essa sociedade. Escrever sobre a compreensão do processo histórico da região promove a construção do entendimento que me implica na condição de interlocutora, partícipe ativa capaz de estar implicada de forma coletiva na proposta. Dessa forma, os textos a seguir deverão ser interpretados mais como a sistematização da construção de conhecimento do pesquisador que vai interagir com a comunidade e necessita, segundo a praxiologia, posicionar-se crítica e reflexivamente, tornando-se interlocutor legítimo, do que como uma proposta de entendimento objetivo e passivo de generalização dos temas que serão abordados.

São Braz está situado no Recôncavo, região que fica em torno da Baía de Todos os Santos, de suma importância para a história da Bahia e do Brasil, por ter sido impulsionadora da economia no período colonial e ter seus reflexos até a atualidade com os registros e heranças históricas de seus grupos formadores. Recôncavo de vilas importantes como Cachoeira, Itaparica, Maragogipe e Nazaré, do marcante movimento marítimo fluvial, abastecedor, utilizado para a condução tanto de escravizados ao trabalho nos engenhos, quanto de alimentos, na maioria das vezes para subsistência dos moradores da capital, Salvador. Recôncavo de muitas religiões, sobretudo as de matriz africana, de muitos ritmos, com destaque para o samba de roda; de diversificada culinária, e formação socioadministrativa histórica secular. A história de São Braz está imbricada à de Santo Amaro, antiga Santo Amaro da Purificação. A presença indígena, a chegada dos portugueses e, consequentemente, a vinda dos africanos para o trabalho nas terras do Recôncavo, são marcos importantes para dar a São Braz a referência que aceitaremos.

Esses portugueses viviam em uma região onde o processo de imigração, explicável por um contexto de disputas entre ibéricos, africanos, romanos e visigodos, deram

configuração a um quadro de mestiçagem pouco divulgado aqui no Brasil. Na Ibéria existiam cidades como Cadiz e Cartagena, Olisipio ou Lisboa, fundadas por africanos cartagineses que dominaram por pelo menos 1000 anos a Península; outras gregas, como Segunto ou Barcelona. Embora tenha havido a queda do Império Romano peninsular com a chegada dos germânicos e dos islâmicos mouros, a maior influência sofrida pelos peninsulares e refletida nas formas de vida do Brasil, incluindo em Santo Amaro, foi a dos grupos romanos que estiveram hegemonicamente presentes na Ibéria durante 800 a 700 anos. O contexto de conquista e reconquista promoveu, na península, o encontro de diferentes etnias, diferentes culturas que em um processo de expansão marítimo comercial foi gerida por uma sociedade senhorial cristã, de base comercial. Foi com base nesse contexto e na perspectiva de exploração comercial que os portugueses chegaram ao Brasil.

Segundo Freire (1998), eles vieram munidos de uma política de ocupação de terras que evidenciava as manobras de poder existentes desde o século XVI no território brasileiro e baiano; com base em uma resolução que data da primeira metade do século XVI, 1532, levou adiante a prática prestigiosa de doações de terras adotadas deste lado do atlântico em um sucessivo processo de doações e desmembramentos que, nem sempre, atendiam às determinações legais portuguesas, região reguladora dos atos das ocupações.

Políticas de favorecimentos foram, também, determinadoras da extensão de terras obtidas por cada donatário, com destaque para Martim Afonso, orientador dos portugueses sobre a melhor divisão a ser adotada aqui no Brasil e Pero Lopes, seu irmão. Nesse tocante, importa salientar que essa ocupação inicial se dava na parte costeira do território baiano; embora não seja de relevância para nosso estudo, não podemos ignorar que havia um movimento para o sertão que, além de direito dos donatários, explicitado em cartas de doação de Pero Lopes, era, também, parte de um contexto de desbravamento de terras e embates contra os índios, assim designado pelo engano de Colombo ao acreditar ter chegado às Índias, o gentio demonizado, ali existente.

Questões como a posição social, o arbítrio da coroa e o valor das terras, foram tomadas como critérios para o governo na hora dessas divisões territoriais. Sendo assim, é importante dizer que a distribuição das terras em Santo Amaro se deu também para determinados grupos, inicialmente o de Mem de Sá, terceiro Governador Geral do Brasil e seus familiares, posteriormente, Dias Adorno e, por fim, o Major João Ferreira de Araújo, avô de João Ferreira de Araújo Pinho, reconhecido estadista baiano.

Dentro desse panorama, o que mais importava para os portugueses naquele momento era a exploração de meios naturais para o fomento comercial; dessa forma, tanto

portugueses como outros europeus, a exemplo dos holandeses, passaram/permaneceram deixando traços culturais presentes em manifestações diversas dos povos da região, no linguajar dos indivíduos, em seus fenótipos e em suas descendências.

Também, nos aspectos políticos, religiosos e sociais, bem como, na história da escravidão inicialmente indígena e depois africana para o nordeste do Brasil, Santo Amaro tem sua importância, pois até a queda do Império brasileiro ela abrigou os tidos como nobres baianos para a sociedade da época, como os Calmons, os Du Pin, os Ferreira Bandeira, Barão de Vila Viçosa, Barão do Rio Fundo (Paim, 2005), dentre outros cujos nomes e feitos são refletidos até a atualidade. Eram, portanto, esses nobres os detentores de suas terras, senhores dos muitos engenhos existentes, ainda no século XIX, senhores também de um sistema econômico baseado na exploração da cana-de-açúcar e dos trabalhadores das lavouras, em sua maioria, escravizados.

Em 1727, o primeiro Vice-Rei do Brasil, Vasco Fernandez Cesar de Menezes, elevou Santo Amaro à categoria de vila, que pela lei nº 43, de 13 de março de 1837, foi elevada à categoria de cidade, portanto já no Império. Os aspectos trazidos sobre Santo Amaro até o momento evidenciam o quanto ela estava inserida num contexto classista de sociedade, com a presença de hegemonias iniciadas com os senhores de engenhos no período colonial e seus prováveis descendentes, os proprietários das usinas da fase imperial do Recôncavo, representando assim, a sociedade senhorial local. Visto isso podemos dizer que Santo Amaro:

> [...] nasceu com organização societária e modo de produção social, baseado na propriedade inquestionável dos fidalgos sobre os recursos da existência necessários à vida da coletividade. Eram proprietários das terras, rios e mares, e da relação como a posse de monopólio do grande comércio atlântico. [...] Eram também proprietários da fé, da cultura, das relações sociais, dos modelos estéticos, da ideologia, da criação de padrão sobre o que era ou não recomendável. (MATTA, 2000, apud: MATTA, 2013, p. 37).

Mas para ser hegemônico teria que se entender supremo em relação a algum grupo; no caso de Santo Amaro, inicialmente, os ibéricos se entenderam supremos em relação aos denominados indígenas. Existe uma discussão sobre a questão de os índios serem ou não considerados os primeiros habitantes do Brasil; ela ocorre pelo fato de ter sido encontrado, nos anos 70, na região de Belo Horizonte, um crânio com traços negroide tido como o fóssil humano mais antigo descoberto nas Américas, com cerca de 12.000 anos. Estudos desenvolvidos por (NEVES et al, 2008) indicaram que o grupo ao qual “Luzia”, nome dado ao crânio reconstituído, pertencia era de povos que viviam da caça e da coleta, mas

desconheciam o cultivo de vegetais e a fabricação de vasilhas de cerâmica, portanto dando indicativo de serem povos nômades. Pelos traços de “Luzia”, talvez africanos, esses dois últimos aspectos os diferenciam dos denominados “índios”, ao menos os do tronco Tupi-Guarani, que, sedentários, caçavam, coletavam e fabricavam utensílios.

Nesse tocante, com base na também milenar história indígena, com seu primórdio na América estimado a mais de 50.000 a 5.000 mil anos (Matta, 2013, p.18), no continente houve a constatação de que seus descendentes eram vindos da Ásia; para tanto, estudos apontam que sua chegada à América do Sul é originária de povos caçadores que vieram através do istmo do Panamá, sendo imprecisa e discutível por especialistas a datação da presença dos grupos no Brasil, com estimativa de mais de 15.000 anos, nesse caso, período superior ao de estimativa do grupo negroide ao qual pertencia Luzia.

Em Santo Amaro, de acordo com Zilda Paim (2005, p.25), eram os Abatirás que “segundo Aires do Casal, pertenciam ao grupo dos Aimorés”, os índios que ocupavam preferencialmente a Patativa, região de Santo Amaro, onde se localizou alguns engenhos, dentre eles o de São Braz. Esses Aimorés, tidos como bravos guerreiros, pertenciam ao grupo dos Tapuias, povos do tronco linguístico Macro-Jê. Essa afirmação é passível de questionamentos, visto que os Tapuias viviam da caça e da coleta e, segundo Matta (2013, p.18), à época dos descobrimentos estavam sendo expulsos do litoral cedendo espaço para os Tupinambás. Analisando a forma como se dava a expulsão, através das guerras contra os Tupis, é possível constatar que ela não acontecia em uma perspectiva de dominação, não existia entre eles uma concepção de classe senhorial, existiam representantes religiosos e “políticos”, dentro das aldeias, mas os conflitos que ocorriam dentro e fora delas não eram motivados pelo poder e prestígio, mas sim pelo território de cada um, que tendia a ser mais requisitado pelos sedentários Tupis.

O fato de serem sedentários estava muito ligado ao que Mészáros apud Matta (2013, p.19) chamou de Modo de Reprodução da Existência, pautado nas formas sociometabólicas de reprodução social em meio a condições objetivas de existência. No caso Tupi, isso ficou evidenciado no desenvolvimento da agricultura, da caça, da coleta e do artesanato, o que possibilitou a sustentação de mais seres humanos na coletividade. Portanto, considerando esses aspectos e os registros de Tomás Pedreira (1977) sobre as guerras empreendidas por Mem de Sá contra o gentio, fator que nos deixa objetiva a forma conflituosa de existência entre ibéricos e indígenas, obviamente com algumas exceções, pois alguns índios juntavam-se aos portugueses para o embate contra outros grupos, é que, para efeito desse estudo, teremos como base a constatação de que foram os Tupis que mais povoaram a região de Santo Amaro.

Retornando à discussão sobre o ser supremo em relação a alguém, temos que pontuar a forma predominante de escravização africana existente em Santo Amaro, desde o século XVI até o XIX. Toda atividade deve ter uma explicação, nesse caso, a exploração comercial de povos africanos ocorreu devido ao processo de interação de muitos anos entre eles e os ibéricos, isto pelo fato, como vimos, de ter havido uma relação entre o Magreb, o Norte da África e a Península Ibérica.

Associadas a esses fatores estavam a expansão marítimo-comercial da Europa, a intenção dos portugueses de reconquista contra o islã e o fortalecimento do cristianismo contra os rivais maometanos. Os dois últimos aspectos colocados podem justificar a origem dos primeiros escravizados, posta por Matta, (2013, p. 22), considerando que "os primeiros escravizados eram, na maioria, capturados entre os negros islâmicos do Magreb e da região sudanesa. Os negros da Guiné, do Senegal e da Mauritânia".

Ainda na perspectiva islâmica de escravização, Paim (2005, p. 48) nos afirma serem mais de origem Malê, os escravizados que vieram para Santo Amaro. Sendo mais islâmicos ou não, o fato é que Santo Amaro, por conta das ocupações de terras e formação dos engenhos, recebeu diferentes levas de escravizados. Dessa forma, considerando os escritos de Pierre Verger (2002, p.7), estudioso que sistematizou o ciclo do tráfico para o Brasil e o subdividiu em: ciclo da Guiné, abarcando a segunda metade do século XVI; ciclo de Angola, no século XVII; ciclo da Costa da Mina, nos três primeiros quartos do século XVIII, com a construção do castelo São Jorge da Mina e o da Baía do Benim entre 1770 e 1850, sem que com isso fosse descartada a existência do tráfico em outras regiões da África, podemos afirmar que também outros grupos, como os denominados bantos, geges e nagôs, vieram nesse contexto e formaram a sociedade do Recôncavo.

Ao que parece, a relação escravagista colonial e imperial era muito forte e tensa no Recôncavo. As relações entre escravizados e senhores de engenho nem sempre eram pacíficas, muitas revoltas ocorreram na região, porém a mais conhecida foi a dos Malês, em 1835, início do império. Essa revolta evidenciou a ligação existente entre o Recôncavo e Salvador, que mesmo tendo uma ligação mais fluvial, de navegação demorada, africanos malês fugiram e chegaram até a capital, para se juntarem aos seus "iguais" no tocante à religião. Essa relação de Santo Amaro com a capital Salvador estabelecia-se desde a chegada dos portugueses na Bahia. Ela ocorria através dos portos, local fundamental para a interligação de grupos distintos que trocavam informações, se misturavam, se reconheciam ao ponto de hoje termos como resultados as relações étnicas diferenciadas, presentes tanto nos

fenótipos dos moradores quanto nas formas culturais e sociais de existência dos Santo-amarenses.

Com base no contexto apresentado, meu quadro de compreensão sobre Santo Amaro aponta e destaca características mais generalizantes que servem para auxiliar no entendimento sobre a comunidade à qual, enquanto pesquisadora, estou engajadamente inserida, portanto compreendo Santo Amaro como:

Quadro 1 - Compreensão do pesquisador sobre o contexto de Santo Amaro

Uma cidade presente no Recôncavo baiano, região em torno da Baía de Todos-os-Santos, conhecida como importante para a economia colonial, após a apropriação das terras pelos portugueses;
Região de vivência de grupos indígenas dos troncos Tupis e Tapuias, povos sedentários e nômades, que viviam em sociedades sem classes sociais, guerreiros, caçadores, agricultores e artesãos;
Local onde predominou a sociedade colonial escravagista, hegemônica e comercial, representada pelos miscigenados povos ibéricos;
Local de presença de senhores de engenho e seus descendentes que interferiram na economia, política e modos de reprodução de vida local do Brasil Colônia até o Brasil Império.
Região de forte presença africana etnicamente variada, para o trabalho nos engenhos de cana-de-açúcar;
Região palco de conflitos e tensões entre grupos indígenas, africanos e portugueses devido ao processo de escravização indígena e africana;
Local onde se encontram diferentes vestígios culturais e sociais dos grupos que formaram a sociedade do Recôncavo;
Local onde houve predominância de engenhos e usinas, reflexo das mudanças econômicas e sociais pela qual passou o Brasil, da Colônia até a República.

Fonte: Elaborado pela autora.

3 SÃO BRAZ: DO ENGENHO AO POVOADO

Consciente de que a problemática circundante desse estudo é complexa e abrangente, e que uma ideia total do que viria a ser Santo Amaro dificilmente seria dita por algum especialista, devido ao amplo contingente étnico cultural ao qual estiveram inseridos seus grupos formadores e descendentes, desde o período colonial até a atualidade, e que se considera de suma importância em uma pesquisa praxiológica que o pesquisador construa, tenha sua compreensão sobre seu local de estudo, ao ponto de ter elementos para a interação com os grupos desse mesmo local, que são também pesquisadores práticos, pois constroem seus conhecimentos dentro de sua vivência cotidiana, foi que na seção anterior se desenvolveu um quadro do entendimento histórico sobre Santo Amaro, para engajamento do pesquisador com seu local de pesquisa.

Essa construção foi desenvolvida com base na consciência de que tecer uma compreensão sobre a história, digamos, "macro" da região, presente no histórico sobre Santo Amaro, nos auxilia a entender os percursos históricos que originaram São Braz, ao ponto de apoiados pelos registros testemunhais e documentais que foram levantados, e no diálogo com os autores, possamos examinar o máximo de ancestralidade na localidade. Isso é o que me proponho a fazer nesta seção, entendendo que esse levantamento e diálogo sobre a ancestralidade da sociedade de São Braz será considerada dentro do tripé tempo-espaço-existência, que representa a ancestralidade vista como "um tecido produzido no tear africano: na trama do tear está o horizonte do espaço; na urdidura do tecido está o tempo. Entrelaçando os fios do tempo e do espaço cria-se o tecido do mundo que articula a trama e a urdidura da existência". (OLIVEIRA, 2007, p.245).

Ele também significará uma compreensão das formas "ancestrais" construídas e presentes em espaços amplos e diversificados, no nosso caso a Bahia, o Recôncavo Baiano, desde sua colonização até a atualidade, atentando-se para a presença de traços dessas ancestralidades na cultura e nas práticas cotidianas dos povos da região que foram e continuam sendo construídas dentro desse panorama do tempo e do espaço.

E como o tempo é tempo diverso e o espaço é o das construções históricas, cabe salientar que as ênfases dadas às histórias da sociedade brasileira evidenciavam grupos politicamente mais eminentes, como os europeus. Porém, a partir do século XX, momento em que muitos foram os clamores por uma sociedade mais ética, justa e igualitária, atenta às questões de cidadania de negros e não negros, e comprometida com a causa dos afrodescendentes, a discussão sobre ancestralidade ganhou força. O destaque para a temática

foi e é válida, porém é importante compreender que seria um equívoco falar de ancestralidade no Brasil, na Bahia, detendo-se apenas aos povos africanos, com todo respeito à história e memória da minha gente que compôs a sociedade brasileira de uma forma predominante.

Neste tocante, com base na análise da seção anterior, foi possível ter consciência da existência de um processo interétnico, presente entre os europeus, indígenas no contato com eles e os africanos. Isso pelo fato de ser a ancestralidade constituída em um tempo diverso, um espaço amplo, por ela se caracterizar pela tradição por aquilo que é cultural, sendo a cultura aqui entendida como "um modo de produção de significados e valores da sociedade" (WILLIAMS, 1979, p.112) e considerando a complexidade de seu conceito que perpassou por concepções variadas ao longo da história e que não pode ser dissociado do contexto histórico e social que envolve os indivíduos.

Ao partirmos para o entendimento sobre a formação do Brasil e análise da distribuição de grupos por todo o território, fator que é contextual histórico, constatamos que muito temos a tratar sobre ancestralidades ativas nas transformações sociais. O que dizer então sobre ancestralidade em São Braz? Falar de ancestralidade nessa região é enxergar a forma ampla e diversificada que ela possui, entendendo-a, como nos propõe Eduardo Oliveira (2007, p. 257) nas categorias de relação, ligação, inclusão, diversidade e encantamento.

É lembrar o quanto ela permite interpretar e produzir realidades, devendo tornar-se um instrumento político e ideológico para as construções políticas e sociais dos povos da região. Sendo assim, a ancestralidade se caracteriza na ligação com o outro por conceber que diferentes grupos étnicos, em seus contextos históricos, estabeleceram ligações históricas harmoniosas ou tensas entre si, pela relação com o outro, nos evidenciando a impossibilidade de refletir o ancestral sem considerar os grupos, fator que por certo ocorreu, ao que tudo indica, de forma tensa, no Recôncavo, devido estar pautada nas concepções de poder religioso e patriarcal. Ela é inclusiva por estar justamente no contexto espaço-tempo, relacionando os acontecimentos do passado com o presente, é diversa pelas diferentes práticas de vida e costumes culturais dos grupos formadores da região de São Braz, podendo ser encantadora ou não no momento em que concebe o principal fator da existência humana: suas práticas de vida, pois o encantamento pode escravizar ou libertar, dependendo da forma como é encarado.

Não há como conceber ancestralidade em São Braz sem levar em consideração o histórico da localidade que certamente se insere no contexto da formação de Santo Amaro, e que tem seus primórdios no Brasil, na Bahia, ainda no século XV, com as navegações para as Índias, fazendo com que portugueses aqui chegassem. Esse e outros elementos de formação

da sociedade de Santo Amaro são de suma importância para situar o pesquisador, permitindo-lhe uma compreensão sobre o local.

Portanto, importa compreender que na primeira metade do século XX a divisão territorial de Santo Amaro ocorria com diferentes municípios, dentre eles Maragogipe, São Francisco, Cachoeira e com a Baía de Todos-os-Santos. Sobre sua formação administrativa, Herundino Leal (1964, p.16) relata que pelo Decreto-lei estadual nº 141, de 14 de dezembro de 1943, retificado pelo Decreto nº 12.978, de 1º de junho de 1944, a formação administrativa de Santo Amaro constava de:

> Onze distritos e trinta povoados, assim distribuídos: SAUBARA, formado pelos povoados Acupe, Araripe, Bom Jesus dos Pobres, Cabuçu, Itapema e Nova Suiça; LUSTOSA, compreendendo os povoados de Coité do Meio e Lembrança; TRARIPE (ex Lapa), do qual fazem parte os povoados de Amparo e Berimbáo; JACÚ, com os povoados de Banguê e Brejo do André; MATA DA ALIANÇA (ex Aliança), do qual faz parte o povoado de Brotas; CAMPINHOS (ex Oliveira dos Campinhos), com o povoado de São Francisco; RIO FUNDO, dos quais são parte integrante os povoados de Terra Nova e Paranaguá; CATUIÇARA (ex Bom Jardim), fazendo parte dele o povoado de Picado; BURACICA E INHATÁ, os quais me parecem são formados de suas próprias localidades [...] e, finalmente, o Distrito da sede compreendendo as freguezias da PURIFICAÇÃO e a do ROSÁRIO, formado pelos povoados de Cubiça, Engenho Velho, Ilha, Itapetinga, Nossa Senhora da Vitória, Pedra, Pitanga, Pilar, São Braz, S. Carlos e Tauá [...]. (LEAL, 1964, p. 16).

Dentro dessa formação administrativa distrital, ainda com resquícios eclesiásticos com as freguesias, São Braz estava presente como parte da freguesia do Rosário, representada pela igreja que leva o mesmo nome e existe até a atualidade em Santo Amaro. Essa foi uma das primeiras informações obtidas sobre o povoado no momento da investigação. O que antecede a isso, que seriam as informações sobre seu surgimento, só foi possível ser construído com base nos dados, mesmo que parciais obtidos com os moradores, nos livros e documentos encontrados. Além disso, através dos registros de nascimentos e batismos dos moradores do povoado, pudemos também começar a tecer algumas considerações sobre a região.

Ciente de que existem estudos desenvolvidos sobre os períodos que antecedem à colonização brasileira, relativos aos nossos diversos grupos ancestrais, e com base nas necessidades de contextualidade e proposição, pressupostas pela metodologia DBR, é que, julguei conveniente, enquanto pesquisadora engajada, ao me deparar com hiatos de conhecimento, levantar hipóteses sobre alguns aspectos da história da comunidade, no sentido de serem respondidos ou refutados em um processo de investigação constante e aplicado, que acabará direcionando melhor minha reflexão sobre o foco da pesquisa. A DBR preza pelas

interações entre pesquisador, comunidade, tidos como parceiros de pesquisa, e os aportes que o auxiliem a responder ao problema de pesquisa. Logo as questões serão todas, foco de diálogo e validação com a comunidade.

Considerando esses fatores, foi possível mensurar que ainda nos séculos XIX e XX existia a realização de missas e batismos na capela de São Braz, que ainda está presente no povoado, porém em ruínas, conforme constará fotografia no apêndice. Existir batismo e missa significa dizer que, em termos religiosos, a tradição cristã, legada pelos portugueses dos romanos na península ibérica, permaneceu forte como é muito comum na Bahia. Na contrapartida dessa questão, podemos também fazer a reflexão sobre a não presença, em São Braz, de tradições, digamos, institucionalizadas de religiões de matriz africana. Existem pessoas que periodicamente se reúnem para tocar para entidades tais como, preto velho, caboclos e outros considerados, na umbanda, como espíritos de índios ou outros ligados à africanidade que voltaram como guias de luz que envolvem a Terra, mas que não são registrados formalmente como terreiros ou outro tipo de templo.

Certo que o cristianismo existe até hoje como uma religião representativa no país, em Santo Amaro, embora haja igrejas católicas seculares e grande devoção às Nossas Senhoras, a religião de matriz africana mostra-se, ao menos na perspectiva dos templos, predominante, pois segundo dados obtidos no levantamento dos terreiros de candomblé feito pela SEPROMI (2012), existem, atualmente, 60 terreiros de candomblé na cidade. Considerando que os terreiros representam tradições religiosas de matriz africana, certamente não se formaram na atualidade, são legados dos descendentes dos praticantes da religião de matriz africana. Dessa forma, ter São Braz ainda edificado forte tradição cristã e, paralelo a isso, ter Santo Amaro a maior quantidade de terreiros de candomblé, nos permite desenvolver questões que ao serem respondidas deverão perpassar a perspectiva intercultural posta por Canclini (2006), analisando-a nas trocas e interações existentes entre as diferentes culturas desde o início da história da humanidade. Nesse sentido, poderia nos indicar que de fato houve um resquício maior da presença malê, posta por Zilda Paim, na localidade? Seria essa presença mais indígena, visto que há a permanência de culto aos caboclos? Seria um indício de interculturalidade banto e indígena, como ocorreu em muitos pontos do Brasil?

Figura 1- Vista frontal das ruínas da igreja do engenho de São Braz

Autoria: Estudantes da Escola Doriva Passos, 2013.

.

Ainda, concernente à religião, podemos dizer que a própria capela de São Braz permite que vários questionamentos e reflexões sejam feitos, nos induzindo a pensarmos primeiro sobre sua origem possivelmente atrelada ao surgimento do povoado; levando-se em consideração a perspectiva de cristianização de grupos indígenas que, ao que vimos, foram dizimados em campanhas de guerras contra o gentio no período colonial também em Santo Amaro. Segundo, sobre quem seriam seus primeiros habitantes; seriam os indígenas ou a construção da igreja foi realizada por africanos? Quantos anos essa edificação e, possivelmente, o povoado teriam? Quem construía igrejas nesse tempo? Qual era a concepção social que havia em torno delas, naquela região? Quais possíveis tensões e conflitos foram gerados em torno daquela estrutura, nos diferentes âmbitos de vida do ou dos grupos ali existentes?

Autores como Ott (1996, p.44), dizem ter sido essa capela construída no século XVII, entre 1680-1690, por Lopo de Albuquerque da Câmara, com os dízimos negados ao governo pela produção de aguardente. Lopo era um pernambucano, provavelmente inserido no contexto de migrações para o Recôncavo, devido às invasões holandesas a Pernambuco, fator histórico que fazia com que senhores de engenho migrassem de lá com escravizados para vender na região.

Se houve a construção da capela, é provável que já existissem moradores ibéricos, devido ao processo de colonização no Brasil e ao legado cristão; é provável, também, que existissem africanos, devido ao período de forte escravização na região e possivelmente indígenas.

Figura 2 - Vista lateral das ruínas da igreja do engenho de São Braz

Autoria: Estudantes da Escola Doriva Passos, 2013.

Com base nas informações passadas por Ott, e observando alguns lugares do povoado como a “Cafua”, localizada nas ruínas do sobrado que, na São Braz republicana, parte de uma sociedade baiana aristocrática e patrimonialista pertenceu a um Senhor chamado João Clímaco de Araújo Silva, descendente dos proprietários do engenho da Palma, também localizado na região, e ao fato de, segundo Yeda Pessoa de Castro (2001, p.189), ser um local cuja palavra é de origem banta, dicionarizada no Aurélio, significando esconderijo, habitação miserável e, associado à questão de São Braz estar em uma região de escravização, foi possível crer que foi essa localidade um engenho construído no final do século XVII ou começo do XVIII.

Figura 3- Cafua, localizada nas ruínas do sobrado do engenho de São Braz

Autoria: Estudantes da Escola Doriva Passos, 2013.

Por trás da palavra “Cafua” tem-se um emaranhado de possibilidades e hipóteses que podem ser consideradas, isto porque os bantos, no processo de escravização para o Brasil, foram os primeiros a chegar por volta de 1560, dois séculos antes dos ewes e três séculos antes dos iorubás. Ao longo de mais de 300 anos de escravização vieram bantos de diferentes regiões, como: Angola, Congo, Guiné, Cabo Verde, São Tomé, Moçambique, dentre outros. Sua língua ficou muito presente no Brasil. Segundo Yeda Pessoa de Castro (2001), os negros bantos foram os mais importantes agentes transformadores e transmissores da língua portuguesa, devido ao país possuir densidade demográfica e distribuição amplas geograficamente.

Tendo esse considerável vestígio, apontando para a presença de “gente africana”, teria sido mesmo esse local, edificado ao redor de dois portos, um engenho? Ser engenho era considerar a grandiosidade funcional que este geralmente tinha, tomando como base tudo que seria necessário para a produção. Ser engenho era entender que além de ter características que o distinguia ser de grande ou pequeno porte com maior ou menor quantidade de escravizados, ele:

> [...] designava inicialmente as instalações necessárias à produção açucareira: casa da moenda, casa da fornalha, tendal das forjas e casa de purgar. Com o tempo, estendeu-se ao conjunto da propriedade senhorial, abrangendo as plantações, a casa-grande, a capela e a senzala. O engenho que utilizava a tração animal era chamado “trapiche” e o movido à roda de água, “engenho real”. Na segunda década do século XIX, começaram a ser instalados os engenhos a vapor, denominados banguês. No final do século XIX e início do século XX, os engenhos foram substituídos por unidades industriais conhecidas como “usinas“. (AZEVEDO, 2009, p.10).

É muito provável que a substituição dos engenhos por usinas tenha apagado os mais possíveis vestígios imediatos de sua existência nas localidades da região, bem como, dos povos que a compuseram, ainda assim, não foi verificada, no histórico de São Braz, a presença de usinas, mas a confirmação de ter havido um engenho aconteceu. De acordo com o que consta no livro 4, das escrituras, presente na Santa Casa de Misericórdia de Salvador[1], foi declarado, nos termos da hipoteca feita pelo Coronel Antonio Gomes de Sá, em 1787, à dita Santa Casa, que São Braz era um engenho "corrente e moente", provido de "todas as suas fábricas e acessórios". Ser "corrente e moente" significava estar de todo acabado e preparado para a produção do açúcar, fato que tinha que ser comunicado à Portugal na época.

Com isso, podemos concluir que, onde hoje se localiza o povoado de São Braz, houve um polo produtor da cana-de-açúcar. Ainda tomando como base o livro das escrituras, foi constatado que com o falecimento do Coronel Antonio Gomes de Sá, seu filho, Gaspar de Araujo Azevedo Gomes de Sá e sua esposa Lourença de Sant'ana de Souza Eça, em 1793, novamente hipotecaram o dito engenho, se comprometendo com a Santa Casa a não hipotecá-lo novamente para pagamento de nenhuma outra dívida.

Mas a questão que importa aqui está muito relacionada ao fato de que se havia o engenho, é correto afirmar que havia escravizados, e pelos indícios atuais talvez a maioria banta. Mas será que foram somente os bantos os escravizados que trabalharam nele? E os malês, de etnias diversas, apontados por Zilda Paim? Será que, de fato, existiram na região?

Nota-se, que o primeiro momento da hipoteca, segundo as escrituras, foi 1787; o segundo, em 1793. Nesse ínterim, uma lista de moradores de 1788, conforme consta em anexo, poderia nos auxiliar a obter todas as respostas, porém nos suscitou mais dúvida.

É possível observar que o Senhor Antonio Gomes de Sá, citado na hipoteca, não aparece na lista dos moradores que totalizavam cem, naquela época. Esses dados dos moradores frente às condições escravistas da época seriam questionáveis se tomássemos como base o fato de ter sido intenso o tráfico de escravizados para o Brasil, principalmente Salvador, centro econômico, político e administrativo da colônia, que se destacava na recepção dos africanos para sua consequente distribuição para o Recôncavo, porém passíveis de serem revistos, se tomarmos como base as informações destacadas:

> O número de escravos necessários para operar um engenho variava muito de acordo com o tamanho da propriedade e com os altos e baixos da exportação de açúcar. No século XIX, a maioria dos engenhos baianos possuía entre sessenta e oitenta escravos, mas havia propriedades operando com mais de duzentos cativos. (ALBUQUERQUE; FILHO, 2006).

[1] ASCMBA. Livro 4 das escrituras. Cópia, livro 46, folhas 189-192v / 249-251.

Considerando essa variação de acordo com o tamanho da propriedade, e o fato de que em meados do século XVIII a economia açucareira baiana passou por um período de estagnação, refletindo, como nos diz Stuart (1988, p.87) "um menor crescimento populacional na região", o engenho de São Braz, poderia funcionar com aproximadamente cem moradores. Porém, no referido documento, nenhum deles é classificado como escravos; aparecem os nomes, idades, algumas relações de parentesco com outros e a cor. Como o documento aponta que se trata de uma lista de moradores extraída pelo Capitão Matias da Silva Chaves, da Companhia de Ordenanças do Distrito da Patatiba, e a Companhia tivesse mais um caráter militar, talvez afaste a possibilidade de ter sido um recenseamento[2].

Recenseamento ou não, o fato é que além de apontar a possível quantidade de pessoas existente na localidade naquele período, listava os ofícios que poderiam ser desenvolvidos por escravizados ou não escravizados, tais como: o lavrador de cana, profissão do proprietário do engenho que segundo Stuart (1988, p.247), poderia ser desenvolvida pelo "mais humilde dos agricultores ou um grande senhor de engenho", o mestre de açúcar, carapina, oficial do açúcar, caixeiro do engenho, soldado executor, alfaiate, pescador e auxiliar de pescado. Percebe-se com o documento, que a pesca, atividade também desenvolvida por africanos, mas defendida como de grande influência indígena, provavelmente mais Tupi na região, por sua característica sedentária, ao que parece era bem desenvolvida no engenho, pois além de contar com um pescador, tinha um auxiliar.

Com base nesses ofícios, poderíamos entender também que o arrolamento foi feito apenas com os trabalhadores que tinham cargos que não eram necessariamente destinados a escravizados. Com exceção do proprietário do engenho, tais fatores podem suscitar ter havido, em São Braz, a existência de ligação entre os indivíduos que não faziam parte de uma ordem hegemônica, seriam os negros, índios e brancos pobres, já interculturados. Essas relações eram comuns por conta da formação dos quilombos, uma espécie de agrupamento humano formado por negros fugidos, brancos europeus e brasileiros pobres, e os chamados, devido às relações interétnicas, de mulatos, cafuzos e mamelucos. Independente da etnia, os grupos que viviam nos quilombos compartilhavam relações de solidariedade, provavelmente havia entre eles a realidade de sofrimento em meio à condição de menos favorecimento que poderia ser econômico, no caso dos europeus e brasileiros brancos; cultural e social, na situação dos indígenas e africanos e demais grupos.

---

[2] Documento consultado no APEB. Seção de Arquivo Colonial e Provincial. Governo Geral/Governo da Província. Série: recenseamento 1773-1805. Maço 596. Conferir em anexo.

Para além das percepções acerca das profissões, considera-se viável o questionamento sobre em que medida, passados 226 anos desse recenseamento, teríamos em São Braz, na atualidade, descendentes de algum desses moradores listados. Considerando o fato de termos hoje moradores com 88 anos de idade, que tiveram pais e avós nascidos no povoado, montaríamos um quadro regressivo de 126 anos, nos restando aproximadamente 100 anos, tempo considerável para a existência de, ao menos, mais duas ou três gerações anteriores às deles. Dessa forma, não descartamos a possibilidade dos ancestrais mais remotos deles terem permanecido no local. O que pode ser dito mesmo é que existem, na atualidade, em toda São Braz, moradores que realizam atividades listadas no documento. Atualmente, a principal delas é a pesca e a mariscagem, também é muito comum vê-los cosendo redes e consertando canoas que utilizam para trabalhar.

Portanto, para uma compreensão da conjuntura atual sobre o histórico de São Braz, constatamos que sucessões de posse do seu engenho ocorreram simultaneamente. O autor Ott nos informa que em 1859, Inácio Borges de Barros, o Barão do Rio Fundo, o registrou. O inventário de sua esposa, a Baronesa do Rio Fundo, cujo período foi 1900 a 1941, foi encontrado no Arquivo Municipal de Santo Amaro, indicando o falecimento dela em seu *"*engenho de São Braz*",* porém as reais condições do documento não permitiram sua leitura plena. Esses dados nos permitiram inferir que, como citado anteriormente, o senhor João Clímaco já o obteve no período republicano, segundo os moradores, de três moças, as quais os registros orais e documentais não permitiram a construção de suas histórias.

Nesse panorama de sucessões de proprietários das terras de São Braz, segundo alguns moradores, ainda no período de existência do sobrado, o senhor João Clímaco as dividiu, ficando parte delas sob a posse da prefeitura de Santo Amaro e, no momento de seu falecimento, as demais foram vendidas dando à localidade, a conformação que temos na atualidade que se configura na relação dos moradores com o porto e o centro Santo Amaro, na forte e intensa prática da pesca, na significativa presença do samba, nas manifestações católicas, protestantes e umbandistas da fé.

Após o entendimento sobre a sucessão de proprietários do engenho e depois povoado, e as constatações presentes na lista dos moradores do século XVIII, podemos concluir que existindo São Braz desde o século XVII, registrando um número de cem moradores no XVIII e aproximadamente 1085 no XXI, como aponta o recenseamento do IBGE, associado à característica de pouco êxodo entre os moradores, não seria incorreto inferir que houve pouco aumento populacional, considerando pouco mais de três séculos de existência da localidade. Notória também é a grande mobilidade que ocorre na região, isso por

ela estar inserida em um contexto de modernização da sociedade, não sendo contemplativas, do ponto de vista financeiro, as atividades manuais que ainda são desenvolvidas no local. Dessa forma, se pouco é o crescimento populacional associado ao êxodo, grande tende a ser a manutenção das tradições culturais muito provavelmente originárias de sua formação.

Com base na reunião dos documentos e as informações levantadas sobre São Braz, para fins de engajamento da pesquisadora, e em função da objetivação de construir um modelo de intervenção para a formação de pessoas da comunidade sobre sua ancestralidade, cabe encerrar este capítulo apresentando uma primeira versão do quadro de ancestralidade da localidade, derivado dos estudos da investigadora.

Cabe salientar que as questões postas nele serão trabalhadas de forma contínua neste estudo, conforme nos propõe a DBR, visando amadurecer modelos mais apropriados de aplicação, constando neles as categorias de ancestralidades que permeiam esse estudo.

Quadro 2 - Compreensão do pesquisador sobre São Braz, com base nas categorias ancestrais

CATEGORIAS	***ENTENDIMENTO HISTÓRICO DA PESQUISADORA SOBRE SÃO BRAZ***
Relação	Com comunidade de Santo Amaro sendo, provavelmente, do século XVII, período colonial, a densa relação com seus sujeitos, e através destes, com a economia baiana por ter sido engenho de cana-de-açúcar, e com o pacto colonial; Entre grupos étnicos distintos, que tanto em razão da expansão marítima comercial, da carreira das Índias, tráfico transatlântico de africanos, e interprovincial de índios e africanos (mais a partir do século XVIII); De provável aprendizado com grupos indígenas ancestrais locais, presentes em prováveis heranças na cultura local; Secular entre familiares de alguns moradores da região identificados, mais africanos, europeus e ameríndios.
Ligação	Hegemônica hierárquica entre os proprietários do Engenho de São Braz com as estruturas políticas e administrativas de origem ibérica da sociedade que faziam parte; Colaborativa ou não entre senhores de engenho e seus descendentes intercessores da economia, política e modos de reprodução de vidas local da colônia até o império com os indígenas e africanos; Provável entre grupos hegemonicamente menos favorecidos como europeus e brasileiros brancos pobres, índios, africanos escravizados fugitivos e outros etnicamente denominados mulatos, cafuzos e

	mamelucos.
Inclusão	De práticas diferenciadas como a pesca e a mariscagem, introduzidas pelos grupos fundadores da região ao cotidiano dos moradores; De prováveis práticas de acolhimento e solidariedade nos quilombos entre os diferentes etnicamente, mas iguais nas condições sociais, econômicas e interligações culturais.
Diversidade	De etnias e vestígios culturais e sociais deixados pelos povos do passado presentes nas práticas da atualidade. Étnica e religiosa legadas dos diferentes grupos que formaram a região. Convivência pacífica e de "risco" de sofrimento, porém dialética, pois é a diversidade adotada pelo coletivo no trato cotidiano da adversidade e da vida.
Encantamento	Presente na possibilidade de, com base nos vestígios culturais, mensurar o (s) grupo (s) que mais influenciaram a região que, dentre os presentes, provavelmente eram mais africanos que quaisquer outros.

Fonte: Elaborado pela autora.

4 FORMAÇÃO DA SOCIEDADE DE SÃO BRAZ

Tendo em vista o que foi levantado, seja sobre Santo Amaro, ou especificamente sobre povoado de São Braz e, por outro lado, a partir da intenção de melhorar o quadro de número 2, interpretamos ser necessário um melhor conhecimento sobre as etnias que compuseram a contemporaneidade do povoado, na intenção de se construir uma versão mais elaborada do quadro já citado, elemento fundamental para a aplicação a ser desenvolvida em DBR.

Para isso é necessário entender que a associação entre a discussão sobre ancestralidade relacionada ao contexto histórico de São Braz que, como vimos, se inicia milenarmente ao considerarmos que africanos, europeus e indígenas são frutos de sociedades "pré-históricas" e o histórico levantado nas sessões anteriores ocorreu com base nos pressupostos de Martins (2008) que, à luz do pensamento de Gramsci, aponta para o valor ético-político e pedagógico do conhecimento, nos deram indicativos que em muito nos distanciam de um esgotamento das possibilidades de estudos e considerações históricas de São Braz, mas que me permitem situar-me frente ao grupo de estudo ao ponto de tecer um entendimento que tende para uma visão mais específica da localidade.

Nessa perspectiva, adentrar mais especificamente em São Braz será possível na relação entre tradições culturais trazidas pelos possíveis grupos fundadores e que sobreviveram ao tempo. De forma sistemática, inicio essa construção cultural defendendo a hipótese da predominância indígena Tupi na região, mesmo considerando a colocação de Stuart (1988) sobre a existência da prática expansionista de grupos indígenas já no período colonial, associada aos grandes deslocamentos para a fuga contra a escravização e moléstias, reação ao contato com os colonizadores e a necessidade de mão de obra para o trabalho nos engenhos, fatores que evidenciam que houve inter-relações entre eles; são as características culturais deles como o hábito de dormir em redes, os alimentos produzidos na agricultura de subsistência, resultado do sedentarismo, como milho, mandioca, amendoim; o hábito de tomar banho em rios e de utilizar folhas para a cura de moléstias. Além disso, dentre as tradições Tupis, estava a prática da pesca utilizando canoas e redes, como a tarrafa.

A forma de organização social de viver estava expressa também em suas habitações, que eram as ocas, mostrando o quanto a coletividade era a base dos princípios desses grupos. Alguns conjuntos humanos dominavam as técnicas de construir com taipa, nome para designar a liga de barro ressecado, escorado em estruturas de palhas e gravetos, segundo Matta (2013, p.18), “as primeiras cidades e vilas baianas devem muito as suas técnicas e formas de habitar para que tomassem suas primeiras feições”.

O artesanato era, ou ainda é, partindo do princípio de que ainda existem grupos indígenas que mantêm suas tradições, uma característica importante nas sociedades indígenas. Com a palha os indígenas produziam de cestos a redes, sem falar nos adornos, utilizados nos rituais religiosos das aldeias que sempre tinham um líder, o pajé, transmissor do conhecimento nas tribos. Poderíamos dizer que essas foram as tradições genuínas dos indígenas, pois no contato tenso com o colonizador europeu e com os africanos, muitos desses elementos se imbricaram em um processo intercultural agregador de práticas diferenciadas.

As relações entre culturas entendidas pela contemporaneidade são diversas, porém entre os indígenas ela ocorreu com europeus que, para esse trabalho, na perspectiva cultural, serão evidenciados os ibéricos, e com os africanos, de etnias diversificadas. O contato entre culturas diferentes tendem a se constituir com estranhamentos e aproximações, assim, segundo informações do IBGE, na chegada dos europeus ao Brasil no período colonial houve reações de formas diversas dos indígenas, sendo que, no combate a franceses e holandeses, foram os portugueses os mais apoiados por eles em prol da permanência das lutas contra os inimigos tradicionais, no caso da Bahia, os Tapuias. Nesse contexto, os cristãos portugueses ao chegarem ao Brasil, ao menos no segundo período da ocupação, após 1530, trouxeram suas

políticas colonizadoras baseadas na exploração dos meios naturais e físicos e um legado já miscigenado com africanos mouros, visigóticos e romanos.

Dos romanos, os ibéricos herdaram e deixaram no Brasil, além da língua, a estrutura urbana, as municipalidades, a cidadania, a ideia das prefeituras e câmaras. É impactante observar um dos legados ibéricos, visto logo ao entrarmos em São Braz. Falamos aqui da igreja, por ser dos ibéricos, como nos aponta José Mattoso (1997), sobre a tradição de construção de templos para o culto aos deuses. Essas construções, enquanto templos, destacam-se como espaços de manifestação das práticas religiosas, mas para referenciar o cristianismo. Observando a edificação de São Braz, podemos ver que está em um terreno mais alto, com escadas para o acesso. Isso evidencia o quanto se comungava com os ideais de separação do mundo dito "mundano", do mundo dito religioso, pautado pelos portugueses no período colonial. Como, entre os europeus, os grupos vindos para o Brasil eram descendentes de árabes, mouros e judeus em Portugal, e o outro grupo era de portugueses cristãos da região do Douro; há a possibilidade de galegos terem vindo com os colonos, fator que fica fortalecido com as heranças culturais evidentes, sobretudo na culinária.

A culinária, talvez, tenha sido uma das principais formas de interculturação e ao mesmo tempo manutenção de tradições entre grupos distintos que formaram a região, segundo Matta (2013), "do Porto são típicas as mariscadas, os cozidos de peixes e mariscos, com azeite de oliva, a dobradinha, a feijoada, o sarapatel, arroz doce, pão de ló, galinha ao molho pardo ou cabidela, caldo verde, canja de galinha, dentre outros".

Essa forma de interculturação também pode ser evidenciada, por exemplo, na não utilização do dendê nas comidas do Porto. O dendê é um elemento que inicialmente foi utilizado por povos jejes. De outras regiões da África também vieram e foram levadas algumas tradições culinárias como o doce de banana angolano, tão comum nas mesas dos baianos, e a utilização de quiabos, principalmente para o "Calulu" típico do Benim. Em Cabo Verde é feito o pirão de mandioca, inegavelmente aprendido com os indígenas e levados para lá; o doce de leite, feijoada e cocada iguais aos da Bahia; também o cuscuz de origem moura marroquina (Matta, 2013).

Se a tradição indígena sobreviveu a ponto de ter ido para a África, o que dizer sobre sua permanência em São Braz? De fato ela permanece presente e forte. Anualmente, em São Braz, existem dois eventos religiosos que mais trazem aspectos de seus grupos fundadores que são as procissões, instituídas no Brasil pelos jesuítas, desde 1549, no governo Geral de Tomé de Sousa. São Braz herdou o caráter festivo e de penitência, apresentado através das danças e invenções à maneira de Portugal. Para Cascudo (1972, p. 737), a procissão "é o

momento das ‘promessas’ estranhas, vindas do uso português e muitas de longa antiguidade, penitência”. O outro momento que se aproxima das procissões, porém deixa mais em pauta as tradições africanas, é a Lavagem de São Braz. As lavagens, como conhecidas na atualidade, tiveram sua origem no catolicismo. Os escravizados, ao serem orientados por seus senhores a lavarem a igreja para a celebração das missas aos santos de devoção no domingo, aproveitavam para fazer referência às suas divindades.

Nos desdobramentos dessas tradições é notório o quanto a interligação entre culturas está muito refletida nas práticas da comunidade, pois os participantes religiosos que lideram a lavagem, além de saudarem a Oxalá, referenciam Oxum, nas águas de uma fonte, ao que tudo indica secular, existente em São Braz, e utilizada em alguns momentos dessa festividade para lavar os “pés” da cruz, que existia fincada na parte da frente de um dos portos, atual Praça João Borges. Referenciar orixás, que são divindades iorubás cultuadas em regiões como: o Benim, o Togo e a Nigéria, já nos remetem às tradições africanas, mas também os orixás são partes de um processo de relações entre etnias e culturas.

Consciente de que as tradições não são construídas de forma isolada e refletindo sobre a predominância de escravizados no tráfico para o Recôncavo, considero ser mais africana a ancestralidade existente em São Braz, obviamente associada a elementos de outras culturas. Os grupos africanos que vieram para o Brasil receberam “nomes de nação”, tais como “os Minas”, da África Ocidental, e que chegaram ao Brasil durante a segunda metade do século XVI sob a denominação de “gentio da Guiné”, uma vez sendo analisados no contexto do tráfico, por Pierre Verger (*ibdem* p. 207), que nos disse que “minas” no século XVIII, no Brasil, eram os africanos que embarcaram na Costa do Leste ou Costa a Sotavento do Castelo de São Jorge da Mina, sobre eles pouco se têm registros de tradições culturais.

Também os Jejes que, pertencentes à Costa Ocidental da África, daomeanos da região do atual Benim, representavam escravizados falantes de línguas fon, ewe, fanti e twi, língua dos ashanti; falantes do iorubá foram fortemente misturados ao ponto de formarem uma cultura Jeje-Nagô. Assim, uma das formas de manutenção da cultura jeje na Bahia está exemplificada na criação de irmandades, como a de Nosso Senhor do Martírio, criada em 1756, em Cachoeira, e na religiosidade, como o candomblé ewe-fons. Para além disso, formar uma cultura Jeje-Nagô significa dizer que houve também, de forma significativa, a presença de grupos nagôs, ou seja, de grupos da Costa dos Escravos na África Ocidental falantes do iorubá na Bahia. Ser Nagô era considerado ser pertencente a formas urbanas de vivência, porém com familiaridade a práticas rurais como a caça, a pesca e a agricultura. Um dos legados mais representativos desse grupo na Bahia foi a religião, através do culto aos orixás,

que ganharam destaque em relação aos bantos e os jejes, com isso surgiram os candomblés ketu, ijexá, o efã, todos de origem nagô ou iorubá, além do candomblé de egungum, que cultua os ancestrais, esses candomblés não são vistos representativamente em São Braz.

Assim como os outros grupos de escravizados, os malês, no contexto do tráfico de escravizados, sobretudo nos séculos XVII e XVIII, estiveram presentes também em diferentes regiões da Bahia. Portanto, falar de malês é falar de povos distintos como os Haussas, por exemplo, pois segundo Reis (2003, p.178) "foram os Haussas que na Bahia se tornaram prontamente identificados com o islã: Huassa e Malê, apesar da origem iorubá desse termo, se tornaram sinônimos". Sinônimo atribuído, temos que entender que na perspectiva cultural, a construção de um quadro desses grupos perpassava pela concepção de que nagôs, haussas, jejes e tapas, se muçulmanos, eram tidos como malês.

O fato é que em relação às tradições malês, como o uso de patuás e a escrita em árabe, nenhum vestígio ficou ao ponto de ser identificado nos moradores da comunidade de estudo. A predominância do catolicismo pode explicar esse fator, pois portugueses e africanos maleses já brigavam pelas garantias de suas tradições desde a península ibérica. Atentando-nos para o histórico de mais africanos, como os bantos, que segundo Alberto da Costa e Silva é uma palavra:

> [...] usada pela primeira vez em 1862 por W. H. I. Bleek, para designar as numerosíssimas falas aparentadas – mais de trezentas ou cerca de seiscentas, conforme os critérios de classificação adotados- que cobrem uma superfície de uns nove milhões de quilômetros quadrados, ao sul de uma linha quase horizontal, a cortar o continente africano, da baía de Biafra a Melinde. O termo *banto* aplica-se, hoje, também aos povos e somam mais de duzentos milhões de pessoas- que utilizam um daqueles idiomas. (SILVA, 2011, p. 200).

Podemos constatar o quanto é extensa sua área e que ser banto está relacionado a ser pertencente a um grupo linguístico. Ainda, em diálogo com esse autor, foi possível obter informações de que no processo de expansão desses povos, já havia a utilização de canoas e a prática da agricultura, e que eles tinham organização familiar baseada no respeito aos mais velhos, como ocorre em diferentes sociedades africanas. Além disso, esses povos eram conhecedores da metalurgia e, assim como outros grupos africanos, eram agricultores e acredita-se que caçadores, pescadores e coletores; pertenciam a grupos falantes de aproximadamente duas mil línguas, dentre elas as que mais tiveram relevância no Brasil foram o quicongo, língua falada no Congo, Cabinda e Angola; quimbundo, em Angola, ao

redor de Luanda; e o umbundo, em Angola, abaixo do Rio Cuanza e na região de Benguela (LOPES, 1998).

Com base nesses elementos, foi possível perceber que em São Braz os mais velhos são referência para todas as idades; a eles toma-se a bênção e reserva-se algum momento para uma "conversa"; deles ouvem-se as histórias e os ensinamentos. Talvez uma maior percepção de traços bantos se dê no povoado devido a sua relativa "proximidade" com a atualidade, isso se considerando o período inicial do tráfico para o Brasil. Segundo Souza (2008), o historiador Philip Curtin afirmou que dos 1.685.200 escravos recebidos pelo Brasil no século XVIII, 1.134.600 vieram de Angola. Esses dados podem continuar confirmando a hipótese de uma predominância banta em São Braz, pois, se retomarmos ao documento da lista de moradores do engenho, chegaremos, justamente, à segunda metade do século XVIII. Mais ainda, se observarmos as idades, veremos que poucos eram os que tinham mais de 50 anos, fato que os enquadra bastante nesse século. Portanto de Angola herdamos palavras, gestos, e gingas; herdamos o tradicional caruru, oferecido pelos moradores em devoção a santos católicos e a orixás; herdamos também algo que é peculiar e riquíssimo em São Braz, o samba de roda, assim como a capoeira.

Dessa forma, falar da sociedade ancestral de São Braz é construir um entendimento sobre o quanto a comunidade representa um misto de tradições étnicas diferenciadas e, ao mesmo tempo, defender uma predominância africana na região. A africanidade local vai então se configurar nos aspectos relativos à mistura de grupos, para além dos fenótipos, pois embora a maioria dos moradores tenha pele escura e cabelos mais crespos, em suas práticas socioculturais o que fica mais evidente são as relações de interculturalidade dessas pessoas na comunidade.

Tendo em vista o levantamento realizado sobre Santo Amaro, São Braz e um parcial levantamento de suas tradições legadas dos povos constituidores do Recôncavo, construído para meu engajamento, enquanto pesquisadora, criei um quadro que, associado aos dois anteriores e pautado na perspectiva ancestral, me auxilie a sistematizar meu engajamento. Agora, a partir desses aportes sobre as etnias ancestrais, procederemos à construção do quadro 3 de forma mais aprimorada em relação ao 2. Nele, assim como no quadro 2, os elementos culturais serão elencados com base nas categorias ancestres de construção de práticas sociais.

Quadro 3 - Sistematização dos elementos culturais ancestrais que estão presentes em São Braz

CATEGORIAS	***ENTENDIMENTO HISTÓRICO SÃO BRAZ***
Relação	De São Braz com a comunidade de Santo Amaro, em função, também, do pacto colonial, sendo provavelmente do século XVII, período colonial, a densa relação com seus sujeitos, e através destes, com a economia, devido ter sido engenho, fator que deixou elementos presentes nas formas culturais herdadas dos ancestrais formadores da região; Entre grupos étnicos distintos, como indígenas, africanos e europeus que em razão da expansão marítima comercial, da carreira das Índias, tráfico transatlântico de africanos, e interprovincial de índios e africanos (mais a partir do século XVIII), fizeram parte das tensas relações de poder e favorecimentos estabelecidos do lado de cá do atlântico. Entre as práticas atuais dos moradores com as de grupos indígenas ancestrais locais, presentes em prováveis legados, a exemplo, o hábito de dormir em redes, pescar, caçar, o tipo de moradia, o uso da mandioca para a farinha e os mingaus, e do milho para as canjicas. Secular entre familiares de alguns moradores da região identificados mais africanos, europeus e ameríndios.
Ligação	Hegemônica hierárquica entre os proprietários do Engenho de São Braz com as estruturas políticas e administrativas de origem ibérica da sociedade que faziam parte, deixando-as evidentes até a atualidade na estrutura urbanística e ideia de municipalidade trazida pelos ibéricos; Colaborativa ou não entre senhores de engenho e seus descendentes intercessores da economia, política e modos de reprodução de vidas local da colônia até o império com os indígenas e africanos; Provável entre grupos hegemonicamente menos favorecidos, como europeus e brasileiros brancos pobres, índios, africanos escravizados fugitivos e outros etnicamente denominados mulatos, cafuzos e mamelucos.
Inclusão	De práticas diferenciadas como a pesca e a mariscagem, introduzidas pelos grupos fundadores da região ao cotidiano dos moradores; Elementos da culinária e tradições ibéricas como a feijoada, dobradinha, o hábito de comer e servir sarapatel, arroz-doce, pão de ló, a forma cristã de profetizar à fé, a língua latina, a viola.
	De etnias e vestígios culturais e sociais deixados pelos povos do passado presentes nas práticas da atualidade, aos quais se constatou mais africanos, tendo em vista suas práticas, evidenciadas nos tipos de comida, tais como o caruru; o akara; a introdução do azeite de dendê na

Diversidade	preparação de outros alimentos; a capoeira mais angolana; o cuscuz marroquino e o samba de roda, forte na tradição local. Étnica e religiosa legadas dos diferentes grupos que formaram a região, evidenciadas na religiosidade, com a predominância do catolicismo ibero-romano e culto aos caboclos indígenas, em São Braz. De prováveis práticas de acolhimento e compartilhamento de condições socioeconômicas menos prestigiosas nos quilombos, promotoras de convivências tensas, porém dialéticas, devido à diversidade adotada pelo coletivo, no trato cotidiano da adversidade e da vida.
Encantamento	Presente na possibilidade de, com base nos vestígios culturais, mensurar o (s) grupo (s) que mais influenciou/aram a região que, dentre os presentes, provavelmente eram mais africanos que quaisquer outros. Presente na possibilidade de, com base nos vestígios culturais, haver a conscientização sobre uma presença que tende a ser mais africana em relação à indígena, na região.

Fonte: Elaborado pela autora.

5 ESTUDOS HISTÓRICOS E ANÁLISE GENÉTICA

No capítulo anterior, procurou-se sistematizar as características ancestrais que percebemos presentes nos grupos formadores de São Braz. Dessa forma, ficou evidente que não há como refletir ancestralidade no povoado sem considerar a existência de um processo de construção interétnica local, talvez pouco refletida pelos moradores, mas por nós perceptíveis nas entrelinhas de suas falas, ao serem entrevistados, também em seus fenótipos e comportamentos cotidianos. Frente a isso, durante todo o exposto, defendemos existir ancestralidade, principalmente banta, mas também fortemente indígena nas práticas culturais das pessoas do povoado e nos questionamos sobre ser possível obter uma confirmação dessa ancestralidade nas pessoas da região.

Cientes de que associar os estudos históricos a outros elementos de pesquisa é permitido e válido, sobretudo em trabalhos que têm a DBR como metodologia, utilizamos, nessa pesquisa, os elementos da genética como mais uma possibilidade científica para elucidação de algumas questões passíveis de respostas pelas ciências. O que reforça essa escolha é o fato de que estudiosos da área têm desenvolvido pesquisas com base em diferentes exames, utilizando marcadores genéticos que existem em vários tipos, classificáveis de acordo com a natureza da molécula e com a localização genômica, auxiliando, assim, tanto ao

mapeamento do percentual étnico quanto à localização da região dos descendentes das pessoas.

Portanto, associado a essa questão e à metodologia DBR que nos habilita a realizar procedimentos de pesquisa que sejam, de alguma forma, esclarecedores à investigação, é que, movida pelo objetivo de tentar confirmar a ancestralidade étnica dos moradores de São Braz também através da genética, achou-se defensável desenvolver uma investigação nessa direção. Para tanto, era necessária a parceria com um laboratório que realizasse o exame e apoiasse pesquisas nesse âmbito. Destarte, oportuno foi o contato com o Núcleo de Genética Médica: Laboratório GENE, de Minas Gerais, sob a orientação do Dr. Sérgio Pena, gestor da equipe do laboratório que se propôs disponível para auxiliar na pesquisa. Para dar prosseguimento ao experimento, um grupo de 17 moradores do povoado foi selecionado, com base em alguns critérios acordados entre a pesquisadora e o gestor da equipe do laboratório.

Para chegarmos ao percentual de ancestralidade genética dos moradores que participaram da pesquisa, era importante que tivessem preferencialmente pais e avós nascidos na localidade. Desse modo, foi necessário que declarassem o local de nascimento desses parentes, declarassem sua cor, que além de declarada foi avaliada pela pesquisadora, e que dissessem o grau de parentesco com outros participantes do experimento. Além desse levantamento de informações presencial realizado pela pesquisadora, em um momento de interação com os moradores, houve a coleta de saliva para obtenção de células bucais.

Como vimos, através dos marcadores genéticos é possível realizar tanto o procedimento de mapeamento de porcentagem de ancestralidade genética, como a região de onde veio ao menos um dos ancestrais dos moradores. A intenção nesse trabalho era que fossem realizados os dois tipos de procedimentos, porém, com base nas informações do Dr. Pena, o laboratório não mais realizava a segunda etapa do procedimento com exames do tipo DNA mitocondrial e Cromossomo Y, capazes de mapear a região de origem dos ancestrais deles.

Ainda, segundo o gestor do laboratório, essa etapa passou a ser realizada pela *National Geographic*, através do Projeto Genográfico que tem como objetivo registrar novos dados sobre a história migratória da humanidade e responder perguntas sobre a diversidade genética da humanidade.[3] Submeter nosso grupo a essa outra etapa, vinculada a outro local que não o GENE, demandaria mais tempo, pois teríamos que obter nova parceria,

[3]Para mais informações sobre o Projeto Genográfico conferir: http://www.natgeo.com.br/br/especiais/a-grande-arvore-genealogica/sobre-o-projeto-genografico/.

extrapolando assim o prazo estabelecido pelo programa de pós-graduação para a conclusão de dissertações de mestrado.

Entender como é feito o exame genético que mapeia a porcentagem de ancestralidade genética de cada pessoa é importante para a compreensão sobre as etapas necessárias à sua validação. Comecemos então pela noção de que há a categorização de dois tipos de marcadores: os uniparentais e os biparentais. Dentre os uniparentais, são classificados os haplóticos autossômicos (sequência genética relacionada às características comuns aos sexos feminino e masculino), como excelentes para marcar individualidades, e os polimorfismos uniparentais maternos (DNA mitocondrial) e paternos (Cromossomo Y) estáveis, por serem haploides e não sofrerem mutações. É importante esclarecer que os polimorfismos são variações nas sequências complexas de nucleotídeos presentes na molécula do DNA e que são consideradas dessa forma quando essa variação é encontrada na frequência de 1% ou mais.

Esses marcadores de linhagem podem também ser empregados no nível individual, salientando que diante do fato do cromossomo Y, que além de ser o menor dos cromossomos humanos é somente passado pelos pais aos filhos homens e do DNA mitocondrial permitir mapear a linhagem materna dos indivíduos, estes só fornecerão informações sobre um único homem ou mulher ancestral das pessoas entre milhares de antepassados dela. Porém, quanto aos marcadores de linhagem, estes são aplicados ao conjunto de pessoas e fornecem informações confiáveis sobre as proporções de raízes ancestrais dos grupos.

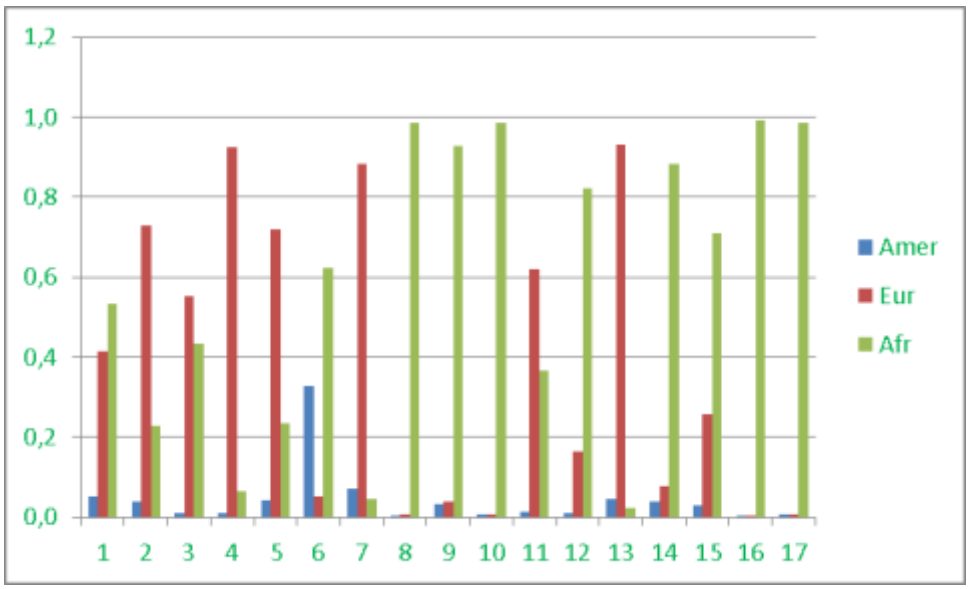
Desse modo, nas amostras analisadas dos moradores de São Braz, foi feita a verificação da ancestralidade genômica, que mostrou uma variabilidade na porcentagem genética com base em grupos ameríndios, africanos e europeus, em meio a uma predominância de autodeclaração de indivíduos de cor preta. Os resultados foram fornecidos com estimativas puntuais, consideradas, como uma estimativa exata, quando se utiliza um único valor extraído a partir da amostra para estimar a população de parâmetro desconhecido com um valor utilizado que é o estimador, e acompanhados de limites de confiança de 90%. Esses limites tendem a ser amplos, refletindo o fato de que os resultados se referem a testes feitos individualmente.

Com base nessas explicações, foi possível chegar à constatação sobre a maior ou menor proporção de ancestralidade genética africana, europeia e ameríndia existente nos 17 moradores que participaram da experiência. Esses resultados se mostraram significativos, pois auxiliaram na resposta de uma das hipóteses da pesquisa de que havia na região maior ancestralidade africana, devido ao processo de escravização ocorrido de forma predominante no Recôncavo, dentre as regiões da Bahia. Em contrapartida, o exame genético não nos

auxiliou na elucidação da questão sobre serem, ou não, mais bantos ou indígenas os moradores de São Braz, fator que possivelmente seria evidenciado com a realização da segunda etapa do procedimento.

Com a análise dos dados dos moradores, houve a constatação que dez deles, todos autodeclarados pretos, tiveram maior ancestralidade africana; sete (seis autodeclarados pretos e um autodeclarado pardo), tiveram maior ancestralidade europeia. Na variabilidade em relação à ascendência ameríndia e europeia, dos dez moradores com maior ancestralidade africana, verificou-se segunda maior ascendência europeia em oito; um teve uma segunda maior ancestralidade indígena, e um apresentou índices de ancestralidade indígena e europeia equivalentes. Do contrário, dos sete moradores com maior ancestralidade europeia, cinco têm uma segunda maior ancestralidade africana e dois possuem segunda maior ancestralidade indígena. Confira o gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Variação genética apresentada nos exames dos 17 participantes do experimento em São Braz



Fonte: elaborado pela autora.

Ao tratar de ancestralidade, muita relevância, também, nesse experimento, tem sido dada ao estudo com os mais velhos, pois do grupo de moradores que dele participaram, 11 possuem idades superiores a 70 anos; quatro, têm mais que 50 anos, e dois, mais de 45 anos. Relacionar o fator genético às idades e histórias dos moradores, obtidas através dos depoimentos orais, nos oportunizou o levantamento de mais elementos locais para a composição do quadro de compreensão sobre o povoado.

Para tanto foi elementar ouvir os moradores da região, pois entendemos que, na ordem social, a tendência é que a aprendizagem parta dos mais velhos para os mais jovens, assim foi nas sociedades africanas, também nas indígenas e parece-nos que também em São Braz; claro que com isso não descartamos a possibilidade dos mais jovens terem um nível de conhecimento ancestral considerável, mas com base na memória e história trazidas pelos mais velhos entende-se que muitas e melhores são as possibilidades de reconstrução das referências locais.

Constatando tal fator, evidenciamos também a impossibilidade em desenvolver estudos nessas regiões sem nos valermos de depoimentos orais, pois, enquanto metodologia utilizada para a pesquisa, eles auxiliam a reconstruir mapas representativos de uma realidade coerente das sociedades; coerência essa obtida através das partes dos relatos atrelados à mediação do cientista social. Através dessa metodologia é possível um aprofundamento de alguns aspectos de realidades concretas, nesse caso, dos processos históricos que envolveram a região, considerando as estruturas sociais, políticas, econômicas e as relações cotidianas das pessoas. Com isso, temos que ter consciência que as pessoas, ao focalizarem suas lembranças, tendem a construir, com mais concretude, as fases vividas pelos grupos sociais aos quais estão inseridas, isso ao constatarmos que os depoimentos orais envolvem a memória e todos os sentidos que podem ser atribuídos a ela, e destinam ao pesquisador o delinear de aspectos relevantes, que muitas vezes ficaram à margem da história oficial.

Dessa forma, é de suma importância identificar, nas falas dos depoentes, os mecanismos políticos e econômicos que organizavam as relações sociais, tendo consciência de que os reflexos desses mecanismos podem permanecer ainda no cotidiano delas. Identificando tais fatores, torna-se possível um aprofundamento das relações entre passado e presente, sendo que o passado vem para o presente de acordo com as necessidades dele. Tal constatação é muito relevante quando estudos que envolvem a história oral são desenvolvidos em comunidades rurais colonizadas secularmente, exemplo disso é quando, ao questionar alguns dos entrevistados de São Braz sobre o conhecimento de histórias de “escravidão”, em suas respostas havia pausas, silêncios e uma negação visivelmente construída. Muda-se o termo e questiona-se sobre o conhecimento de histórias de “cativos”, as respostas mudam; percebe-se então que as construções históricas sociais tecidas sobre os escravizados soam pejorativamente para esses grupos e que, se alterar os termos, modificam-se os entendimentos.

Esses elementos foram notados nas entrevistas estruturadas elaboradas com o intuito inicial de se obter informações sobre o tempo de existência das famílias no povoado, refletindo sobre uma maior presença africana na região, devido ao processo de escravização

ocorrido no Brasil desde o século XVI, oficialmente finalizado no XIX. Sendo assim, as falas dos moradores, associadas aos exames genéticos, nos permitiram analisar uma São Braz mais remota, na qual as lembranças perpassaram muito em torno da Igreja de São Braz, que hoje está em ruínas; foram obtidas também informações sobre a conformação geográfica do povoado antigamente e sobre os ex-escravizados que viveram no local.

A partir dos depoimentos e resultados dos exames, vamos observar que maioria ou minorias genéticas não são determinadoras das práticas culturais dos indivíduos, elas se sobressaem em relação aos seus fenótipos. Assim sendo, dos dez moradores com idade acima de 70 anos, apenas uma, a senhora "L.Q." com 89 anos atualmente, não nasceu em São Braz, porém foi considerada para o experimento por ter vindo de uma região limítrofe, chamada "Engenho Novo" e ter migrado para aquela localidade com sua família, antes de completar um ano.

Foi pertinente a contribuição dela para essa etapa da pesquisa, pois com base em sua idade e período de vivência no local, ela relatou informações significativas sobre ele, como a que segue:

> São Braz era mato, muita lama, pouca casa, casa salteada, não tinha muitas casas, casas salteadas, aqui mesmo, aqui nessa rua (Avenida Sete Casas), bem pouca casa tinha, porque meu pai, quando veio fazer casa aqui só tinha uma casinha que era ali perto da fonte, que era ali mesmo, no mesmo lugar que é hoje, e tinha a casinha de um senhor chamado Sr. Macáro, parecia até que ele não era brasileiro nem nada, essa gente antigo, de antiguidade, todo pequenininho escurinho, bem escurinho, me lembro como hoje de Sr. Macáro. (SANTOS, 2012, p. 2).

Além de relatar como era São Braz, a entrevistada faz referência à presença de um homem, que talvez pelo seu fenótipo e suas características, tenha sido considerado por ela como antigo. É possível que o termo "antiguidade", associado às características da cor da pele e à forma como é falado, tenha se referido a um homem africano. Se considerarmos o período de nascimento dessa entrevistada, associando-o à lembrança desse homem, é provável que ele tenha sido um homem nascido nos final do século XIX ou início do XX, provavelmente inserido no contexto da pós-abolição da escravatura no Brasil.

Com base nesse panorama, tivemos no relato da entrevistada citada anteriormente a informação de que a migração de seus pais para São Braz foi pelo fato de que eles se negaram a continuar desenvolvendo atividades sob o mando de um "feitor" e foram expulsos do local. Isso evidencia que ainda no século XX as relações de trabalho nas zonas rurais se davam dentro de uma estrutura de hierarquias e de imposição de poder. Outro dado considerável para

a análise genética dessa entrevistada é o resultado de seu exame, que apontou para um percentual de 99% de ancestralidade africana e 1% europeia. Tal fator evidencia o baixíssimo nível de inter-relações étnicas que envolveram os primeiros grupos de sua família.

Relevante também ao tomá-la como base é que, se considerarmos o ano de seu nascimento, 1924, atrelado ao fato de que possivelmente os nascimentos entre grupos oriundos do processo de escravização não aconteciam em idades avançadas, estima-se que seus pais, originários do Engenho Novo e do Santa Catarina, também limítrofe ao São Braz, fossem nascidos aproximadamente em 1900; seus avós, também desses engenhos, em 1880, fase ainda de tráfico de escravizados para o Brasil oriundos de grupos do Congo, Angola e delta do Níger, portanto, bantos, porém uma fase de maior evidência do tráfico interprovincial, devido a ilegalidade do tráfico de escravos para o Brasil, após a promulgação da Lei Eusébio de Queirós, fator que agrega mais elementos de interculturalidade entre as diferentes etnias que estavam presentes também em Pernambuco e Rio de Janeiro.

Estamos falando aqui de menos de dois séculos de existência histórica e constatando que, ao trazer à tona sociedades brasileiras originárias no período colonial, é plausível que muitas discussões surgissem proporcionando uma articulação histórica entre fatos e evidências, neste caso, genéticas. Retomando a citação dessa primeira entrevistada, convido o leitor a pensar sobre quem seria o Sr. Macáro. Seria um ex-escravizado que ainda vivia no local? Teria ele pertencido ao Engenho São Braz? Teria migrado para lá?

Essas são questões que permearão o imaginário de todos nós, talvez não sejam passíveis de respostas. Ainda sobre o Sr. Macáro e sobre outro morador, possivelmente descendente de escravizados, nos falou o participante “E.A.”, de 75 anos.

> Ele morava numa rua que tinha aqui, chamava Beco do Curuzu. Ele não morreu em São Braz, foi embora. Ele era pretinho, preto, preto mesmo, ele era tão preto que o sol quando batia, ele chegava luminar. [...] ele era pequenininho, tinha a orelha grande, falava apertado, o português claro assim ele não falava não. Também naquela época a gente não prestava atenção a nada disso, fazia mais era anarquia. (AMADO, 2013).

Esse entrevistado, pescador na região, também participou da análise genética registrando 92% de ancestralidade europeia. Continuando seu depoimento, falou sobre um ex-escravizado que viveu em São Braz. É importante trazer essas constatações para nossos estudos, pois embora o entrevistado enfatize que o ex-escravizado era de outro engenho, acredita-se que os limites geográficos que conhecemos hoje não eram relevantes no período de escravização ao ponto de segregar grupos, e que a distribuição de escravizados poderia não

ser homogênea para os engenhos, mas possivelmente deveriam considerar as levas de africanos que vinham naquele período de regiões mais específicas da África. Com isso, é provável que, do ponto de vista cultural, os grupos tivessem características comuns em alguma medida. Ele nos disse:

> Tinham outros aqui pretos como ele. Tinha um aqui que se chamava Saracó. Sr. Saracó foi escravo, morreu, já tem uns 25 anos que morreu, morreu com uns 103 anos. Morava aqui em São Braz, ele contava que tinha sido escravo. Ele contava o que ele tinha passado, o que ele sofreu nos engenhos; o engenho que ele trabalhou chamava São Gonçalo. Ele falava que quando veio de longe foi direto para São Gonçalo trabalhar no engenho de Sr. Alberto, o pai de Antoninho Barreto. Sr. Saracó, ele sim falava coisas que a gente entendia mesmo como africanas, como escravo mesmo. [...] ele sentava, esticava a perna e dizia: - menino, isso aqui era do batuque que a gente batucava, eu com meu compadre Fala Grosso, meu compadre Joaquim, de bater, fazer a festa, de bater canela com canela. Falava que os donos dos engenhos, assentados na porta botavam eles de corpo nu para bater canela com canela. Era dança para alegrar as filhas do barão. Ele dizia que tinha dia, quando eles não trabalhavam bem, colocavam aquela correntona nos pés deles e mandavam andar, era uma coisa de ferro. Quando ele chegou em São Braz, que eu me lembro, ele tinha uns 90 anos (AMADO, 2013).

É possível que o entrevistado tenha falado de forma hipotética sobre a idade e ano de falecimento desse senhor, pois considerando os dados apresentados, ele, teria nascido dois anos antes da abolição da escravatura, 1886, não sendo mais escravo quando adulto e, ao fazer referência à perna do Sr. Saracó, o depoente explicou que ela era fina, devido à possível dança, de bater canelas. Para além das considerações sobre esses moradores, esse entrevistado trouxe algumas outras sobre as tradições do povoado:

> Tinha um velho aqui que se chamava Sr. Tomaz, era um dos antigos [..] Sr. Tomaz era avô de “M”, o pai de “M” era seu “P”. Ele era um velho de tradição daqui, sabia fazer coisa que a gente duvidava. Hoje a gente duvida, mas antigamente acreditava nessas coisas que aquela gente fazia. [...] ele tinha aquele poder, era reza que ele tinha. (AMADO, 2013).

Observemos que nesse relato, além de falar sobre a tradição da reza que era passada de geração a geração e ainda existente na localidade, ele nos falou também sobre os parentescos. As relações de parentesco existentes entre os moradores é um fator característico do local, porém mostrou-se relativizado quando a análise é a variabilidade genética ancestral entre eles. Esse elemento pode ter suas explicações no fato de determinados genes serem passados pelos pais aos filhos homens e outros serem para analisar as matrilinhagens.

Dessa forma, no grupo analisado houve a presença de mãe e filho, irmãos, tios, sobrinhos e primos. Além disso, é perceptível, em São Braz, considerações de parentesco que em muito se assemelham aos de grupos africanos, sobretudo ao constatarmos a descrição de

Russel (2001), ao pontuar que as sociedades africanas se apresentavam em um formato tanto matrilinear quanto patrilinear, e que grande importância era dada à formação da família e parentesco, que poderiam ser tanto por afinidade quanto por consanguinidade. Já entre os grupos indígenas, tão heterogêneos quanto os africanos e os ibéricos, dentro de suas formas de organização social, o parentesco era a base da estrutura social deles, se encontrando bem configurado na família extensa, presente em uma unidade articulada em torno de um patriarca ou uma matriarca, em uma concepção muito próxima a da família africana.

Essa relação de parentesco entre os indígenas se estabelecia tanto por consanguinidade quanto por afinidade política. É no seio da família indígena que se veem a aplicação dos conhecimentos passados por gerações anteriores, sobretudo os que respeitam e valorizam a natureza e os ritos do grupo. Mas é possível que tenha sido dos ibéricos que nossa sociedade tenha herdado a organização e hierarquização das relações familiares pautadas na presença do patriarca, chefe da família, tomador das decisões e gestor de todas as orientações do grupo.

Considerando todo esse panorama, salienta-se que, no grupo analisado, existem entrevistados com relações de parentesco sanguíneo entre si, porém um caso chama a atenção. O entrevistado, “P.M.”, de 72 anos, primo da entrevistada “L.Q.”, citada anteriormente, teve a segunda maior ancestralidade africana dentre os analisados, 98%. A relação de parentesco entre eles ocorreu pela linhagem paterna dela, pois seu pai era do Engenho Santa Catarina e os pais dele também; como ela foi, geneticamente, a que teve maior ancestralidade africana, e vimos que utilizando um dos marcadores é possível a análise com base nas informações passadas pela parte paterna, talvez tenhamos encontrado justificativa para o fato dessa equivalência nos resultados de ambos. Tanto ele quanto ela mantiveram suas famílias no povoado, alguns de seus familiares não mais vivem em São Braz, saíram para o trabalho em capitais, mas não deixam de retornar às suas referências, segundo os relatos trazidos.

Outro relato que despertou atenção é o do entrevistado “A.O.” nascido no povoado, com 88 anos, idade próxima a de “L.Q.”, primeira entrevistada trazida nesse texto. Em seu exame genético foi verificado maior ancestralidade europeia (estimada em 73%). Seus pais, avós e bisavós nasceram na localidade, dessa forma, ao perfazer o mesmo caminho, baseado no da entrevistada citada anteriormente, poderemos considerar que há grande possibilidade de seus bisavós terem nascido aproximadamente em 1860, dez anos após a promulgação da lei inglesa para a proibição do tráfico, e da efervescência deste entre as províncias brasileiras, fato que fazia com que africanos das mais diversas etnias estivessem transitando nessa e em outras regiões de escravização. A esse período, talvez pelo grande contingente de africanos na

região, não há notícias da presença de grupos indígenas, mas sabe-se que havia uma sociedade patriarcal baseada no poder dos senhores de engenhos, e notícias de revoltas e rebeliões na região, revoltas que faziam com que grupos que dialogavam religiosamente, como os muçulmanos, por exemplo, tivessem contatos com outros semelhantes que viviam no centro urbano, Salvador.

No contexto das relações de parentesco, chama-se a atenção para o fato de que o entrevistado citado anteriormente é irmão da participante "M.C.", com 79 anos, maior ancestralidade africana (53%) e segunda maior ancestralidade europeia (42%); os dois são tios de "A.M.", de 55 anos, com quase 82% de ancestralidade africana e 17% europeia. Nesse caso, o tio herdou o gene europeu, talvez pelo fato de haver genes que são passados dos pais para os filhos homens, porém, se analisarmos em termos culturais, qual seria a maior influência sofrida por esse grupo que compõe a mesma linhagem?

No caso dos irmãos, são eles filhos do mesmo pai e da mesma mãe. Na situação da sobrinha, a relação com esse núcleo é com a parte paterna, sendo que a materna também é originária de São Braz, e até seus avós, segundo seu depoimento.

Inevitável é continuar a análise sobre o prisma das relações de parentesco. Mais dois irmãos participaram do experimento, o primeiro é o Senhor "O.S.", com 74 anos e 98% de ancestralidade africana, sendo os outros 2% de ancestralidade genética divididos igualmente entre ibéricos e ameríndios. O segundo é o Sr. "M.S.", com 75 anos e 93% de ancestralidade africana, 4% europeia e 3% ameríndia. Segundo seus depoimentos, o pai era da Ilha de Mar Grande e a família materna de São Braz, ambos cresceram desenvolvendo o ofício de pescador, e um deles, tradicionalmente, cultua *Cosme e Damião*, santos gêmeos, venerados pelos praticantes do catolicismo levado à Península Ibérica pelos povos romanos, e vinda para o Brasil em uma perspectiva de religião dominante, ao ponto de ser disseminada entre os grupos indígenas, em um contexto catequizador, mas burlada pelos africanos que passaram a associar os santos católicos às suas divindades.

Essa inter-relação entre as tradições também religiosas deixou em São Braz, assim como em outras regiões colonizadas, diferentes legados como a tradição do caruru, comida de Angola, feita no Brasil, com quiabos e óleo de palma africano, mais conhecido como azeite de dendê. Tal comida é oferecida por "O.S." todos os anos, na data reservada aos santos/orixás. Esse fator deixa evidente a presença ou influência de grupos angolanos na região.

Outro par analisado, dentro do contexto do parentesco sanguíneo, foi mãe e filho. A mãe, Senhora "A.M.", com 67 anos e 71% de ancestralidade africana; o filho, "C.A.", com 47 anos e 93% de ancestralidade europeia. Esse foi um dos entrevistados que se declarou preto.

Embora traga em seu fenótipo pele clara, ele deixou evidente o quanto a discussão sobre ser negro ou não é muito mais política e ideológica do que epidérmica e está inserida dentro de políticas reparadoras. Além de ter se declarado preto, mas ter pele clara, esse entrevistado, assim como um grupo significativo de homens do povoado, culturalmente falando, integram o movimento "rastafári", desenvolvido no século XX, por trabalhadores e camponeses afrodescendentes jamaicanos, nação descoberta pelos espanhóis e localizada no mar das Caraíbas.

É um movimento que foi iniciado com base na interpretação bíblica e na posição de Hailê Selassiê como Imperador da Etiópia, país independente. Sua perspectiva foi de mobilização dos negros africanos a terem orgulho de tudo que é africano, chamando-os a se aproximarem da natureza, das ervas. Observemos que esse foi um movimento que teve início na Jamaica e ganhou o mundo também com a figura e música de Bob Marley, o *reggae*, muito escutado na localidade.

Outras tradições são vistas no povoado como a capoeira, que tem suas bases ancestrais nos povos bantos, situados abaixo do Saara, e tinha suas referências em uma dança ritual dos grupos angolanos, denominada *N'golo*, representando a disputa de dois jovens por uma moça durante a iniciação. Mais uma vez registramos influência angolana na região, pois é de lá que se origina a capoeira que, ao chegar ao Brasil, obteve outros desdobramentos, como o nome, devido ao local onde acontecia. Mestres de capoeira, como Cobra Mansa, Bimba e Acordeom, em vídeo (2011), registraram o quanto ela é africana, explicando a existência de hipóteses que apontam para que ela tenha vindo pronta nos navios negreiros, além da utilidade do berimbau, principal instrumento para sua realização na caça e ritos fúnebres no continente africano, e o fato de ela ter agregado elementos indígenas como o nome, significando, *"*aquilo que era mata".

Relataram ainda que nos portos houve a agregação das chamadas *"armas brancas",* inseridas pelos europeus. Sobre esse fator pode-se afirmar que há controvérsias, não negando a importância das inter-relações entre diferentes grupos e culturas nos portos, principal elemento de ligação e comunicação para as regiões inicialmente colonizadas, mas segundo Silva (2011), também os africanos produziam as chamadas "armas brancas" através dos utensílios domésticos, como as facas.

O traçar de todas essas características culturais, sobretudo a que faz referência à capoeira, é para falar de um dos entrevistados e participantes do experimento, o senhor "M.M.", com 85 anos e 88% de ancestralidade europeia. É um renomado e respeitado mestre de capoeira da região. Além disso, promove eventos culturais na localidade, sendo o precursor

do bumba meu boi, tido como uma manifestação cultural brasileira que faz a junção de elementos indígenas, europeus e africanos. Através desse resultado, associado à atividade prática desse morador, podemos afirmar que esse exame genético foi válido para ratificarmos que não é a maior ou menor presença biológica de genes de uma dada etnia que irá ditar a construção social de cada grupo, isso irá variar de acordo com as influências culturais mais presentes em suas localidades.

Relevantes e até curiosos são os dados obtidos no exame do morador "D.A.", de 51 anos, com 62% de ancestralidade africana e 33% ameríndia. O que torna esse resultado um diferencial? Em todo tempo, na região em que se desenvolveu o estudo, defendeu-se que mais perceptível, até pela história, são os indícios da presença de grupos africanos e dos indígenas. O que foi notado para nós, em São Braz, até o momento, foram as características culturais ainda muito fortes, como o hábito dos moradores de dormirem em redes, a utilização de canoas para pescaria, o consumo da mandioca, a prática de comer pirão e o próprio nome da área onde fica São Braz, "Patativa", porém não mais os vemos com suas características primárias, como sabemos existir em outras regiões do país, a exemplo da Amazônia, e até mesmo em regiões da Bahia como Porto Seguro, Camamu, Curaçá, Ilhéus, dentre outros. O que explicaria então essa presença significativa de ancestralidade indígena em um homem do século XX que nos deu informações de que seus pais e avós maternos e paternos foram nascidos na localidade, considerando sua idade e estimando o período de nascimento de seus pais e avós? Temos aí um percurso histórico de cem anos aproximadamente.

Se considerarmos também o período de possível existência de mais três gerações de sua família, faz quase dois séculos de existência, período no qual há notícias de grupos indígenas na região. Com base nessas análises e hipóteses, podemos afirmar que um resultado de exame genético para mapeamento de ancestralidade abre uma gama de possibilidades de análises, podendo cogitar o fato de que genes de índio podem ter sido passados da parte paterna de sua família, resultando na porcentagem verificada, o que é relevante para se chamar a atenção sobre a presença significativa desses povos nas regiões de colonização europeia, mesmo passados tempos cronológicos e históricos da existência humana.

Com isso pode-se inferir que talvez nem a cor da pele, nem a porcentagem ancestral genética presente em seu corpo ditará sua maior ou menor influência cultural, pois há indivíduos geneticamente mais europeus diretamente inseridos e perpetuadores de tradições africanas, bem como, pessoas mais geneticamente africanas se valendo de elementos indígenas para sua sobrevivência.

Exemplo disso ocorre quando observamos o depoimento do Senhor “G”, de 85 anos e que, embora nascido na cidade de Camaçari, viveu em Acupe, região limítrofe a São Braz, a qual abriga tradições semelhantes às do povoado, e tinha uma tia no povoado. Ao ser perguntado sobre a história de São Braz, disse que: “no tempo do cativeiro, isso aqui era usina, era engenho. Daí para cá, a gente não viu, não alcançou nada aí”. (SOUZA. G, 2012).

É muito provável que esse morador tenha obtido essa informação com outros mais antigos ou a partir de suas análises históricas em relação à região, pois a referência que apresenta não é somente de um engenho, também menciona ter existido no local uma usina, estrutura posterior aos engenhos no recôncavo baiano. Na descrição sobre o povoado, o senhor “M.M.”, de 85 anos, nos disse:

> São Braz tem muita história, eu alcancei São Braz com poucas casas de telha, só tinha casa de palha, quando eu nasci só tinha casa de palha, eu mesmo nasci em uma casa de palha. Quando apontava lá mamãe estava forrando com aquelas esteiras, aqueles negócios, que não existia plástico, era esteira, forrava a casa antes da chuva chegar, quando chegava estava molhando tudo dentro de casa. (PEREIRA, 2012).

Observemos que a estrutura de construção de casas com palhas nos remete às tradições indígenas de habitações, porém como estamos a enfatizar durante todo o escrito, além das heranças indígenas, as informações que nos remeteram a encontrar vestígios bantos na localidade também foram parte das memórias trazidas pelos moradores, sobretudo com base em falas como a do Senhor “A.O.”, de 88 anos sobre as histórias de cativos contadas a ele:

> [...] Ouvi pouco. Meus pais contavam que meus avós contavam a meus pais que no tempo da escravidão os escravos apanhavam para trabalhar e trabalhavam apanhando, e eu tive a oportunidade de encontrar aqui no sobrado daqui, um lugar que chamava “Cafua”, onde prendia os escravos e um lugar chamado tronco, onde passava a corrente na perna dos escravos e deixava preso ali [...], isso eu ainda alcancei aqui. E o sobrado está com pouco tempo que foi destruído, foi demolido está com vinte e tantos anos. (SOUZA, 2012, p. 2).

Obter imagens da região onde ficou o sobrado foi empreitada complexa, pois é necessário adentrar o matagal e percorrer um caminho que somente os moradores que brincaram neste sobrado quando pequenos conseguem fazer. Foi dessa forma que conseguimos as imagens da “Cafua”, presentes no capítulo I, porém não foi possível ver o referido tronco ou ao menos vestígios dele.

Outros moradores, como a Senhora “D.N.”, por exemplo, ao ser indagada sobre a existência de engenho ou história de cativos respondeu:

> Até meus avôs não chegou essa época de escravo não. Aqui já teve [...] eles contavam que aqui já teve a escravidão antes um tempo. Quando eu tomei conhecimento mesmo, entendimento se tratava aqui Engenho São Braz, não era arraial, era Engenho São Braz, porque tinha engenho que era dos cativos. (NEVES 2012).

Outras observações e depoimentos apontam, também, para a existência de tradição católica na região, com a presença de vários santos católicos, como nos disse “L.Q.”, de 89 anos, e da devida importância dada às missas no povoado:

> [...] Sr. São Braz, Nossa Senhora da Conceição, tinha muito santo aqui. Sr. dos Passos, tinha muito santo aqui, então, tinha um Senhor, mas uma Senhora que moravam ali naquela rua para quem vai para o porto, ele chamava Sr. T. e ela chamava ..., [...] Me esqueci o nome dela agora. Carregou o santo da igreja tudo de lá de cima e botou cá embaixo, botou lá na casa deles, tinha um quartinho com os santos tudo lá. Esse santo ficava lá, quando era tempo da missa, que aqui a missa de antes era de ano em ano, só tinha missa mesmo de ano em ano. Quando era dia de São Braz, que tinha missa, Sr. T. pegava Sr. São Braz, Sr. dos Passos e botava cá na praça aonde fez o altar, pra dizer a missa. (SANTOS, 2012).

A praça à qual se refere a entrevistada é a atual João Borges, onde, segundo informações dos moradores, existia uma cruz fincada; ela fica na parte acima de um dos principais portos de São Braz, era aos pés dessa cruz que acontecia a lavagem do povoado.

Como vimos, as entrevistas nos auxiliaram a confirmarmos a existência de um processo de miscigenação em São Braz. A presença de portugueses, miscigenados com africanos, germânicos e romanos, de indígenas migrantes do continente asiático, pelos dados históricos, inicialmente do tronco tupi-guarani e posteriormente de outros troncos linguísticos como o Macro-Jê e africano, possivelmente das mais diversas etnias, permitem questionamentos sobre a formação étnica de determinados grupos e incitam a utilização de subsídios que auxiliem no mapeamento da ancestralidade de moradores de regiões rurais seculares como a que é objeto desse estudo. Hipoteticamente, se cogita o fato de serem mais africanos os ancestrais de São Braz, devido ao processo de escravização que trouxe milhares de africanos para o Recôncavo baiano.

Com base nisso, e cientes que o desenvolvimento de estudos genéticos tem auxiliado bastante as discussões sobre ancestralidade no Brasil, trazendo à tona questionamentos sobre as referidas classificações de cor e outros como as políticas de reparação para os povos negros, originárias no seio de movimentos sociais, como o Movimento Negro Unificado

(MNU), por exemplo, e, a partir do entendimento sobre a importância e relevância que as discussões sobre ancestralidade trazem para a contemporaneidade, sem a intenção de esgotar os temas e propostas que envolvem a identidade do povo brasileiro, podemos concluir, nesse capítulo, que a relação de consciência ou identidade cultural, posta aqui não como uma identidade estática, mas como aquela que pode ser construída com base nos elementos culturais das comunidades, se sobrepõe em relação aos aspectos genéticos. Isso por termos em São Braz grupos mais geneticamente europeus, que praticam tradições bantas como a capoeira e o samba de roda, que se autodefinem negros e militam a partir de grupos e tradições que vêm da África, como o *reggae*.

A contrapartida quase inexiste em relação aos mais geneticamente africanos e autodeclarados negros, pois em suas práticas, naquela comunidade, trazem fortes tradições africanas como a participação em eventos culturais do tipo lavagem do povoado; o respeito às tradições do caruru, como o de São Cosme e São Damião, bem como, elementos indígenas/africanos como a pesca, o trabalho com as redes de pesca e a mariscagem, dentre outros. Com base nessas constatações, podemos nos questionar se os moradores de São Braz em algum momento de suas trajetórias refletiram sobre suas heranças biológicas e suas formas de vivência. Será que para eles é importante o ser geneticamente mais africano, indígena ou europeu? Tentaremos descobrir através da intervenção pedagógica.

Como forma de sistematização das informações verificadas nesse estudo, apresentaremos o quadro quatro, com um aprofundamento dos dados obtidos no quadro três, devido a uma maior parceria da comunidade, pois nesse capítulo, para além da construção histórica dessa comunidade, e do olhar do pesquisador sobre ela, constam mais informações oriundas de um processo maior de interação com as pessoas que nela vivem.

Quadro 4 - Análise histórico-humana-cultural dos dados do grupo de moradores de São Braz

CATEGORIAS	***ENTENDIMENTO HISTÓRICO SÃO BRAZ***
Relação	Com comunidade de Santo Amaro, sendo, provavelmente do século XVII, período colonial, a densa relação com seus sujeitos, e a probabilidade de terem os moradores contemporâneos ancestrais nascidos no período de escravização e pós-abolição; Entre grupos étnicos distintos, que tanto em razão da expansão marítima comercial, da carreira das índias, tráfico transatlântico de africanos e o interprovincial de índios e

	africanos (mais a partir do século XVIII), legou as presenças de tradições religiosas com base ibérica e elementos africanos, como o culto a São Cosme e São Damião, realizado por alguns de seus moradores; e o caruru, comida vinda de Angola; também as indígenas, como os caboclos; Entre a maior ou menor proporção de ancestralidade genética africana, europeia e ameríndia existente nos 17 moradores que participaram da experiência, e suas práticas de vida no local; Entre as ligações de parentesco fortes existentes na comunidade, podendo ser tanto sanguíneo ou por afinidade.
Ligação	Hegemônica hierárquica entre os proprietários do Engenho de São Braz com as estruturas políticas e administrativas de origem ibérica da sociedade que faziam parte; Colaborativa ou não entre senhores de engenho e seus descendentes intercessores da economia, política e modos de reprodução de vidas local da colônia até o império, com os indígenas e africanos; Provável entre brancos pobres, africanos escravizados e indígenas, na fuga contra o escravizador; Nas relações das idades dos moradores, associadas à história da localidade, ao ponto de, com os dados da genética, mapear a maior ancestralidade; Entre passado e presente histórico, através dos relatos da presença de ex-escravizado em São Braz, da utilização de elementos indígenas para a construção de casas, como a palha e a esteira;
Inclusão	De práticas diferenciadas como a pesca e a mariscagem, introduzidas pelos grupos fundadores da região ao cotidiano dos moradores, bem como, presença de elementos bantos e indígenas nas práticas culturais de moradores, como a capoeira, que agrega elementos angolanos e indígenas; Na provável relação de comunicação e apoio entre grupos menos favorecidos, na perspectiva da sociedade hegemônica, associados a elementos genéticos que dizem a porcentagem maior ou menor de ancestralidade presente nos descendentes desses grupos; De elementos ibéricos, como o culto aos santos católicos tais como: o Senhor São Braz, a Nossa Senhora da Conceição e a Nossa Senhora dos Passos.
Diversidade	De etnias e vestígios culturais e sociais deixados pelos povos do passado presentes nas práticas da atualidade, que, uma vez relacionados aos exames genéticos e aos depoimentos orais,

	apontam uma predominância da presença banta na região; Étnica e religiosa, legadas dos diferentes grupos que formaram a região, e também biológica, associada a elementos culturais que desfazem a relação entre cor e práticas culturais. De formas de manifestações de posicionamento político, como ser pertencente a um grupo “rastafári”, “ser quilombola”.
Encantamento	Presente na possibilidade de, com base nos vestígios culturais, se mensurar o (s) grupo (s) que mais influenciou/aram a região - de todos os grupos presentes, provavelmente mais africanos que quaisquer outros. E verificar que ao longo de alguns séculos, geneticamente, existirem moradores que têm nível baixíssimo de inter-relação entre grupos, sendo quase cem por cento africanos.

Fonte: Elaborado pela autora.

6 EDUCAÇÃO COM BASE EM ANCESTRALIDADES

Discutir educação com base em ancestralidade histórica tecida no tempo, espaço e existência, conceito que embasou todo o escrito ao ponto de gerar quatro quadros de reflexões sobre São Braz, significa elencar todas as informações obtidas através das fontes testemunhais que vivem na comunidade, bem como as documentais, levantadas a partir dos dados passados pelos moradores e das concepções históricas da pesquisadora em relação à comunidade em questão. Para tanto, levou-se em consideração a percepção de que a comunidade já construía seu conhecimento ancestral que, com base em suas práticas, demonstra o quanto traços culturais de seus grupos formadores estão presentes em seu comportamento. Dessa forma, refletir sobre educação ancestral nesse capítulo, primeiro significa analisá-la junto com a comunidade, para que esta possa validar ou refutar o quadro de referências históricas culturais construídas com base nas informações passadas por eles, associadas à pesquisa histórica e percepções da pesquisadora sobre o campo de estudo em questão.

Desse modo, como forma de engajamento, no processo da pesquisa, tornei-me o mais próxima possível da comunidade no intuito de estabelecer uma parceria encontrando na moradia local a medida adequada para essa aproximação. Estava eu, sujeito partícipe da sociedade em questão, por ser Santo Amaro local de vivência dos meus ancestrais maternos, os moradores de São Braz, pessoas envolvidas diretamente no processo de levantamento das informações históricas culturais locais, classificadas entre, inicialmente os mais idosos devido ao objetivo de, a partir de suas trajetórias de vida e a de seus ancestrais, obterem-se dados

mais remotos sobre as práticas sociais das pessoas da comunidade, e os demais moradores interagindo comigo, enquanto integrante da comunidade, através de conversas também informais.

A relação pautada entre pesquisadora e as pessoas da comunidade visou à interação e engajamento, voltados para a questão da aprendizagem, pois, para Vygotsky, a aprendizagem é uma realização social e não individual [...] (NÚÑEZ, 2009). Nesse sentido, os postulados socioconstrutivistas, sobre a mediação dos sujeitos com a realidade imediata, e de que o processo ensino aprendizagem, principalmente realizado em um meio social contextualizado historicamente, significativo na práxis ativa daqueles que aprendem sujeitos no processo de construção de conhecimento, são de suma importância para esse trabalho.

Portanto, a partir dessa parceria tecida com a vivência na comunidade, das entrevistas direcionadas, das conversas informais, das investigações documentais, foram construídos os elementos necessários ao desenvolvimento dos capítulos, destacados nos quatro quadros presentes nos capítulos anteriores. Desses, o de número quatro foi apresentado em um encontro com a comunidade, que ocorreu em uma das escolas municipais da localidade, Escola Dr. Dorival Guimarães Passos, cujos corpos docente e discente mostraram-se parceiros e apoiadores da pesquisa realizada, ao ponto de disponibilizarem sala de aula para o encontro, um projetor multimídia e outros elementos necessários para essa fase da pesquisa.

Embora a comunidade evidencie interesse sobre o trabalho a ser realizado, ao ponto de tecer diálogos constantes com a pesquisadora, para esse momento, tendo em vista a estimativa de 1085 moradores de São Braz, foram selecionadas algumas pessoas para participarem da reunião. Foram escolhidos alguns mais velhos que contribuíram tanto com as entrevistas quanto com o exame genético, representantes de associação de quilombos de São Braz, pescadores locais, estudantes do fundamental II de escola local, professores, da comunidade, alguns engajados nas questões culturais de São Braz e atuantes na defesa do reconhecimento dos direitos dos pescadores, também donas de casa e representantes do Samba Chula, de São Braz. O encontro foi realizado com as presenças de 15 moradores, dentre eles uma das moradoras mais antigas do povoado, participante também da análise genética. Dele saíram algumas opiniões, dúvidas, sugestões e propostas de atividades para a intervenção pedagógica, como iremos ver ao longo do texto.

Esse momento de apresentação do quadro de número quatro, referente à ancestralidade, ocorreu para a validação ou recusa dos dados elencados sobre sua ancestralidade, para que, de acordo com as considerações trazidas pelos participantes, ser construído um quadro de propostas de intervenção pedagógica para o aprendizado ancestre,

haja vista durante todo esse escrito se ter valorado os aspectos que nos remetem ao resgate da ancestralidade histórica da comunidade, entrando ela aqui como compromisso pedagógico.

Ao falar em educação, é pertinente pontuar o quanto a aprendizagem entendida enquanto modificação do comportamento do indivíduo, em função de suas experiências e conhecimento, consiste num processo sócio-histórico. Dessa forma, é possível considerar que uma educação intervencionista, na qual as construções ocorram de acordo com e no meio em que a pessoa vive, seria a mais adequada para as relações entre grupos heterogêneos como os de São Braz, inseridos tanto no âmbito regional como no mundial secular. Isso pelo fato de que existem lá sujeitos ativos, e permitindo que o conhecimento aprendido dê significação às suas experiências naquele ambiente.

Foi dentro desse panorama que, no momento da apresentação do quadro quatro, a devida atenção foi dada aos processos de inter-relações étnicas e culturais. Ao observarem as informações e documentos sobre o engenho São Braz, as formas de vida dos moradores relacionadas aos de seus grupos formadores e as variações genéticas interferindo ou não no cultural cotidiano, os próprios moradores que estavam participando do processo, que denominarei de “amostragem”, constataram que existiram uniões, interferências e agregações culturais, sociais e políticas presentes em elementos tão fortes em suas formas de viver seculares, na atualidade de suas vidas. Com isso, pode-se considerar que esses moradores são capazes e já constroem o próprio conhecimento - construindo e não reproduzindo -, porque o que eles evidenciaram, com as interferências feitas, as confirmações sobre conhecer possíveis ex-escravizados e descendentes como o Senhor Macáro e Saracó.

Na utilização por uma das participantes, de elementos indígenas como a mandioca para fazer um bolo, foi a existência de práticas culturais de vida, refletidas em seu cotidiano, que se perpetuam no tempo, e estas são passadas para os demais de uma forma processual histórica, inevitável devido às vivências e contextos seculares. Mediante os fatores acima, podemos constatar que há em São Braz a construção de conhecimento, pois embora seja certo que o contato com o outro possa gerar rupturas e transformações, esse nunca gerará a incapacidade de construção de seu próprio conhecimento, de conscientização.

Voltando às discussões, sobretudo às considerações de que tecer ancestralidade no Recôncavo envolve o tempo, o espaço e a existência dos que praticam, na atualidade, comportamentos, gestos e falas daqueles que os representaram no passado, e que consequentemente permanecem no presente, isso por estarem tanto os do passado quanto os do presente no “tempo do contexto”, do contexto cultural, foi possível afirmar que em São Braz os elementos práticos da ancestralidade dificilmente se perderam com as demandas da

modernidade. Muitas práticas, como as de pesca, caça, coleta, festas religiosas e as diferentes manifestações culturais permanecem mantidas em um constante e criador vir a ser ancestre, muitas vezes não refletido, por aqueles que as desenvolvem como heranças culturais tecidas com o tempo, nas ligações entre as diferentes culturas.

Por isso sabe-se que, ao considerar a ancestralidade como um modo de interpretar e produzir a realidade, ela se relacionará diretamente com a educação, pois "uma educação baseada na ancestralidade é aquela na qual as pessoas são chamadas a refletirem sobre suas referências culturais" (OLIVEIRA, 2007, p. 258) e que dão origem à sua história, de forma que por mais que mudem os contextos ou que sejam eles heterogêneos, possam entender que são as partes que formam o todo ancestral social.

O objetivo dessa "amostragem" foi convidar os moradores da comunidade para, a partir do diálogo sobre os elementos do quadro quatro, validado através das afirmações feitas por eles sobre existirem nele dados que refletem suas vivências, se tornarem multiplicadores do olhar ancestral, de forma a não somente apreender aquilo que está aparente e presente em seus cotidianos, mas refletirem todo o tempo individual e coletivamente sobre suas raízes ancestrais que, segundo eles, com base nas informações do quadro, foi possível ver presente na figura do mais velho, síntese histórica e biológica dos diferentes grupos que compuseram a região, nas diferentes formas de ser e viver, nas diferentes formas de educar e ver/fazer crescer seus descendentes. Refletimos que assim foi, e provavelmente ainda é, nas comunidades indígenas, nas africanas e quiçá nas ibéricas.

Foi unânime a constatação da importância da figura do mais velho, sobretudo a percepção de que suas práticas cotidianas permitem que se perpetuem suas referências mais remotas, porém os moradores foram chamados a refletirem e dialogarem sobre a consciência que os mesmos têm sobre de onde se originam suas práticas cotidianas.

Embora esse momento da pesquisa tenha sido realizado em uma escola, local entendido como de todos e para todos, precisamos ter consciência de que não será somente na escola que a educação deverá ser sistematizada, pois como nos leva a constatar Mendonça (2012, p.196), na educação a interpretação deve estar vinculada à transformação. Portanto, ao virem e discutirem sobre os elementos presentes no quadro, foi facilmente possível a constatação, por parte deles, de que há em São Braz diferentes espaços para um aprendizado ancestre; podendo ser o ambiente familiar, o das manifestações culturais, do trabalho artesanal, da pesca, coleta e caça. Serão também os de construção do saber, que são pluriculturais, considerando o tipo de sociedade, onde as diferenças se somem formando um

todo variável, pois serão novamente carregados de diferenças que se somarão e que formarão novos, em um constante vir a ser, um movimento contínuo de aprendizagem.

Para a análise presente no parágrafo anterior, foi importante refletir sobre educação ancestral, tomando como base a perspectiva do educar com sabedoria, proposta por Eduardo Oliveira (2007). Muito referenciada para grupos africanos, nela, os seres humanos são educados para respeitar ao próximo, principalmente aos mais velhos; são educados para o progresso da família e da comunidade, para o bem de todos. Para além disso, quando tratamos de grupos como os situados no Recôncavo, ampliar o olhar, refletindo essa educação voltada para comunidades, que embora na atualidade levantem uma bandeira de reconhecimento enquanto quilombolas, estejam conscientes da importância de criarem a consciência de que não deverão denegar as demais contribuições de outros grupos sociais.

Uma vez que o foco dessa pesquisa é o de refletir a educação com base nas ancestralidades existentes em São Braz, muito boa seria a possibilidade de mapear as formas de educar de cada um desses grupos, o que seria tema para outra dissertação. Mesmo sem fazer um aprofundamento, se pontuarmos a educação indígena ocorrida com base na observação dos mais velhos pelos mais jovens, e da mesma forma nas sociedades africanas, é impossível não observar que ao menos essas formas ainda se perpetuam em São Braz, através das cantigas de roda, na formação de origem angolana das “rodas”, nas rodas de conversa e aprendizagem, na inserção de meninos e meninas na lida com o marisco nos mangues de São Braz.

E se estamos falando de uma comunidade marcada pelas diferenças, temos a certeza do quanto a educação, enquanto processo coletivo e cultural, está presente na realidade cotidiana dessa comunidade, isso pelo fato de que ela se enraíza e se fundamenta nas relações com os ancestrais. Dessa forma, uma das questões postas na amostragem foi sobre de que forma podemos trabalhar uma prática de ensino aprendizagem coletiva ancestral dentro de São Braz? Como a ancestralidade que aqui é posta como compromisso pedagógico pode ser trabalhada de forma coletiva na comunidade?

Esse questionamento parte da concepção de que na medida em que há o aprendizado em meio social, mediado por ferramentas sócio-historicamente construídas, há a compreensão de que a participação daquele que configura o outro social tende a contribuir para mediar a relação daquele que aprende com a realidade produzida coletivamente. Dessa forma, as respostas foram unânimes e simples: através da relação das atividades cotidianas dos moradores com os legados culturais de seus grupos formadores. Tudo que é produzido por

eles deve ser registrado, pesquisado, relacionado e difundido em conjunto. Segundo os participantes da “amostragem”, essas seriam as ações educativas mais viáveis.

6.1 IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA REGIONAL E DO EXAME GENÉTICO DO GRUPO DE MORADORES DO POVOADO

Registrar, pesquisar, relacionar e difundir as práticas culturais cotidianas dos moradores de São Braz insere-se em uma perspectiva educativa que torna pertinente para nossa discussão o estudo da História Regional, introduzido oficialmente na História, a partir da escola dos Annales; porém, chamamos a atenção para a importância de ela aparecer bem relacionada com a história macro das populações estudadas.

Na perspectiva de pesquisar espaços e contextos esquecidos ou que precisam ser revistos e repensados, e na contrapartida da ênfase a temas históricos já consagrados, propõe-se uma valorização das peculiaridades contidas nas histórias de localidades originárias do período colonial, como é São Braz. Para nossa construção e aplicação do modelo de intervenção, se intenta trazer o estudo de região distante daqueles que coincidem com fronteiras políticas juridicamente definidas, até pelo fato de que as demarcações distritais, como se sabe, não eram tão bem definidas e limitadas quando do surgimento dessas localidades.

Esse olhar para a região ocorre na intenção de refletir a partir dos elementos culturais e sociais que estão dentro das localidades; sobre o quanto estão inseridos em relações macro, que envolvem as partes com o todo, e questionando o todo que certamente se converterá em novas partes, exemplo disso é o fato de existirem, dentro de São Braz, pessoas que utilizam canoas, elementos presentes nas diferentes sociedades e que se desenvolveram no entorno de rios, cujos habitantes praticavam a pesca.

Em relação às canoas, o grupo participante pontuou haver indícios de que tenham sido os índios os pioneiros na utilização delas; mas se estamos falando de relações interculturais, podemos refletir que uma vez que elas estiveram inseridas na relação entre o colonizado e os colonizadores das terras do Recôncavo, teremos outros desdobramentos como utilizações para a condução de cristãos catequizadores, propagadores do cristianismo italiano, que penetraram a Península Ibérica através dos romanos.

Com base nisso, o grupo participante da amostragem sugeriu que, em relação às canoas, fizéssemos vídeos com entrevistas de pescadores no trabalho com elas e nas suas manutenções, nos falando de seu entendimento sobre sua primeira utilização. Isso mostra que

ao estudarmos a História regional, com todo respeito aos Annales e aos pesquisadores que utilizam essa corrente historiográfica para seus estudos, não nos detemos a analisá-la na perspectiva da micro-história, pois, segundo Barros (2004, p.153), “a micro-história faz uma redução de escala de observação, no intuito de perceber aspectos não vistos em análises macro”, tal fator é questionável, por não haver a possibilidade de, em uma região, seja ela qual for, não existirem questões que estejam diretamente inseridas em contextos macro que, na maioria das vezes, foram determinantes para a composição de sua formação e que não foram devidamente pesquisados e questionados pela sociedade. Em São Braz isso fica bem evidente, pois foi possível constatar, no capítulo anterior, que existem lá elementos indígenas, ibéricos, africanos e quiçá de outros grupos que, talvez pela limitação histórica e teórica, ou pela nossa proposta de trabalho, não puderam ser identificados nesse contexto.

Com isso, o estudo regional aqui pontuado é aquele que, uma vez identificando as semelhanças, vão se aprofundar para destacar as diferenças que se interligam possibilitando:

> [...] novas óticas de análise do estudo de cunho nacional, podendo apresentar todas as questões fundamentais da História (como os movimentos sociais, a ação do Estado, as atividades econômicas, a identidade cultural etc.) a partir de um ângulo de visão que faz aflorar o especifico, o próprio, o particular. A historiografia nacional ressalta as semelhanças, a regional lida com as diferenças, a multiplicidade. A historiografia regional tem ainda a capacidade de apresentar o concreto e o cotidiano, o ser humano historicamente determinado, de fazer a ponte entre o individual e o social. [...]. (SILVA, 1990 apud CAPRINI 2010).

Olhar a história de São Braz, considerando que ela está inserida no âmbito regional, permite também testar algumas hipóteses como a levantada nesse trabalho sobre a possibilidade de se construir os percursos ancestrais de seus moradores, considerando os principais grupos formadores da sociedade da região. Também oferece a possibilidade de ampliar a compreensão histórica sobre a região e seus povos e romper com estereótipos historiográficos ou políticos em relação à miscigenação, por exemplo. Esse fator foi fortemente percebido e discutido na amostragem, tendo como base a análise dos dados genéticos da localidade. Um dos principais questionamentos feitos pelo grupo presente foi referente ao baixíssimo nível de mistura étnica em moradores cujos índices de ancestralidade genética africana variaram entre 98 a 99%. Assim, como falar sobre relações interétnicas em São Braz, considerando que um determinado núcleo, pouco, geneticamente falando, se inter-relacionou com outros ao longo de séculos de existência?

Com base nessas constatações, houve questionamentos sobre como realizaríamos uma proposta de intervenção que conscientizasse os moradores sobre as ancestralidades ali

presentes relacionadas ao fator genético. Inicialmente, tendo consciência de que sua própria vida é uma grande história e que, no caso de comunidades como a estudada, onde o êxodo é relativamente baixo, ela está inserida, de fato, no contexto local.

Uma das participantes destacou que aprender História dessa forma acabaria com os discursos constantes dos estudantes sobre não gostar de História. Isso posto, o fato é que se formos mais adiante, pensando em sala de aula, precisaremos entender que um ensino voltado para a ancestralidade deverá se distanciar do ensino de História pautado na memorização de datas e textos dos livros; da moral religiosa e do civismo instituído; ele deverá privilegiar os aspectos culturais da humanidade para um saber histórico que promova consciência.

6.2 EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA

Com base no proposto acima, é impossível dialogar sobre educação ancestral, regional-global sem refletir sobre o contexto das pessoas, isso pelo fato de que uma educação voltada para a valorização das experiências práticas de cada um irá proporcionar melhor aos aprendizes – que, nesse contexto, são todos os envolvidos na comunidade, inclusive eu, enquanto filha de integrantes da sociedade Santo Amarense e moradora de São Braz – o exercício do questionamento e a problematização de nossa realidade, possibilitando o exercício da consciência crítica que, muitas vezes, não ocorre porque:

> A falta de consciência crítica, fator que atinge maior parte da população, se completa em duas questões: a tendência natural do ser humano de agir não analiticamente perante o mundo e seus objetos de forma imediata (o fato das coisas não se mostrarem imediatamente em essência, aparecendo tão somente o aspecto fenomenológico) (KOSIK, 1976 Apud VERENA, 2008).

Intenciona-se assim o exercício da consciência de mundo, posto na dialogicidade com a sua existência, que é regional e global ao mesmo tempo, fator evidenciado de forma contextual histórica no capítulo do contexto histórico. Mas para que haja consciência, é necessário conscientização, “a conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica, na qual, a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (FREIRE, 1980, p. 26).

Epistemologicamente falando, os princípios de Gramsci dialogam com as perspectivas de Paulo Freire, pois, organicamente falando, todos os indivíduos constroem seus conhecimentos, não sendo tábulas rasas, prontas para receberem e codificarem informações.

Além disso, a conscientização posta pelo autor está relacionada ao desenvolvimento do seu método de alfabetização, que consiste na consideração da realidade prática dos indivíduos. Dessa forma, se considerarmos alfabetizar como um momento de aprendizado que envolve vocabulários, vivências, contextos, e que o método posto por ele nada se aproxima de uma perspectiva rígida de aprendizado, mas de um caminho para a construção de consciência crítica da realidade dos indivíduos, poderemos dizer que aprendizes conscienciosos deverão ser todos os envolvidos no processo de formação de uma sociedade. Nesse aspecto, poderíamos conceber o método como:

> [...] um conjunto de princípios que têm de ser permanentemente recriados, na medida em que a realidade outra e sempre diferente exige que esses princípios sejam lidos de maneira diversa. E enriquecidos de maneira diversa. É por essa razão, que, no fundo, seu método é uma espécie de provocação aos intelectuais e à realidade para que eles o recriem, a fim de traduzir os princípios metodológicos segundo as exigências e responder, assim, a diferentes realidades concretas. (FAUNDEZ; FREIRE, 1985, p. 41 Apud, CARVALHO, 2008).

Portanto, nesse estudo, contamos com uma abordagem metodológica, a DBR, que envolve princípios dialéticos para responder às realidades concretas. Nessa perspectiva, como, uma vez entendida a forma de alfabetizar de Paulo Freire, adotá-la para tratar de uma educação, “alfabetização ancestral”?

A “alfabetização ancestral” aqui proposta não denega o conhecimento prático das formas de vida do grupo, ela é posta para um pensar sobre como se construir uma reflexão sobre seu tempo, seu espaço e consequentemente sua existência. Caberia bem aqui que tudo fosse posto no plural, pois os tempos - não somente o cronológico, mas também o da vida prática - são diversos. O espaço sofre constantes modificações com base nas diferentes e semelhantes formas de existência. Inserida nela podemos conceber a aprendizagem também tomando como base propostas que dialogam com os estudos de Vygotsky referentes à mediação e interação. A mediação concebida na aprendizagem, através da ação mediada, compartilhada entre os sujeitos e modificada pelas ferramentas; a interação dando sentido e relevância à mediação sob a intervenção da relação de intencionalidade e de sentido do conhecimento aprendido na interação social.

Dessa forma, foi com base nessas análises e questionamentos que na amostragem houve sugestões de alguns modelos de intervenções pedagógicas de aplicação, que fazem referência aos grupos formadores dos povos da localidade em suas práticas culturais.

6.3 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA A CONSTRUÇÃO DO APRENDIZADO ANCESTRE

Para início de entendimento, devemos pontuar que toda prática educacional deve ser resultado de soluções cognitivas que podem ser analisadas, de acordo com os pressupostos de Matta (2011, p. 242), nos indicando que elas deverão conferir proposta epistemológica, didática e de interatividade para o processo de ensino-aprendizagem. Com isso, chama-se atenção para a necessidade de se projetar, cuidadosamente, cada detalhe que viabilize sua elaboração. As soluções cognitivas aqui propostas serão desenvolvidas para garantir que através delas se tenha uma ou mais formas de difusão do conhecimento ancestre dos moradores de São Braz, com uma abordagem que pressuponha que "a construção do conhecimento ocorra através das interações entre sujeito singular e seu ambiente ou contexto social, em diálogo e prática permanentes voltados para a solução de problemas práticos" (MATTA, 2011) focando no processo de construção e reconstrução continuado, que envolve as pessoas participantes do processo e o contexto em que vivem.

Dessa forma, é preciso que se tenha consciência de que existem alguns elementos necessários para a efetivação de propostas de solução pedagógica voltada para o conhecimento e reflexão sobre ancestralidade, pautados no pensar em como construir e refletir sobre uma abordagem sobre ancestralidade para o povoado de São Braz, em analisar a relevância dessa abordagem para os moradores daquela localidade, em refletir sobre quais grupos serão escolhidos para participar do processo, sobre a forma de buscar e de construir o conhecimento. Mesmo considerando que o processo de aprendizagem é contínuo, será necessário saber onde começar e terminar a aplicação dessas propostas, sem, com isso, entender que elas serão encerradas, mas que o processo será o de perpetuar tais descobertas.

Inicialmente houve a apresentação dos quadros de ancestralidade; após a apresentação foram feitos questionamentos sobre a pertinência das informações contidas neles, bem como a abertura para a complementação das informações. Alguns aspectos foram mais discutidos, tais como o fato da confirmação de ter sido São Braz um povoado e sobre as percepções das presenças de ex-escravizados no local, trazidas por alguns dos entrevistados, além da importância dos estudos históricos para a comunidade.

Passado esse momento de validação dos dados, seguiu-se ao convite e aceitação da elaboração de propostas de intervenção cognitiva articulada em dois momentos: o primeiro de construção dos elementos de ancestralidade junto à comunidade e o segundo de exposição e diálogo sobre os elementos construídos, com o todo da comunidade.

Os participantes desse momento entenderam que as próprias atividades práticas dos moradores são expressões do legado cultural deixado por seus diferentes grupos; dessa forma, propuseram que organizássemos ações de conscientização que culminassem em uma feira/exposição na Fonte de Kaú, local onde existe uma fonte, provavelmente secular, aberta em forma do círculo, ao qual podemos remeter à forma angolana de vida. As ações foram as seguintes:

a) Realização de entrevistas e filmagens com pescadores em seu trabalho diário, no trato com as canoas e redes de pesca, na chegada da pescaria;

b) Filmagem da prática de preparos de xaropes com ervas medicinais da região;

c) Filmagem e fotografias de pessoas da comunidade salgando peixes;

d) Filmagem e fotografia de moradores fazendo comidas típicas como o caruru e o bolo de mandioca semelhante à pamonha;

e) Apresentação de cordel que conte a história do povoado;

f) Momento de encontro para que pescadores possam contar como realizam seus trabalhos e com quem aprenderam aquelas práticas;

f) Exposição de fotos de mulheres da comunidade catando ostras e trabalhando com bambu;

h) Entrevistas e fotos de apresentações do Samba Chula, de São Braz;

i) Fotos de casa de taipas que ainda existem na localidade;

j) Barracas para a distribuição das comidas típicas;

Todas essas propostas foram novamente apresentadas à comunidade para sua validação e construção das formas de execução com indicações das pessoas entrevistadas e filmadas, das fotos tiradas, da forma de atrair o máximo de pessoas da comunidade, das investigações que foram feitas para apresentação dessas propostas, das organizações das comidas típicas e organização das apresentações. Em todo esse contexto importou ter em mente que nas propostas apresentadas o foco foi o aprendiz e que dentro de cada uma delas garantiu-se as interações sociais envolvendo os moradores do povoado, os contextos, bem como os conteúdos. Garantiu-se a interatividade, entendida enquanto práticas sociais dos sujeitos e práticas de vida comum.

Considerar fundamentalmente a importância do bom entendimento e valorização do contexto, colocado anteriormente também no plural, pois, pensando de forma sócio construtivista ele será individual e coletivo. Será individual no momento em que estiver relacionado com as subjetividades de cada um, ele é parte das questões formuladas

internamente, e passará a ser considerado coletivo no momento em que o sujeito, externando suas concepções internas, interagir com o coletivo de acordo com interesses e práticas comuns. Além disso, o contexto estará imbricado também na escolha dos conteúdos, pois aquele que projeta a atividade deverá entender que o sujeito aprendiz, em seu processo cognitivo, deverá estabelecer relações contextualizadas. Outra análise importante quando se propõe soluções cognitivas é considerar que deverá haver entre os envolvidos no processo uma espécie de articulador, chamado por Matta (2011) de "projetista". Deverá haver um entendimento sobre mediação articulada a uma gestão do processo do conhecimento. Claro que com isso não se propõe um distanciamento entre os sujeitos e os projetistas, até pelo fato de que é pertinente que o pesquisador esteja inserido no processo de aquisição e troca de conhecimento.

Consequentemente, é preciso esclarecer que propostas cognitivas que abranjam grupos de dadas sociedades devem priorizar a forma colaborativa de construção e aplicação, baseada no trabalho em grupo.

6.4 INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS POSTAS EM PRÁTICA: PRIMEIRO MOMENTO

Como dito anteriormente, as propostas listadas no primeiro encontro foram apresentadas à comunidade para a estruturação. Dessa forma, houve o convite para um novo encontro, agora tendo como critério para convite as pessoas que participaram do encontro anterior, pelo fato de terem visualizado e interagido frente às informações presentes no quadro de ancestralidade apresentado. Esse segundo encontro aconteceu em redor da Fonte de Kaú e contou com a presença de 11 pessoas que estruturaram as ações, seguindo uma ordem de acontecimentos descritos na página anterior.

Para primeira ação houve a realização da roda de conversa com pescadores e marisqueiras, que em si, já trazia o sentido de estudo ancestral presente na constituição da roda, e presente, sobretudo, na prática da capoeira e nos sambas-de-roda, remetendo-nos a elementos angolanos de constituição cultural. Para a segunda ação foram listados nomes de pessoas da comunidade que têm a prática de salgar os peixes, catar mariscos e trabalhar com bambu; quatro participantes se responsabilizaram em consultá-los para a realização das fotos e também providenciaram as fotos das casas de taipa presentes na comunidade. Uma participante comprometeu-se em fazer o caruru para que pudéssemos filmar e a outra que habitualmente faz o bolo de mandioca para vender na comunidade se comprometeu em fazê-

lo para nossa apresentação, para isso ela nos convidou a acompanhá-la desde a retirada da mandioca até a produção do bolo.

Em relação ao cordel, a professora da escola Dorival Passos, que já desenvolve trabalho com os estudantes envolvendo essa literatura, juntamente com a pesquisadora, organizaram as oficinas contando com o primeiro momento de apresentação da história do povoado; o segundo, de apresentação do quadro de ancestralidade; e o terceiro, de confecção do cordel. Dentre os presentes, nos dois encontros, estava um dos participantes do Samba Chula de São Braz, ele se responsabilizou em nos conceder imagens dos sambadores e tocadores, além de organizar um momento para diálogo com os mesmos, garantindo, também, a apresentação deles no dia do evento que aconteceria nos dias 17 e 18 de maio, na área interna e externa da fonte. Esse participante se responsabilizou em ajudar nas filmagens e a doar uma faixa falando sobre o evento. Como faríamos o caruru e o bolo de mandioca, outra moradora se comprometeu a fazer o Efó, comida à base de folhas, principalmente Língua-de-vaca, camarão, amendoim, castanha e pimenta, e outra, a cocada para compor as barracas de comidas típicas; um morador se encarregaria de trazer bebidas à base de folhas.

Como estamos tratando de aprendizado e sabemos que os elementos apresentados não falam por si sós, determinamos ser conveniente a existência de monitores que ficariam durante todo o evento no primeiro dia, falando sobre o histórico dos elementos presentes nas barracas.

Para dar “forma” à roda, foram convidados aproximadamente vinte pescadores e marisqueiras, porém compareceram apenas três. Também não foi possível contar com a presença da pessoa que faria a filmagem. Devido ter sido chamado na véspera para trabalhar em Santo Amaro, ao ponto de não conseguir ter avisado que se ausentaria.

A ausência dessa significativa quantidade de pessoas e a vivência da pesquisadora na comunidade suscitou a reflexão sobre a efetiva participação dos moradores em ações que não demandem ganhos materiais, que tratem de sua história e memória local. Dessa forma, como entender que pessoas que sempre reclamaram dos pesquisadores dizendo que estes “sugam” todas as informações sobre o local e vão embora sem deixar referências ou resultados dos trabalhos desenvolvidos por eles junto à comunidade, não comparecem para a mudança deste quadro?

Talvez a resposta esteja no fato de que, assim como na academia, há entre a população uma resistência, ou não, prática de trabalhos que a envolva enquanto construtora de sua realidade, fator que pode ser visto como tendencioso, pois provoca nos moradores de comunidades, como a de São Braz, um esvaziamento de consciência histórica cultural.

Academicamente falando, tal prática está relacionada à prerrogativa da necessidade de distanciamento entre o pesquisador e o pesquisado, no desenvolvimento dos estudos acadêmicos.

Nesse sentido, alicerçada pela DBR, metodologia que visa sempre o refinamento das ações para a resolução dos problemas da pesquisa, foi necessário, junto à comunidade, rever a forma de abordagem e envolvimento das pessoas nas ações interventivas. Foi feita nova reunião para a mudança das formas de ação; nela estiveram presentes aproximadamente sete pessoas, dentre elas professores, coordenadora pedagógica da escola Dorival Passos e donas de casa. Como proposta, enquanto pesquisadora, sugeri que o trabalho partisse de um grupo da comunidade que já estaria presente no desenvolvimento das atividades, esse grupo seria composto pelos estudantes do 5º ano da referida escola.

Dessa forma, ficou acordado que todas as ações seriam desenvolvidas por eles e culminariam na apresentação dos resultados na Feira de Ancestralidade, a ser realizada na escola, local aberto à comunidade e que é composta por muitos pais dos estudantes. A forma contínua de sistematização dos contextos apresentados nesse trabalho tem gerado quadros explicativos, dessa forma segue-se ao quinto quadro para apreciação.

Quadro 5 - Educação contextualizada com base em Ancestralidade

CATEGORIAS	**EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA COM BASE EM ANCESTRALIDADE**
Relação	Com a comunidade de Santo Amaro, sendo provavelmente do século XVII, período colonial, a densa relação com seus sujeitos e a probabilidade de terem os moradores contemporâneos ancestrais nascidos no período de escravização e pós-abolição; Entre grupos étnicos distintos, que tanto em razão da expansão marítima comercial, da carreira das Índias, tráfico transatlântico de africanos e o interprovincial de índios e africanos (mais a partir do século XVIII) legou a presença de tradições religiosas com base ibérica e elementos africanos, como o culto a São Cosme e São Damião, realizado por alguns de seus moradores, e o caruru, comida vinda de Angola, e as indígenas como os caboclos; Entre a maior ou menor proporção de ancestralidade genética africana, europeia e ameríndia existente nos 17 moradores que participaram da experiência, e suas práticas de vida no local; Entre as ligações de parentesco forte existentes na comunidade, podendo ser tanto sanguíneo ou por afinidade. Entre a forma indígena e africana de educar com base na observação dos

	mais velhos pelos mais jovens, tecendo relações de respeito e reverência entre as pessoas da comunidade. Entre os aprendizes conscienciosos que deverão ser todos os envolvidos no processo de formação de uma sociedade. Entre uma "alfabetização ancestral" que valorize o conhecimento prático das formas de vida do grupo, posta para um pensar sobre como construir uma reflexão sobre o tempo, o espaço e, consequentemente, a existência dos moradores.
Ligação	Hegemônica hierárquica entre os proprietários do Engenho de São Braz com as estruturas políticas e administrativas de origem ibérica da sociedade que faziam parte; Colaborativa ou não entre senhores de engenho e seus descendentes intercessores da economia, política e modos de reprodução de vidas local, da colônia até o império, com os indígenas e africanos; Provável entre brancos pobres, africanos escravizados e indígenas, na fuga contra o escravizador; Nas relações das idades dos moradores associadas à história da localidade, ao ponto de, com os dados da genética, mapear sua maior ancestralidade; Entre passado e presente histórico, através dos relatos da presença de ex-escravizados em São Braz, da utilização de elementos indígenas para a construção de casas, como a palha e a esteira; Entre as pessoas, visível para aprender com as cantigas de roda, na formação de origem angolana das "rodas", nas rodas de conversa e aprendizagem, na inserção de meninos e meninas na lida com o marisco nos mangues de São Braz.
Inclusão	De práticas diferenciadas como a pesca e a mariscagem, introduzidas ao cotidiano dos moradores pelos grupos fundadores da região, bem como, presença de elementos bantos e indígenas nas práticas culturais de moradores, como a capoeira, que agrega elementos angolanos e indígenas; Na provável relação de comunicação e apoio entre grupos menos favorecidos, na perspectiva da sociedade hegemônica, associados a elementos genéticos que dizem a porcentagem maior ou menor de ancestralidade presente nos descendentes desses grupos; De elementos ibéricos como o culto aos santos católicos, como Senhor São Braz, Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora dos Passos; Dos elementos indígenas, ibéricos e africanos presentes nas comidas que são preparadas cotidianamente pelos moradores e que carregam ensinamentos passados pelos seus ancestrais.
	De etnias e de vestígios culturais e sociais deixados pelos povos do passado, presentes nas práticas da atualidade que, uma vez relacionados

Diversidade	aos exames genéticos e aos depoimentos orais, apontam uma predominância da presença banta na região; Étnica e religiosa legadas dos diferentes grupos que formaram a região; também biológica, associada a elementos culturais que desfazem a relação entre cor e práticas culturais; De formas de manifestações de posicionamento político, como ser pertencente a um grupo "rastafári", "ser quilombola"; De espaços para um aprendizado ancestre, podendo ser o ambiente familiar o das manifestações culturais, do trabalho artesanal, da pesca, coleta e caça.
Encantamento	Presente na possibilidade de, com base nos vestígios culturais, mensurar o (s) grupo (s) que mais influenciaram a região - de todos os grupos presentes, provavelmente mais africanos que quaisquer outros; e verificar que, ao longo de alguns séculos, geneticamente existirem moradores que têm nível baixíssimo de inter-relação entre grupos, sendo quase cem por cento africanos. Na confirmação de que a educação, enquanto processo coletivo e cultural, está presente na realidade cotidiana dessa comunidade, isso pelo fato de que ela se enraíza e se fundamenta nas relações com os ancestrais.

Fonte: Elaborado pela autora.

7 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Tendo como base os pressupostos referentes à história e à visão sobre o povoado, tecida pela pesquisadora, e com base nas fontes documentais, testemunhais e análise genética, trazidas nos capítulos anteriores, destacadas nos dados elencados nos quadros contínuos de contextualizações e aspectos históricos culturais da região, objetiva-se, com esse capítulo, apresentar a proposta metodológica e de aplicação pedagógica sobre ancestralidade, que subsidiou esse trabalho e que deu base à aplicação de uma proposta educativa que partiu da comunidade em suas práticas e vivências cotidianas, remetendo-a aos seus antepassados.

Como vimos nos capítulos anteriores, a proposta de trabalho desenvolvida tem uma base epistemológica praxiológica, por:

> [...] considerar a realidade empírica - para além de um objeto passível de dicotomia, porém tampouco reduzida a mero objeto de observação descontextualizado - como um campo fundamental para desenvolvimento da práxis, que engaja os sujeitos na transformação de suas realidades práticas. (VIDAL, 2013, p.169).

Portanto, ao adotarmos o referido pressuposto epistemológico e admitirmos a concreta existência de mudanças práticas de realidades, consequentemente de um campo empírico não estático, passível de refinamentos e mudanças, foi adotada uma metodologia de pesquisa conhecida como *Design-Based Research* - DBR, que dentre as diferentes denominações existentes em inglês, tais como *Design Experiments*, em 1992 (BROWN; COLLINS); *Development Research*, em 1999 (VAN DEN AKKER apud MATTA 2014), cujo significado da tradução "Pesquisa de Desenvolvimento" melhor se aplica ao trabalho desenvolvido por ter como foco o engajamento do pesquisador com seu grupo de pesquisa e o refinamento das práticas adotadas para a resolução do problema identificado.

A DBR foi adotada nesse trabalho também por se configurar como uma inovadora abordagem de investigação, voltada para o desenvolvimento de aplicações passíveis de serem realizadas e integradas às práticas sociais das comunidades, considerando tanto suas particularidades e diversidades quanto a perspectiva de generalização, no intuito de resolver problemas educativos. Nesse sentido, em relação ao trabalho desenvolvido em São Braz, a utilização de elementos presentes na metodologia qualitativa, tais como: a observação do ambiente de pesquisa; as entrevistas semiestruturadas realizadas com os moradores para a percepção dos conhecimentos que eles tinham sobre a história local, sobre os antepassados da região; e a construção do contexto, como forma de situar a pesquisadora, e passível de validação ou refutação pela comunidade, associada à utilização de elementos da metodologia quantitativa como os utilizados no estudo genético de um grupo de moradores, a fim de responder, através dos números, a hipótese de uma maior ancestralidade africana entre os moradores locais, se coadunaram no sentido de responder ao problema da pesquisa, pautado na inexistência de uma aplicação pedagógica que tratasse de ancestralidade em São Braz.

A utilização de uma abordagem investigativa que valoriza o conhecimento do pesquisador, as investigações realizadas por ele frente ao campo de estudo e o conhecimento teórico e prático das pessoas envolvidas no processo da pesquisa, ao ponto de elas mesmas validarem ou refutarem os contextos construídos, como consta no capítulo cinco desse estudo que trata de uma proposta de educação voltada para ancestralidade, confirma-se com os pressupostos de Vygotsky (1998), de que o aprendizado humano é de natureza social, estando assim seu desenvolvimento intelectual interligado ao desenvolvimento intelectual dos indivíduos que o cercam.

Considerando essa inter-relação entre aprendizados, podemos justificar a utilização dessa abordagem metodológica por evidenciar um modelo de pesquisa que auxiliasse no desenvolvimento de propostas de aplicação adequadas a ambientes plurais educacionais,

como os de vivência de pessoas com práticas culturais que possam apontar grupos formadores, como os de São Braz.

Para o sucesso dessas aplicações, autores como Brown (1992) e Collins (1992) se mantiveram em seus estudos, atentos ao aprimoramento de metodologias e refinamento de teorias que atendessem ao ambiente educativo, considerado complexo e constantemente mutável, forma como a qual o pesquisador que utiliza a DBR deve se comportar frente ao seu problema de pesquisa. Talvez, por isso, a DBR tenha sido também traduzida como "uma série de procedimentos de investigação aplicados para o desenvolvimento de teorias, artefatos e práticas pedagógicas que sejam de potencial aplicação e utilidade em processos ensino-aprendizagem existentes". (BARAB; SQUIRE, 2004).

Com isso, fica bem objetivo que utilizar DBR como abordagem metodológica implica em desenvolver procedimentos para aplicação, que sejam benéficos no processo ensino-aprendizagem.

Entendendo um pouco mais a DBR, podemos pontuar que ela é relativamente nova por surgir nos anos noventa e se contrapor à concepção de que os conceitos utilizáveis para o ensino deveriam ser os construídos em "laboratórios", sem a consideração da parte prática dos espaços educativos, por isso é imprescindível entender que adotar a metodologia DBR não é substituir as abordagens teórico-metodológicas existentes, ao contrário, significa agregá-las, incorporá-las, pois um de seus objetivos principais é gerar teorias e inovações para a solução de problemas educacionais. Assim, o pesquisador, que se valha da DBR, tem autonomia para considerar diferentes opções de propostas interventivas que visem à melhoria do projeto quando algum aspecto dele não estiver funcionando.

Podemos dizer que essa autonomia garante a ele uma segurança e controle maior sobre o trabalho desenvolvido, pois de uma forma responsável e reflexiva poderá alterar a forma da aplicação, reconsiderando seus elementos. Mas este fator somente é possível quando este está, de fato, engajado no trabalho com a comunidade que, como foi dito no capítulo anterior, por não estar acostumada com pesquisas que as envolva ao ponto de preparar e interferir nas aplicações a serem realizadas, aproxima-se, muitas vezes, parcialmente do pesquisador, chegando até mesmo a validar e a organizar junto com ele as ações, mas se afastando no momento da forma mais prática de sua aplicação.

O pesquisador que intenta utilizar a DBR deve ter consciência de que, considerar diferentes opções interventivas, como formas de refinamento do projeto, implica também em considerar suas variáveis. Portanto, essas variáveis deixarão de ter apenas relações exatas de causa e efeito, elas dialogarão constantemente. Portanto, o pesquisador pode se valer de

variáveis múltiplas, pois múltiplas são as possibilidades de análises no desenvolvimento de pesquisa que envolva as complexidades do mundo real. Ele deverá considerar a multiplicidade dessas variáveis e analisá-las de acordo com o estudo desenvolvido. Por esse fator, ao falarmos sobre ancestralidade, as variáveis utilizadas, presentes nesse capítulo, foram pautadas nas categorias de ancestralidade de Oliveira (2007); sendo elas, comunicação, ligação, diversidade e encantamento que o passado e o presente histórico-cultural comunitário podem estabelecer entre si.

Essas relações de variáveis não teriam relevância alguma se não fossem consideradas no âmbito da interação entre os sujeitos ativos da sociedade, requerendo deles a colaboração com base em suas experiências. Dessa forma, o fator colaborativo-interativo comunitário insere-se e corrobora com o aspecto social da pesquisa baseada em projeto, a partir do momento em que envolveu os participantes colaboradores de São Braz, desde o momento das entrevistas, na validação dos quadros, no voluntariado para o estudo genético, no desenvolvimento da intervenção pedagógica e na Feira de Ancestralidade.

Para a garantia de colaboração e interação em uma pesquisa que tenha a DBR como metodologia, é necessário que o pesquisador adentre em seu campo considerando algumas proposições como as apontadas por Edelson (2002, p. 116-117), que, ao afirmar a existência de categorias na DBR, a subdividiu em quatro, nos dizendo que primeiro a pesquisa em desenvolvimento é “a pesquisa conduzida”, devendo ser iniciada a partir da pesquisa anterior, com isso ela deverá ter sempre metas claras de pesquisa, ser baseada em teorias e, consequentemente, produzir resultados empíricos; segundo, que ela sistematicamente documenta o processo do desenho do projeto, de modo que a documentação completa e cumulativa ao longo pesquisa ajuda a análise de dados empíricos; e, em terceiro lugar, o fato de ter que haver a “avaliação formativa”, ou seja, de regulação de aprendizagem, pois será através dela que haverá a identificação de lacunas entre o projeto atual e os objetivos do projeto tido como ideal.

Uma vez que esses fatores ocorram, os pesquisadores poderão rever o seu projeto para atingir suas metas, com base nos resultados da avaliação formativa. Em quarto lugar está o objetivo final da pesquisa, que é a “generalização” do projeto atual, no contexto atual, a outros contextos aplicáveis. Por isso falamos acima que ela irá considerar as particularidades, mas tenderá também à generalização.

Dialogando com os pressupostos de Edelson (2002), é possível afirmar que tratar de ancestralidade em São Braz, desenvolvendo um procedimento pedagógico adequado para a construção coletiva deste conhecimento, atendeu a procedimentos necessários à efetivação da

aplicação. Primeiro, é importante salientar que esse estudo, metodologicamente falando, até onde podemos compreender, não partiu de pesquisas anteriores, ao contrário, configurou-se como uma crítica a não existência de trabalhos aplicados sobre o tema, mesmo após a existência de leis como a 10.639 e a 11.645, obrigando o estudo das culturas africana e indígena no cotidiano escolar. Considerando etapas de desenvolvimento desse estudo, inicialmente houve a construção dos contextos que resultou nos quadros apresentados e dialogados na comunidade.

Para desenvolvê-los foi necessária uma pesquisa exploratória em fontes primárias e secundárias, a fim de levantar dados para a composição do quadro situacional da pesquisadora, da formação da sociedade de Santo Amaro, e de São Braz, como expostos ao longo dos capítulos um, dois e três. Foi imprescindível a pesquisa de campo para analisar a prática de uma comunidade formada majoritariamente de pescadores e marisqueiras; valorizou-se então o contexto no qual os moradores estão inseridos, através de observação e diálogo sobre sua história, de seus conhecimentos prévios, das suas características, suas dificuldades, suas potencialidades.

Considerando a discussão sobre o qualitativo e o quantitativo, a fim de confirmar ou refutar a hipótese da existência de maior ancestralidade africana na localidade devido ao processo de escravização no Recôncavo baiano, foram utilizados experimentos laboratoriais, destacados no capítulo quatro. Os dados obtidos através da análise genética de um grupo de 17 moradores foram relacionados com outros como às entrevistas feitas com eles e os diálogos com autores que auxiliassem na compreensão dos dados analisados. Considerar as etapas de desenvolvimento do estudo como posto acima é corroborar com os pressupostos de autores como Mckenney e Reeves apud Matta (2014) que apresentaram cinco características relevantes à DBR.

Primeiro, afirmaram ser ela teoricamente orientada, implicando na necessidade da teoria para a construção do desenho educacional proposto. A base teórica dará suporte à prática que, consequentemente, poderá sugerir o refinamento da teoria, fator que denota uma inter-relação a aprimoramento de teorias frente às práticas desenvolvidas. Por isso não denegamos as contribuições dos teóricos que escreveram sobre a história ibérica, a história baiana, considerando seus grupos formadores, os escritos sobre a ocupação das terras do Recôncavo, sobre o povoado de São Braz, bem como os que tratam sobre teoria da práxis.

Segundo, disseram que ela é intervencionista, pois à proporção que teoria implica na prática, dialoga-se com o contexto da aplicação para que a pesquisa desenvolva aplicação no campo da práxis e dela possam ser produzidos processos pedagógicos, produtos, programas

ou políticas educacionais. Corroborando com essa perspectiva, os estudos teóricos desenvolvidos sobre a comunidade que esteve em constante diálogo com a pesquisadora geraram quadros de ancestralidade, estes se configuraram como uma ferramenta dialética, pois como base neles, houve novos estudos, novos diálogos, validações e construção de ferramentas como as apresentadas na Feira de Ancestralidade, à qual detalharemos nos subcapítulos seguintes.

Esse processo contínuo de construção de conhecimento junto à comunidade evidenciou a presença da característica colaborativa da DBR, por pautar-se na presença e participação dos envolvidos, considerados como uma equipe de pesquisa. Essa colaboração visa engajamento entre os envolvidos, por isso o conhecimento universitário e comunitário nem é negado nem é posto de uma forma que um sobreponha o outro. Dentro dessa perspectiva, Wenger (1997) apud Matta2014, elaborou uma compreensão das três maneiras de interação entre pesquisadores e comunidade de prática dizendo que inicialmente deverá haver um acordo para a extração de dados. Aqui a comunidade deve estar em acordo com a ação do investigador que será o condutor do processo de pesquisa, elaborando, organizando e relatando a investigação. Como observado nos capítulos anteriores, sobretudo o da genética, o acordo inicial para a extração dos dados na comunidade ocorreu com os moradores mais idosos, pois se acreditou serem os mais apropriados para a realização de levantamentos de referências ancestrais que pudessem auxiliar nos estudos e na confirmação das hipóteses.

Segundo, que deverá haver parceria de investigação através da cooperação entre pesquisador e comunidade no desenvolvimento dos procedimentos de pesquisa que solucionem os problemas existentes nela. Em terceiro, o acordo de coaprendizagem que consiste no compartilhamento da elaboração e execução dos procedimentos de pesquisa na comunidade, para que seja promovido um conhecimento compartilhado entre eles. Nesse tocante, a parceria existente entre pesquisador e comunidade desenvolveu-se como dito. Inicialmente, com os mais idosos, através dos exames genéticos e entrevista, foi abarcando outros grupos locais com pessoas de faixas etárias diferentes, como representantes da associação de quilombos, participantes do Samba Chula, de São Braz, os estudantes e os professores da escola municipal.

A forma Responsiva da DBR, nesse estudo, consistiu no conjunto de elementos necessários ao desenvolvimento da aplicação, por isso houve o diálogo entre o saber da comunidade; as teorias advindas da literatura, versando sobre as questões postas acima; bem como, os testes e validações diversas realizadas no campo. As ações na comunidade, a partir da utilização dessa metodologia, nos levaram à sua principal característica que é a

iteratividade. Com isso, postulou-se a necessidade de resoluções práticas que envolvessem o plural campo educativo, assim será impossível haver fim da pesquisa em educação, haja vista as constantes mudanças em seu processo.

As etapas configuram o resultado de cada desenvolvimento e elas serão constantes e sucessivas. Como na dialética, a abordagem é cíclica, analítica, projetiva e apresenta resultados que poderão ser reciclados, possibilitando assim a continuidade. A proposta principal de aplicação em São Braz como se verá adiante, com mais detalhes, foi a Feira de Exposição, porém considerando essa característica cíclica da DBR, e, além disso, o interesse dos envolvidos em levarem adiante a temática promovendo outras ações, gerou-se a proposta de continuidade de aplicações com apresentações de manifestações culturais extintas no local.

Outros autores como Wang e Hannafin (2005) também apresentaram características da DBR, próximas das que vimos acima, pontuando que fundamentalmente essa metodologia pode ser considerada por sua natureza: pragmática, por ter em seu objetivo solucionar problemas reais, criando, através do processo de investigação tanto teorias como ferramentas de pesquisa; integradora, por associada ao pragmatismo, permitir ao pesquisador utilizar diferentes abordagens de investigação nas diferentes fases do planejamento; interativa, iterativa e flexível, pois ao mesmo tempo em que permite a colaboração entre pesquisador e os demais envolvidos no processo de pesquisa, permite que haja mudanças e melhorias nas intervenções ao longo da investigação, tornando-a cíclica; fundamentada na teoria e contexto real, revelando a necessidade de que esteja alicerçada em investigações cujas teorias, estudos e práticas sejam conduzidos dentro de contextos reais e; contextual, o que a torna o mais dialética possível, pois os resultados da pesquisa além de aperfeiçoarem e informarem o estudo, em desenvolvimento, geram elementos que poderão servir de base para outros projetos e investigações.

Todo o exposto sobre as características da DBR nos evidenciou o constante vir a ser dessa metodologia altamente dialética que exige que o pesquisador, engajado, se posicione de forma dialógica e dialética perante seu ambiente de pesquisa. No tocante aos resultados classificados como referentes à teoria, para solução de uma dificuldade de práxis ou com a experiência prática dos envolvidos, é de significativa importância que tenhamos uma apurada reflexão, pois considerando a complexidade da pesquisa, sua a característica cíclica e de refinamento da metodologia para que este seja mais consistente, será necessário um tempo considerável para seu desenvolvimento. Por isso, estejamos cientes de que um trabalho dissertativo é apenas um pontapé inicial para outros aprofundamentos, assim, o uso da DBR já

tende a instigar a continuação dos estudos, visto que a práxis de estudar e qualificar intervenções são a base fundamental para o sucesso desta metodologia.

7.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A APLICAÇÃO DA METODOLOGIA

A utilização da metodologia DBR consiste em considerar suas fases e tópicos que, segundo Reeves (2006), pode ser inicialmente a da análise do problema pelos investigadores, fator que implicará na definição do problema, nas questões de pesquisa, na consulta entre os sujeitos engajados na pesquisa e na revisão de literatura. É importante mencionar que, para ser DBR, o problema deve ser pensado em termos de solução prática e definido em um processo colaborativo entre todos os envolvidos na pesquisa; segundo, no desenvolvimento da proposta de solução aos princípios do desenho da pesquisa, implicando na construção teórica, no desenvolvimento do projeto para orientação do plano de intervenção e na descrição da proposta. Para tanto o pesquisador deverá assumir uma posição que envolva seu engajamento com a comunidade, dando-lhe subsídios para a construção da proposta de aplicação; terceiro, na parte da aplicação em seus ciclos iterativos, implicando em quantas fases forem necessárias para a implementação da intervenção nos participantes, na coleta e análise das informações.

Nesse momento de utilização da DBR será necessário atenção para a implementação e avaliação da intervenção, tendo o pesquisador consciência de que raramente uma única implementação de solução será suficiente para a apuração do sucesso da intervenção, pois análises subsequentes permitem que haja refinamentos e alterações dos elementos da aplicação anterior. Importa salientar, também, que o que se propõe na DBR é a aplicação e solução, não a prova de uma ação efetiva para resoluções de problemas em educação. Também, nesse momento, os dados levantados podem variar de acordo com os ciclos, portanto poderão ser tanto de natureza qualitativa quanto quantitativa; por fim, da reflexão para a produção dos princípios de *desing* e melhoramento da solução, implicando nos princípios do desenho, nos artefatos que serão implementados e no desenvolvimento profissional. Nesse sentido importa sabermos que a aplicação da DBR deverá implicar em resultados em termos de conhecimento ou produtos de natureza prática e realizados na comunidade.

Considerando que uma pesquisa que adota a metodologia DBR não terá fim, devido sua proposta e intenção de generalização, descrever e detalhar a proposta de intervenção, implementá-la de forma cíclica, refiná-la e apresentar os produtos, será de suma importância

para uma boa análise e conclusão do processo. Tomando como base os princípios descritos acima, vamos analisar, nesse estudo, os princípios da DBR em questão.

7.2 APLICAÇÃO INTERVENTIVA

No capítulo anterior foram listadas algumas propostas de intervenções construídas pela pesquisadora junto à comunidade que as validou. Dessa forma, intentou-se desenvolver uma feira de ancestralidade com a apresentação de vídeos de pessoas da comunidade, sobretudo pescadores e marisqueiras, falando sobre suas práticas cotidianas e como as interpretam, sobre a noção de onde se originavam aqueles feitos, bem como, de barracas de comidas típicas feitas pelos moradores da localidade, com monitores escolhidos por eles para falar sobre possíveis origens ou elementos de interculturalidade presentes nos alimentos; barracas com folhas utilizadas para uso medicinal; construções de cordel e apresentações de capoeira e samba de roda. Como vimos, essas ações que partiriam de voluntários da comunidade, para a própria comunidade, foram mantidas, porém tendo como referência a metodologia DBR, que torna possível o aperfeiçoamento de práticas para o trabalho em campo prático não estático, visando tratar de ambientes complexos, como o multiétnico e cultural que é o de São Braz e, refletindo o problema de pesquisa, julgou-se possível trabalhar mais especificamente com uma turma de 26 estudantes do 5º ano da Escola Municipal Dorival Passos, por serem eles filhos da comunidade, tendo, a maioria, pais e avós nascidos nela.

É importante salientar que nessa fase se pretende a construção de uma forma cíclica e contínua de aprendizagem ancestre. Cíclica pelo fato de considerar a aprendizagem dos estudantes e o olhar deles sobre os elementos de ancestralidade com os quais eles convivem, e contínua, pois, a partir da exposição, pressupostos referentes aos questionamentos sobre a capacidade humana de produzir, de forma cooperativa em realidades históricas concretas, nos evidenciando, assim, a dialeticidade com a qual foi desenvolvido todo o estudo, e que permearão todas as etapas da aplicação.

Para que ocorresse a feira de ancestralidade, houve algumas fases de desenvolvimento com atividades práticas realizadas com e pelos estudantes dessa turma; iniciada com a apresentação de oficina de cordel, momento no qual foi apresentado o trabalho da pesquisadora em linguagem de cordel, oficina de História da comunidade e uma oficina para a construção de cordéis sobre ancestralidade em São Braz. Após essa fase mais teórica, foram feitas, com os estudantes, visitas de campo para a realização das filmagens e

fotografias[4], bem como as entrevistas com membros da comunidade em suas práticas cotidianas, conforme programado.

Para o desenvolvimento dessas atividades, foi levada em consideração a importância da mediação que, na perspectiva socioconstrutivista, encontra-se atrelada ao fator social. Dessa forma, para que a mediação ocorra, é necessária a utilização de ferramentas que se encontram na relação "entre" o sujeito e o objeto da atividade, ou seja, ferramentas mediadoras, pois:

> Na medida em que se aprende no meio social, mediado pelos instrumentos e ferramentas construídos sócio-historicamente, compreende-se que a participação do outro social em situações de aprendizagem significativas contribui para mediar a relação deste sujeito que aprende com a realidade produzida coletivamente, tendo em vista a organização do conhecimento junto aos outros, em mediação. (VIDAL, 2013, p. 120).

Por isso, essa mediação só pode ocorrer no momento em que se trabalha na perspectiva de coletividade, considerando os diálogos feitos com os estudantes, já membros da comunidade. Visando garantir a mediação que ocorre sempre entre a pessoa e o sujeito, a aprendizagem então deverá ser conferida a partir dos significados interiorizados por cada um, desde quando esses significados sejam considerados como vindos do meio social externo que está constituído de pessoas e objetos.

Portanto, considera-se que a mediação através da Feira, montada com diferentes elementos, dentre eles as fotos sobre o olhar de ancestralidade dos estudantes nascidos na comunidade, com pais e avós também originários dela, levaria os sujeitos a se apropriarem do conhecimento a partir dos registros de pessoas integradoras dela, que já trazem consigo com base nas vivências na comunidade, um aprendizado das práticas que podemos denominar "ancestres", pois são contextuais históricas do local. Nesse panorama, necessária atenção deverá ser dada ao processo de interação, pois, segundo Vidal (2013), é nela que a mediação terá sentido. É no processo de interação que há a geração de novas experiências.

O fator mediador no trabalho com o grupo foi a construção dos cordéis[5] sobre a ancestralidade local. Partindo dessa construção, projetou-se uma interação maior advinda da sua distribuição na comunidade, convidando os moradores a participarem da Feira. Dessa forma, os elementos constituintes da aplicação pedagógica foram os descritos no quadro abaixo:

---

[4] Conferir fotos no apêndice.

[5] O cordel de Ancestralidade encontra-se presente no apêndice.

Quadro 6 - Aplicação pedagógica na comunidade

FEIRA DE ANCESTRALIDADE	
Fotos	Exposição de fotos dos lugares, práticas da comunidade e vestígios culturais que remetam às ancestralidades ibéricas, indígenas e africanas dos moradores.
Vídeos	Apresentação de vídeos de moradores antigos, pescadores e marisqueiras falando sobre a forma como aprenderam as práticas que desenvolvem cotidianamente.
Comidas Típicas	Presença de alimentos típicos dos festejos juninos, como milho cozido, amendoim, bolos de milho, canjicas, produzidos pelos moradores da comunidade e contextualizados historicamente com textos informativos sobre suas possíveis origens.
Cordel	Apresentação de cordel com dados históricos culturais ancestrais da comunidade, discutidos com a turma do 5º ano durante as oficinas. Versando sobre as etnias e vestígios culturais e sociais deixados;

Fonte: Elaborado pela autora.

7.3 DESENHO DA APLICAÇÃO

Toda aplicação pedagógica deverá ter um acompanhamento com critérios de análise que auxiliem na verificação dos objetivos a serem alcançados na ação que, no caso desse estudo, é o desenvolvimento de um procedimento pedagógico adequado para a construção coletiva de conhecimento sobre a ancestralidade da comunidade de São Braz. Para efeito, deve-se ter atenção para as variáveis que, como vimos, no trabalho com DBR, podem ser diferenciadas, desde quando auxiliem no desenvolvimento da análise da prática.

Para a verificação e possíveis aprimoramentos dessa aplicação, trabalhamos com variáveis independentes e dependentes. A variável independente pode ser considerada como a caracterizada como o fator, causa ou antecedente que determinará a ocorrência de outros fenômenos, definida pela pergunta de pesquisa; ela se tornará o resultado decorrente da ação da variável dependente. Para esse estudo, a variável independente será a Feira de Ancestralidade, com a exposição de fotos, apresentação de vídeos e do cordel sobre

ancestralidade, também a exposição de comidas típicas. Para auxiliar a pesquisadora no acompanhamento dessas variáveis foram convidadas quatro avaliadoras, duas pedagogas e duas historiadoras.

Ao chegarem à escola os participantes irão encontrar, na entrada, uma faixa com o nome do evento: *Primeira Feira de Ancestralidade de São Braz*, faixa doada por um morador da comunidade, participante do Samba Chula de São Braz. Adentrando a escola, na área externa, encontrarão um cartaz explicativo conceituando ancestralidade a partir dos estudos de Eduardo Oliveira e as discussões feitas tanto no encontro com a comunidade, para a validação dos quadros, quanto nas oficinas desenvolvidas com os estudantes da turma do 5º ano.

Assim será dado início ao que pode ser classificado como forma direcionada do evento, pois foi conduzida e mediada pela pesquisadora. Nesse primeiro momento ocorrerá a leitura do cordel de ancestralidade, construído pelos estudantes da escola e previamente distribuído na comunidade através dos convites da festa de encerramento do semestre letivo; nele constaram informações sobre a história de São Braz e de seus grupos formadores, os legados culturais deixados por eles e visíveis na atualidade, bem como, o convite para apreciação do evento. Essa apresentação será feita por dois estudantes do 5º ano, escolhidos de forma voluntária no momento do evento.

Como as atividades foram sistematizadas, necessitaram de acompanhamento para validação e posterior refinamento. Embora as ações tenham sido desenvolvidas juntamente com a comunidade, os critérios para a aplicação foram escolhidos pela pesquisadora e a equipe de pesquisa, pois não daria tempo de organizar todo o evento junto à escola e antes validá-los com a comunidade que será parceira no momento da análise dos dados sobre o que aconteceu no evento.

Assim, iniciaremos nosso acompanhamento a partir da apresentação do cordel de ancestralidade. Enquanto os estudantes estiverem lendo o escrito, uma das avaliadoras escolhidas irá observar a atenção que os participantes direcionam a eles, as reações ou ausência delas mediante cada elemento versado, para, a partir de então, abordá-los de forma livre e aplicar um questionário com os seguintes itens:

Morador da Comunidade? Sim (...) Há_____ anos / Não (...) Moro em_____

1- Em que medida nos versos do cordel você percebeu existir uma relação entre os	(...) não houve (...) moderadamente

grupos que formaram a região e a vida dos moradores de São Braz na atualidade?	(...) de forma intensa
2 - Em que medida foram citadas as diversidades de atividades práticas culturais ancestrais realizadas pelos povos da comunidade?	(...) não foram citadas (...) foram parcialmente citadas (...) foram bastante citadas
3 - O cordel para o estudo de ancestralidade é uma ferramenta:	(...) que ajuda na aprendizagem; (...) que pode ou não ser útil à aprendizagem; (...) não tem efeito nenhum para a aprendizagem das pessoas.

A partir dessa apresentação, os presentes pais ou responsáveis, os docentes e discentes serão convidados a adentrarem nos demais espaços da escola para apreciação das fotos, vídeos e a participarem de uma dinâmica envolvendo as comidas típicas levadas por eles.

O segundo momento da aplicação será o da exposição das dezessete fotos feitas pelos estudantes após as oficinas ministradas na escola. Foram captadas imagens da Cafua, das ruínas da primeira igreja de São Braz, da segunda igreja de São Braz, de moradores dando manutenção à chamada rede de ressa, de moradores catando sururu, catando siri, de cascas de ostras, panorâmicas do porto e canal de São Braz, de casa de barro batido, do munzuá, de remos feitos artesanalmente na comunidade e da prática de tratar e salgar peixes, comum por ser parte da vivência desses moradores. As fotos serão expostas na área externa da escola, seguindo uma ordem de apresentação que auxilie na reconstrução dos processos históricos na comunidade, começando pelo porto de São Braz, remetendo à existência dos indígenas, à chegada dos ibéricos, nos remos para navegar os barcos, a rede de pesca, os alimentos extraídos da maré, a casa de barro batido, na cafua e igrejas. Todas essas fotos estarão acompanhadas de informações históricas referentes a cada imagem. Os participantes do evento, convidados a apreciá-las, serão informados de que poderão fazer perguntas, tirar dúvidas com a pesquisadora ou os estudantes do 5º ano, responsáveis por aqueles registros.

Para o acompanhamento dessa ação, uma das avaliadoras, historiadora, irá observar se serão feitas as leituras dos textos explicativos sobre as fotos, se os presentes dialogarão entre si sobre o que estavam vendo nas fotos, se estavam interpretando os dados existentes

nelas, se estavam desenvolvendo hipóteses a partir delas. O avaliador com um gravador, fez as seguintes perguntas aos participantes:

- Com base nas fotos como você definiria ancestralidade?
- Quais as características ancestrais que você mais enxerga nessas fotos?
- De todas as fotos, qual chamou mais sua atenção? Por qual motivo?

A quantidade de pessoas que responderão a esses questionamentos poderá variar de acordo com a quantidade de participantes e a observação dos critérios descritos acima por parte da avaliadora.

Entendendo que toda atividade necessita de mediação na condução do processo, os participantes serão convidados, pela pesquisadora, para uma dinâmica, utilizando os pratos típicos juninos levados por eles. Essa dinâmica será elaborada intentando a garantia da interação dos moradores e seu envolvimento na atividade. Devido à temática junina da festa da escola, acredita-se que as comidas serão milho cozido, bolo de fubá, amendoim cozido, laranja, bolo de aipim, canjica, pé-de-moleque, paçocas. Com base na pesquisa histórica sobre esses alimentos serão distribuídas seis placas, duas com a escrita do nome ibérico, duas com a escrita do nome indígena e duas com a escrita do nome africano. Serão escolhidos seis voluntários para distribuir essas placas nos pratos que julgarem correspondentes aos grupos. Após a distribuição, será realizada a leitura das origens dos alimentos mensurando os que ficarem corretos e corrigindo os possíveis enganos.

No acompanhamento da dinâmica com as comidas típicas, a avaliadora pedagoga observará e anotará se o comportamento dos participantes evidenciou um conhecimento prévio sobre as origens dos alimentos, se houve manifestações de atitudes cooperativas, mesmo existindo pessoas específicas para realizar a ação, se houve interação com os demais participantes no sentido de relacionar os alimentos aos grupos formadores. Irá anotar as respostas dadas pelos participantes às seguintes perguntas feitas pela avaliadora:

- Vocês tinham consciência da história desses alimentos?
- De todos esses alimentos, qual está mais presente nas casas dos moradores de São Braz? Por quê?

O último momento será o da exposição de dois vídeos: o primeiro feito pela pesquisadora, na lavagem do povoado em fevereiro de 2014, com duração de cinco minutos; nele constam imagens do momento da lavagem com as baianas e a narração sobre o histórico dessa festa na comunidade; o segundo, também com duração de cinco minutos, contendo o relato de pescadores e marisqueiras sobre suas práticas, onde, como e com quem aprenderam a realizar suas atividades. Na apresentação dos vídeos, a avaliadora historiadora ficará

responsável em observar se os participantes estavam atentos ao que estava passando; se expressaram alguma forma de repúdio, encantamento, surpresa em relação às imagens; se emitiriam opiniões sobre terem, ou não, aprendido a realizar o ofício de pescador ou de marisqueira; e se faziam referência a algum parente que tivesse desenvolvido aquele oficio. No final do vídeo será solicitado aos participantes que resumam em uma frase o que foi aprendido com as informações do vídeo.

O fato de a Feira de Ancestralidade ter sido inserida na festa da escola gerou a necessidade de controle do tempo para a aplicação de seus componentes, de uma forma que os participantes pudessem ser acompanhados pelas voluntárias. Desse modo, o momento direcionado ao evento durará, no máximo, uma hora e meia. Após esse tempo, uma pausa será feita para apreciação da apresentação junina dos estudantes e distribuição dos alimentos do evento. Durante as apresentações, as fotos continuaram expostas e, todas as voluntárias circulando pela escola e dialogando com os participantes observarão se haverá uma continuidade na observação das fotos, se haverá discussões sobre o que foi trabalhado sobre ancestralidade na Feira, fazendo a eles os seguintes questionamentos:

Morador da Comunidade? Sim (...) Há_____ anos / Não (...) Moro em_____

- A feira de ancestralidade auxiliou no aprendizado sobre a história de São Braz?
  (...) pouco (...) muito (…) não auxiliou

- Com os elementos observados foi possível perceber uma diversidade de práticas culturais dos povos antigos na comunidade?
  (...) pouco (...) muito (…) não foi possível

  Em que medida deveria ocorrer outras feiras como essa na comunidade?
  (...) sempre (...) poucas vezes (…) não deveria ter mais

  Em sua opinião, qual aspecto ancestral da história de São Braz deveria ser mais falado/estudado em São Braz?

Para mensurar o resultado dessa ação serão utilizadas variáveis independentes, definidas aqui nas categorias de ancestralidade, propostas por Eduardo Oliveira (2007), e mais uma definida pela pesquisadora. Nesse sentido, o acompanhamento da aplicação terá como base os elementos de ligação existentes entre os diferentes grupos étnicos que, em seus contextos históricos, estabeleceram ligações históricas harmoniosas ou tensas entre si; relação com o outro, nos evidenciando a impossibilidade de se refletir o ancestral sem as relações entre grupos; inclusão dos grupos formadores no contexto espaço-tempo, relacionando os acontecimentos do passado com o presente; na diversidade existente nas diferentes práticas de vida e costumes culturais dos grupos formadores da região de São Braz; encantamento existente, ou não, no momento em que concebe o principal fator da existência humana que é a prática de vida; e interpretativa, mensurando até que ponto os moradores dessa comunidade interpretam-se enquanto pessoas ancestralmente construídas no contexto histórico-cultural-secular dela.

Para tanto, a análise da Feira de Ancestralidade será realizada com base nas categorias descritas no quadro abaixo:

Quadro 7 - Análise da exposição

Nome da categoria: Características pedagógicas e de aprendizagem de História Ancestral a serem analisadas na exposição.	
Relação	Com o outro, nos evidenciando a impossibilidade de refletir o ancestral sem as relações entre grupos, com ênfase aos elementos presentes na Feira e os contextos de vida dos grupos da comunidade;
Ligação	Entre os diferentes grupos étnicos que, em seus contextos históricos, estabeleceram ligações histórico-culturais harmoniosas ou tensas entre si, entre os dados apresentados e os elementos do passado e presente históricos locais;
Inclusão	Por estar no contexto espaço-tempo, relacionando os acontecimentos do passado com o presente, de fatores culturais e de práticas da comunidade nos elementos da exposição;
Diversidade	Existente nas diferentes práticas de vida e costumes culturais dos grupos formadores da região de São Braz, de elementos que retratem as práticas dos moradores na comunidade;
Encantamento	Existente ou não, no momento em que concebe o principal fator da existência humana, que são suas práticas de vida, e a partir da percepção das influências étnicas e culturais dos grupos formadores pelos participantes na comunidade.
Interpretação	Atitude de interpretação das versões dos acontecimentos históricos da comunidade e respectivas fontes, ao ponto de criticamente enxergarem-se como resultado e resultante das formas ancestrais dela.

Fonte: Elaborado pela autora.

7.4 ACOMPANHAMENTOS DAS CATEGORIAS NA FEIRA DE ANCESTRALIDADE

Com a explicação sobre as variáveis foi possível perceber a necessidade de articulação entre a variável independente e a dependente para resolver o problema da pesquisa, e como também sabemos que em estudos com a DBR estas podem ser diversificadas, faremos o acompanhamento delas no momento da aplicação dos elementos da Feira estabelecendo alguns critérios de análise e formas de observação pelos convidados voluntários.

7.5 ANÁLISES DOS ELEMENTOS DA APLICAÇÃO

A denominada Feira de Ancestralidade aconteceu na data prevista e teve a participação do corpo docente da escola e de moradores da comunidade, sendo a maioria formada por pais das crianças presentes. Pela lista de frequência disponibilizada compareceram vinte pessoas, com exceção das garotas e garotos que, preponderantemente, eram da educação infantil. Por motivos pessoais, as três avaliadoras que se deslocariam de Salvador para São Braz não puderam comparecer e uma chegou até Santo Amaro, porém por problemas na comunicação, fator recorrente no povoado, visto que o sistema de telefonia funciona precariamente, não conseguiu chegar até a localidade e retornou à capital. Uma historiadora que trabalha com filmagem, também foi convidada a participar do evento, tendo acertado tudo para seu deslocamento, que não aconteceu devido a problemas de saúde enfrentados por ela no dia do evento. Dessa forma, o acompanhamento das variáveis foi realizado pela pesquisadora, que pediu apoio aos professores da escola, explicando a forma de como havia organizado a apresentação; assim, destinou toda atenção para a condução das atividades, por segurança e maior envolvimento na pesquisa, julgou mais seguro ela mesma aplicar as atividades. O evento foi iniciado conforme planejado, porém a abordagem aos participantes precisou ser repensada, ocorrendo da forma como veremos a seguir:

As fotos ficaram distribuídas em um espaço externo da escola, paralelo ao local onde foi realizada a leitura do cordel, fator que implicou na direta apreciação delas logo na chegada

das pessoas. Percebendo que essas fotos chamavam a atenção dos convidados e a inevitabilidade de chamá-los a se acomodarem logo para a realização da leitura do cordel, deixei que observassem, enquanto aguardavam a chegada de mais pessoas. Em um intervalo de aproximadamente quarenta minutos, após o horário destinado ao início do evento, pedi a palavra, contextualizei o evento, informando-os de que se tratava de uma aplicação originária de uma pesquisa de mestrado, realizada na comunidade, com alguns elementos construídos junto com os estudantes da turma do 5º ano da escola, como o cordel, as fotos, bem como a filmagem que seria apresentada, todos envolvendo os moradores de São Braz.

Dos 26 estudantes da turma do 5º ano, estavam presentes apenas quatro; fator protestado pela diretora, perante os presentes. Foram convidados J.C. e C.D. para fazerem a leitura do cordel, porém fatores como nervosismo, associados à dificuldade de leitura, fizeram com que eu e a professora Lívia Oliveira, colaboradora em todas as fases da Oficina de Cordel, decidíssemos, naquele momento, que a professora prosseguiria com a leitura. Enquanto era realizada a leitura do cordel, observei que a maioria dos convidados estava atenta; não foram observadas conversas paralelas, poucos deles estavam dispersos, mas uma, em especial, aparentava estar sonolenta. Após a apresentação do cordel, tomei a palavra e convidei os participantes a se sentarem em um local destinado à apresentação dos vídeos. Após acomodarem-se, expliquei que havia algumas questões que eu gostaria que eles respondessem sobre o cordel, mas que os mesmos não eram obrigados, somente os que desejassem poderiam responder. A maioria presente concordou em responder, e através das respostas foram verificadas as seguintes informações:

Dos 18 formulários respondidos, no primeiro quesito, 1 (uma) pessoa não informou a quanto tempo morava na comunidade; 1 (uma) não era moradora da comunidade; 1 (uma) informou morar a um ano na comunidade; 10 (dez) informaram morar a mais de vinte anos na comunidade e 5 (cinco) a mais de trinta anos. Desses, 11 (onze) informaram perceber, moderadamente, uma relação entre os grupos que formaram a região e a vida dos moradores de São Braz na atualidade, nos versos do cordel; 7 (sete) perceberam a existência dessa relação de forma intensa. É importante destacar que dos 7 (sete) que responderam haver a percepção de forma intensa, 1 (um) não era morador de São Braz e 1(um) morava há um ano. Não houve resposta que julgasse a não relação.

No segundo quesito, 6 (seis) participantes responderam que a diversidade de atividades práticas culturais ancestrais, realizadas pelos povos da comunidade, foi citada parcialmente; 12 (doze) responderam que foi bastante citada; nenhum deles respondeu negativamente. Ao serem questionados sobre a utilização de cordel para estudo de

ancestralidade, 16 (dezesseis) participantes responderam ser uma ferramenta que ajudava na aprendizagem, 1 (uma) respondeu que pode ou não ser útil a ela e 1 (um) respondeu que não teria efeito algum para a aprendizagem. Com base nos dados acima, podemos concluir que os versos do cordel auxiliaram no conhecimento sobre a história de São Braz relacionada à temática ancestralidade; mas para que haja uma relação entre as práticas culturais dos moradores da região e os possíveis grupos formadores deverá haver, junto à comunidade, um refinamento dessa ferramenta.

Seguiram-se as apresentações dos vídeos; o primeiro com dois depoimentos de moradores antigos da comunidade falando de suas práticas e sobre a possível origem delas, uma das depoentes estava presente no evento e esteve atenta e participativa durante todo o tempo. Nesse momento, as reações foram diferenciadas, existiram os que riram, porque viram pessoas conhecidas do local. Na apresentação do segundo vídeo foi possível observar que alguns participantes expressavam repúdio, sobretudo quando viam práticas da religião de matriz africana. Ao findar a apresentação dos vídeos, novamente intervi perguntando quem desejaria expressar opinião através de uma frase que resumisse o que foi apreendido com as informações do vídeo. O perfil das pessoas que aceitaram escrever a frase em relação ao tempo de moradia na comunidade mudou nesse momento; delas, 2 (duas) não informaram a quanto tempo viviam na comunidade, 1 (uma) informou morar há 1 (um) ano; 2 (duas) há 10 anos; 2 (duas) há mais de 20 anos; 2 (duas) há mais de trinta anos; 1 (uma) há mais de 40 anos e 1 (uma) há mais de 50 anos. Nas frases, disseram o seguinte:

a) “Devemos sempre ter orgulho do quem somos”;
b) “Vi a importância da profissão de pescador”;
c) “O respeito ao que passou é o que engrandece nossa história”;
d) “Valorizar a cada dia a cultura da minha comunidade”;
e) “Achei bom”;
f) “Os valores da cultura e a raiz do município”. “Resgatando os antepassados”;
g) “Valorizar a minha cultura”;
h) “O cortejo da lavagem de São Braz”;
i) “Eles têm orgulho do que fazem”;
j) “Cultura antiga”;
l) “Um pouco do conhecimento da minha cultura”.

Através dessas frases podemos considerar que os participantes perceberam, nas imagens apresentadas e nas falas dos depoentes, uma relação entre as práticas cotidianas profissionais deles e os antepassados com os quais eles aprenderam essas práticas. Ficou

evidente a importância e respeito que os próprios moradores garantem aos pescadores e às marisqueiras, encarando esses ofícios não somente pela perspectiva profissional, mas também cultural. Podemos perceber ainda que, em dada medida, os moradores dessa comunidade fazem uma relação entre as práticas atuais e o passado com escritos que remeteram à "cultura antiga" e ao "resgate dos antepassados".

Dando continuidade à aplicação, pude perceber um momento de dispersão entre os participantes, alguns por tomarem conta das crianças às quais estavam os acompanhando; ainda assim convidei seis voluntárias para participarem da dinâmica com as comidas; praticamente não tínhamos homens presentes no evento, poucos chegaram no final e permaneceram por um diminuto período no local. Vieram seis voluntárias para as quais foram distribuídas as placas contendo os nomes dos grupos. Tínhamos bolo de milho, bolo de aipim, milho cozido, amendoim cozido, canjica, pipoca, cocada, pé de moleque e laranjas. Antes de distribuírem as placas, as voluntárias conversaram entre si, e uma das participantes que não estava presente no evento desde o início perguntou: o que é ibérico? Esse questionamento não foi feito por nenhuma das outras participantes, fator que pode nos indicar uma validação do cordel enquanto ferramenta explicativa do tema proposto. Sendo assim, uma das participantes colocou a placa indígena no amendoim, a outra colocou indígena na cocada; as placas escritas com o nome ibérico foram colocadas nos bolos de aipim e milho cozido, e as africanas foram consideradas a canjica e a o bolo de aipim.

Foram abertos os textos, informativo-explicativos, e feitas as leituras. Segundo as fontes pesquisadas, foi verificado que o amendoim é de origem indígena; a cocada de origem africana angolana; o bolo de aipim, um alimento que tem suas bases egípcias aperfeiçoadas pelos romanos e com o elemento indígena que é a mandioca; e a canjica, uma comida africana, cuja origem do nome vem do kibumdu. Após a leitura dessas explicações, foram feitas as seguintes perguntas aos participantes:

- "Vocês tinham consciência da história desses alimentos?" Das seis, cinco responderam que não; uma disse saber desde o início que a cocada era de origem indígena, e se surpreendeu ao descobrir que era africana.

Houve também o seguinte questionamento:

- "De todos esses alimentos, qual está mais presente na casa dos moradores de São Braz? E por que, já que tínhamos algumas informações sobre eles?"

As respostas foram amendoim e laranja, por acreditarem na maior presença indígena em São Braz, antigamente.

Como foi explicada anteriormente, a ordem das apresentações foi alterada devido a necessidade da pesquisadora, sozinha, acompanhar todo o processo. Dessa forma, observei desde o começo do evento as pessoas que estavam olhando as fotos. Após a dinâmica das comidas, seguiu-se a apresentação das danças juninas dos estudantes e distribuição das comidas típicas aos participantes. Esse foi o momento destinado à abordagem referente aos elementos presentes nas fotos. Algumas pessoas não desejaram comentar; dessa forma, foram entrevistadas oito pessoas, cujos nomes aparecerão em siglas, elas deram às seguintes respostas:

Entrevistado 1-R	
Com base nas fotos, como você definiria ancestralidade?	"Entendi que ancestralidade é uma cultura bem diferenciada".
Quais as características ancestrais que você mais enxerga nessas fotos?	"A parte dos mariscos, o candomblé, a capela de São Braz".
De todas as fotos, qual chamou mais sua atenção? Por qual motivo?	"A capela mais antiga, porque até hoje tem muita gente que não sabe, não tem entendimento do que é aquilo. Só pergunta, porque aquilo, porque ali. Só se interessam em saber, mas não se aprofundam nisso".

Entrevistado 2-CAPM	
Com base nas fotos, como você definiria ancestralidade?	"É como se fosse esse mural de fotos que eu vejo aqui."
Quais as características ancestrais que você mais enxerga nessas fotos?	"Em ver nas fotos a foto de um peixe, a foto de cascas de mariscos e a foto de uma quantia de siri sendo catado e alguns homens que estão jogando capoeira".
De todas as fotos, qual chamou mais sua atenção? Por qual motivo?	"A foto da capoeira chamou mais minha atenção porque eu gosto muito e já joguei também".

Entrevistado 3-C	
Com base nas fotos, como você definiria ancestralidade?	"Na minha visão, é uma coisa que vem do passado e que vai passando de geração a geração".

Quais as características ancestrais que você mais enxerga nessas fotos?	"A pesca. Como aqui é beira mar e se tratando de ancestralidade, a gente vê que desde lá do passado o pessoal cultiva isso aí, o marisco, a pesca".
De todas as fotos, qual chamou mais sua atenção? Por qual motivo?	"A do senhor que está costurando a rede, porque desde pequenino eu tenho costume de ver aquilo ali, porque meu pai é pescador e sempre o vi no quintal ou na frente da casa fazendo aquilo que o senhor está fazendo ali".

Entrevistado 4-L	
Com base nas fotos, como você definiria ancestralidade?	"Em poucas palavras, popularmente eu diria que é renascimento da nossa história".
Quais as características ancestrais que você mais enxerga nessas fotos?	"Viver hoje o que fizeram os nossos ancestrais no passado".
De todas as fotos, qual chamou mais sua atenção? Por qual motivo?	"A Cafua, porque poucos moradores de São Braz sabem que ela existiu, então foi muito bom chamar atenção disso".

Entrevistado 5-FOS	
Com base nas fotos, como você definiria ancestralidade?	"É um mundo pra gente, um meio de sobrevivência".
Quais as características ancestrais que você mais enxerga nessas fotos?	"A do meio de sobrevivência em tudo que a gente faz".
De todas as fotos, qual chamou mais sua atenção? Por qual motivo?	"Do menino catando sururu".

Entrevistado 6-GS	
Com base nas fotos, como você definiria ancestralidade?	"Definiria que mostra um pouco da cultura do nosso povo; é a pesca, o samba de roda, a capoeira, a casa de taipa, muita coisa importante para nosso povo aqui".
Quais as características ancestrais que você mais enxerga nessas fotos?	"Principalmente a pesca, que é base em nossa alimentação e é conhecida no mundo inteiro na culinária baiana".
De todas as fotos, qual chamou mais sua	"A que mostra a pesca e a pessoa tratando o marisco, porque nem todo mundo sabe fazer essas

atenção? Por qual motivo?	coisas”.

Entrevistado 7-MPPS	
Com base nas fotos, como você definiria ancestralidade?	“Eu defino assim: que tem um pouco do passado, que a gente olhando as fotos está revivendo um pouco do passado”.
Quais as características ancestrais que você mais enxerga nessas fotos?	“O barro da casa de taipa”.
De todas as fotos, qual chamou mais sua atenção? Por qual motivo?	“A casa de taipa, porque relembra o passado, antigamente não tinha casa de construção”.

Entrevistado 8-LN	
Com base nas fotos, como você definiria ancestralidade?	“Eu acho assim, que com tanta tecnologia hoje, as pessoas cultivam muito as culturas dos antepassados, que vieram dos escravos. Então ainda hoje o pessoal cultiva a arte de mariscar, de catar o marisco, de jogar capoeira, do samba de roda, tudo isso”.
Quais as características ancestrais que você mais enxerga nessas fotos?	“A prática da capoeira, porque isso já veio dos escravos e também o marisco, a arte de mariscar que o pessoal antigamente mariscava para poder se alimentar”.
De todas as fotos, qual chamou mais sua atenção? Por qual motivo?	“A capoeira, porque ela era como os negros se defendiam dos seus antepassados”.

Foi possível perceber, nas falas dos entrevistados, uma relação entre passado e presente históricos em São Braz. Também, a referência à pescaria e à mariscagem é muito forte tanto na perspectiva cultural, quanto na relação de sobrevivência vivida pelos antepassados, como foi dito por alguns dos entrevistados, também pelos moradores na atualidade. A interpretação sobre ancestralidade, explicitada por essas pessoas, tem relação

direta com o passado, com as “artes” e “culturas” antigas, que são passadas de geração a geração.

Nesse sentido, como forma de validar a Feira de Ancestralidade enquanto ferramenta pedagógica que auxilia na aprendizagem sobre ancestralidade, abordei alguns participantes do evento que estiveram presentes desde o começo, foram 17; desses, 3 (três) não informaram a quanto tempo moravam na comunidade, 1 (um) é morador há um ano, 1 (um) é morador há mais de cinco anos, 2 (dois) são moradores há mais de 10 anos, 6 (seis) são moradores há mais de 20 anos, 3 (três) são moradores há mais de trinta anos e 1 (uma) é moradora há mais de 40 anos.

Questionados sobre ter a Feira de Ancestralidade auxiliado no aprendizado sobre a história de São Braz, 14 (quatorze) responderam que auxiliou muito, 2 (dois) responderam que auxiliou pouco e 1 (um) respondeu que não auxiliou. Sobre a possibilidade de percepção de práticas culturais dos povos antigos, na comunidade, a partir dos elementos observados, 14 (quatorze) responderam que foi muito perceptível, 2 (dois) responderam que foi pouco perceptível e 1 (um) disse não ter sido perceptível. Questionados sobre em qual medida deveria ocorrer outras feiras como essa na comunidade, 15 (quinze) responderam que deveria ter sempre, 1 (um) respondeu que não deveria ter mais e 1 (um) respondeu que deveria ter poucas vezes.

Uma vez pedida a opinião sobre qual aspecto ancestral da história de São Braz deveria ser mais estudado na comunidade, 3 (três) pessoas não opinaram, dentre elas estavam às que desejaram que houvesse com baixa frequência ou não houvesse mais eventos que tratassem de aspectos da comunidade. Nas demais opiniões, houve a solicitação de que aspectos como “a cultura”, “a pesca”, “a capela”, “a história do surgimento de São Braz”, “o samba de roda”, “história de quilombos da comunidade” fossem mais abordados no povoado.

Com base no exposto, foi possível perceber que a Feira de Ancestralidade, como um procedimento pedagógico para tratar de ancestralidade no povoado de São Braz, com elementos construídos com base no diálogo entre a pesquisadora e a comunidade, foi satisfatória, pois as respostas dadas pelos grupos participantes evidenciaram a existência de uma reflexão sobre passado e presente histórico-cultural comunitário; evidenciou também uma interpretação de suas práticas culturais relacionadas aos possíveis grupos formadores locais. Ênfase foi dada à presença indígena nos escritos dos participantes, bem como foi possível perceber que existia, de fato, em São Braz, um interesse no estudo de sua cultura e um entendimento sobre a realidade de vida de seus moradores.

Com base nos questionamentos finais, afirmo que a ferramenta pedagógica foi validada, obviamente essa afirmativa está sendo feita com base na análise de um grupo relativamente pequeno frente à quantidade de moradores do povoado, mas, tendo em vista que ações deste tipo não acontecem no local e as considerações postas no encontro ocorrido após esse evento, pode-se afirmar que um trabalho continuado explorando as temáticas apresentadas como "lacunas" históricas e culturais tratadas na comunidade daria um efeito maior, ao ponto de, certamente, reunir e engajar mais pessoas para o estudo local.

8 RESULTADOS DO ESTUDO

Nesse capítulo nos dedicamos à análise dos resultados obtidos com a Feira de Ancestralidade, realizada em um evento que propõe interação entre as pessoas da comunidade, os festejos juninos e a manifestação cultural significativa para o Nordeste, que já nos dá indicativo da relação interétnica ligada aos grupos formadores dessa região, como pudemos observar na dinâmica com os alimentos, descrita no capítulo anterior. Para procedermos à análise dos dados teremos como elemento norteador o dialogismo entre as práxis dos participantes do evento citado e as perspectivas teóricas, metodológicas adotadas nesse estudo.

Assim, estejamos cientes de que a utilização de uma metodologia defendida como Pesquisa aplicada, nos remete a resultados que deverão ser analisados também nessa perspectiva. Para efeito de sistematização, a divisão do capítulo em função da verificação dos resultados será realizada considerando seus três tipos específicos, aos quais explicaremos ao longo desse texto.

8.1 CONTRIBUIÇÃO À TEORIA ESTUDADA

O primeiro se configura como forma de contribuição à teoria estudada. Frente a ele desenvolvemos o seguinte questionamento: a teoria desenvolvida nesse estudo está/foi validada na situação da aplicação em São Braz?

Para responder ao questionamento temos que considerar a dialógica e dialética da construção do contexto pautados na relação pesquisador X comunidade, na mediação existente no processo de construção de conhecimento local, na apresentação e validação dessa construção pela comunidade.

É importante também considerarmos a discussão sobre ancestralidade pautada nas categorias de ligação, relação, inclusão, diversidade e encantamento dialogados com Eduardo Oliveira (2007), acrescentando a categoria interpretação, construída junto aos envolvidos na pesquisa. Enquanto contribuição teórica, procederemos à análise dos elementos da genética, no intuito de perceber, com base nas respostas à prática, se eles foram evidenciados ou secundarizados.

Cientes de que todo o trabalho foi realizado sob a concepção de construção de conhecimento, diálogo e interação com a comunidade, os dados referentes à teoria nos auxiliarão na mensuração sobre São Braz estar ou não culturalmente pautada na produção de valores de uma dada sociedade.

8.1.1 O Contexto

Podemos mensurar que inicialmente, na aplicação interventiva, houve uma contribuição positiva, porém parcial à teoria, relacionada ao contexto; para isso teremos como referência os elementos presentes na Feira de Ancestralidade, iniciando assim pelo cordel.

Foi possível perceber que ao ouvirem a leitura do cordel, ferramenta na qual, de forma mais direta, estiveram presentes elementos do contexto de São Braz, relacionados à história da Bahia, os participantes destinaram atenção e escreveram suas considerações como constam no capítulo anterior, de uma forma percebemos que houve um entendimento sobre a história de São Braz relacionada à história da Bahia, porém uma relação parcial entre essa história e a vida dos moradores, na atualidade.

Certos disso, temos que ponderar em nossas considerações, haja vista o cordel não ter sido o único elemento apresentado, remetendo à contextualização sobre a história local, e no estabelecimento da relação passado e presente na comunidade.

Podemos dizer que as imagens foram mais impactantes na análise dos dados discutidos, pelo fato de mais atenção ter sido dada a elas, e de os moradores mencionarem a visualização dos “seus” nas fotos, sobretudo no desenvolvimento das atividades cotidianas que para eles representam as práticas de vida e de sobrevivência locais. Fator relevante também para a análise dos resultados foi, ao relacionar o contexto à discussão sobre ancestralidade, trazida pelos entrevistados, podermos constatar que a ancestralidade configurou-se na análise dos antepassados pela via histórica.

Durante esse estudo defendemos a aprendizagem em um panorama de construção contínua, e se constatou que, para o grupo de moradores presentes no evento, a ancestralidade teve diferentes significados, tais como:

a) “algo que vem do passado e que vai passando de geração a geração”;

b) “uma cultura diferenciada”;

c) “um renascimento de uma história”

d) “um meio de sobrevivência”;

e) “elementos da cultura local como a pesca, o samba de roda, a casa de taipa, a capoeira”;

f) “um pouco do passado”;

f) “cultura do passado que vieram dos escravos com a arte de mariscar, da capoeira, do samba de roda”.

Observemos que nessas falas estão presentes as concepções teóricas elaboradas por eles; através delas podemos afirmar uma validação dos dados do contexto e dos teóricos, pois estas se inserem na concepção científica sobre a ancestralidade, gerando um resultado contributivo positivo à teoria posta. Os elementos apresentados nas falas corroboram também com a crítica feita aos escritos, aos quais é dado o reconhecimento sobre a importância dos valores sociais e culturais predominantemente africanos, porém sabemos que em se tratando de sociedades como a Santo-amarense, indígenas, ibéricas e também as africanas há relevante importância para a população.

Continuando a análise sobre a contribuição da teoria relacionada ao contexto construído e dialogado com a comunidade, seguem-se os questionamentos levantados a partir das categorias de ancestralidade utilizadas para esse estudo:

a) Houve uma reflexão sobre o ancestral, na relação entre os grupos?

b) Houve ligação entre as práticas histórico-culturais dos diferentes grupos étnicos fundadores da região?

c) Houve a inclusão de fatores culturais e práticas da comunidade no contexto espaço-tempo?

d) Houve a percepção de serem diversas as práticas de vida e costumes culturais dos grupos formadores da região de São Braz?

e) As práticas de vida, a partir da percepção das influências étnicas, provocaram um encantamento nas pessoas presentes?

f) Houve interpretação dos acontecimentos históricos comunitários e das fontes utilizadas no evento?

Com base na prática desenvolvida, podemos responder aos questionamentos dizendo que a diversidade cultural foi percebida na leitura do cordel; a relação entre passado e presente foi também evidenciada no momento em que alguns moradores expressaram, através de frases e depoimentos, a necessidade do respeito e valorização do que já passou. Esse que "passou", certamente deverá ser entendido como os grupos que deram origem à localidade, compondo sua história desde sua formação, tomando como base a história de Santo Amaro, a história local e as pessoas envolvidas nela.

A concepção de antiguidade dada à capela sob questionamentos e reconhecimento do "pouco entendimento das pessoas, sem que haja um aprofundamento do conhecimento sobre ela", bem como, a presença da cafua, sob conscientização de que "poucos moradores eram sabedores de sua existência; salientando-se a importância de ter sido chamada a atenção para ela, foi fator importante de interpretação sobre os elementos histórico-culturais existentes na localidade, aos quais pouca ou nenhuma ênfase era dada, demonstraram a existência de interpretação sobre os elementos históricos da comunidade, sendo apontada a necessidade de aprofundamento do conhecimento sobre elas.

Como contribuição à teoria do encantamento, podemos dizer que ela esteve relacionada às práticas de vida de moradores antigos e da atualidade, influenciadas étnica e culturalmente pelos povos formadores da região. Tal fator ficou evidente nos depoimentos existentes nos vídeos gravados pelos pescadores e marisqueiras ao falarem primeiro sobre terem aprendido o ofício com seus pais; segundo, sobre ter orgulho de realizarem essas atividades que, segundo eles, têm suas origens em práticas indígenas de vida. Também, na análise das fotos, podemos encontrar esse encantamento quando um dos entrevistados pontuou ser a do "Senhor costurando a rede", a mais importante, por fazê-lo se lembrar de seu pai, que era pescador, desenvolvendo aquela atividade no quintal ou na frente da casa onde moravam.

A diversidade de práticas culturais também foi validada e devidamente apresentada pelos participantes quando eles afirmaram ver na foto tirada da roda de capoeira, um elemento de defesa dos negros no passado, e nas que mostraram ser o trabalho com a pesca e o marisco "desde o passado", um elemento de ligação entre as práticas históricas culturais dos diferentes grupos da região do passado sendo vistas no presente.

No momento da dinâmica com os alimentos, a relação feita entre eles e suas possíveis origens deixou evidente o quanto há predominância de relações interétnicas na cultura alimentar, ao ponto de reconhecidamente existirem alimentos que são utilizados cotidianamente à mesa dos moradores, agora com a reflexão sobre suas origens.

No que se refere aos grupos formadores da região, um elemento importante e digno de análises deve ser destacado. Embora estivéssemos com imagens, vídeos e alimentos, nos quais estavam presentes elementos da história e da cultura ibérica, esta foi mencionada apenas uma vez por uma das participantes que, no momento da dinâmica com os alimentos típicos da culinária junina, questionou sobre o que era ibérico. Como foi dito no capítulo anterior, a participante chegou após a leitura do cordel e demais apresentações que antecederam à dinâmica. Com isso, perguntamos: o fato de os elementos da cultua ibérica não serem referenciados nas falas dos moradores de São Braz pode nos indicar a existência de uma fragilidade em relação ao contexto construído?

Frente ao questionamento, podemos considerar positiva a fragilidade da contextualização para esse grupo de pessoas. Ele e os demais devem ser mais investigados e referenciados como parte da cultura de regiões como as que estudamos, porém temos que constatar que houve um diálogo na comunidade onde esses elementos foram apresentados, sobretudo nos quadros construídos e validados pela comunidade. Ainda assim podemos concluir que é pouco perceptível a pouca ou nenhuma informação através de estudos nas escolas ou em atividades em comunidades onde a relação entre os povos ibéricos e a formação do povo brasileiro seja evidenciada e discutida, compondo o quadro de nossa formação.

Neste sentido, ao desenvolver aplicações em localidades como São Braz, onde, através de estudos, ficamos cientes da presença ibérica em diferentes aspectos da sociedade e cultura local, importante é enfatizar a presença desta, não minimizando ou negando as demais que existam, mas desfazendo a forma “padrão” de análise sociocultural de sociedades como a que foi berço da colonização brasileira, buscando sempre uma problematização para a questão.

Quadro 8 - Sistematização dos indicadores de ancestralidade contextuais históricos

Relação	Evidenciada na fala dos participantes no respeito em relação ao que passou; referenciada nas elaborações entre passado e presente, entendidos como referência aos grupos presentes na região;
Ligação	Entre os diferentes elementos, como a capoeira, enquanto tradição africana e mecanismo de defesa, o trabalho com a pesca e o marisco, como elemento do passado indígena, vivenciado no presente.
Inclusão	Inserida no contexto espaço-tempo, foi destacada, sobretudo, em relação aos alimentos existentes no evento, onde elementos dos diferentes grupos compõem ingredientes para a construção

	dos pratos típicos e habituais nas casas e cozinhas dos moradores.
Diversidade	Percebida através da leitura do cordel, através dos vídeos apresentados, porém com maior ênfase para as práticas cotidianas relacionadas aos grupos indígenas e africanos.
Encantamento	Existente na referência às práticas de vida de alguns dos entrevistados que fizeram referência às lembranças e respeito à família, ao trabalho das pessoas na comunidade.
Interpretação	Dos moradores enquanto partes integrantes da cultura local, representantes dos valores dessa sociedade, expressos através do orgulho da cultura, relacionada às suas práticas de vida cotidianamente construída.

Fonte: Elaborado pela autora.

8.1.2 Mediação e interação entre os participantes, pressupostos do socioconstutivismo

Pelo que observamos nos registros acima, considerando as categorias utilizadas para a análise da ancestralidade, tendo como base o grupo participante na aplicação, podemos pontuar uma contribuição positiva em relação à teoria da ancestralidade, porém esta não esteve isolada, ela foi construída tendo como base o contexto local, e, ser contexto local é considerá-lo dentro de uma esfera maior que envolve a contribuição dos grupos formadores da região de estudo, bem como a relação de seus descendentes repercutida até a atualidade na comunidade. Tais elementos refletem a interação necessária para o desenvolvimento de estudos como o proposto.

Dessa forma, considerando os pressupostos teóricos e metodológicos referentes à aprendizagem, pautados nos escritos sobre o socioconstrutivismo, considerando e valorizando o aprendizado inserido no contexto social e, através da interação é que, para fins de responder aos questionamentos sobre aprendizado ou educação ancestre, de acordo com o diálogo tecido no capítulo seis, observou-se, na ação dos participantes, a existência da interação entre o meio social e os sujeitos envolvidos no processo de pesquisa analisada em relação à participação destes na Feira de Ancestralidade, considerando os pressupostos sobre mediação e interação que dialogam com a proposta metodológica aqui adotada.

Para o compartilhamento da aprendizagem entre os sujeitos, significando a interação entre pesquisador e comunidade, houve, através de diálogos, a construção e validação dos contextos, que certamente funcionaram como uma síntese dialógica de muitas vozes que,

evidenciadas através de seus registros na aplicação interventiva, pontuaram a valorização ao trabalho e práticas cotidianas comunitárias.

Ciente de que a interação, associada à mediação, auxilia nas intervenções, foi possível constatá-la, após observar a participação das 20 pessoas presentes na Feira de Ancestralidade e a forma como elas interagiram no ambiente da aplicação, através dos elementos, construídos no diálogo com os envolvidos e expostos no evento, e nas respostas dadas, sobretudo em relação a haver ou não relação entre dados apresentados em ferramentas de aprendizagem como o cordel, por exemplo, e a realidade prática da comunidade.

É evidente que outros elementos estiveram presentes nesse ambiente e estão sendo analisados ao longo do texto, porém, para o caso, os dados apresentados majoritariamente evidenciaram uma relação moderada entre o que foi apresentado na ferramenta citada e as práticas cotidianas atuais da comunidade. Um resultado acusando que a não efetividade de um dado valor atribuído a um elemento analisado conduz o pesquisador a identificar um processo de interação com ele, pois na relação de intencionalidade, que nesse caso era promover uma ferramenta eficaz para o caso, ficou evidenciada a necessidade de refinamento dela para o alcance desse objetivo, mais ainda, ficaram evidenciadas a atenção e a observação dos participantes na experiência.

Em todo o contexto do estudo, as atividades propostas, tais como os encontros para apresentação dos quadros de ancestralidade, a construção dos elementos que comporiam a Feira de Ancestralidade e as oficinas realizadas para a produção do cordel com os estudantes do 5º ano, foram ações compartilhadas no contexto comunitário que, ao dialogarem com ferramentas como o vídeo, a dinâmica com os alimentos e a exposição de fotos, promoveram momentos de interação que geraram a verificação da necessidade do aprimoramento das intervenções, inicialmente devendo estas, segundo depoimento dos moradores, valorizar e enfatizar outros elementos da cultura de São Braz, tais como os sítios históricos, o Samba Chula e a história de quilombos.

Desse modo, considerando a perspectiva de alfabetização ancestral postulada nesse trabalho e dando relevância ao conhecimento básico das formas de vida do grupo, podemos concluir que o resultado apontou na direção de construção de caminhos para o aprimoramento da construção da consciência crítica sobre a formação da comunidade, visto que a realidade lida a partir dos contextos e no momento da aplicação, mensurada pelos questionamentos feitos ao grupo, apontou a todo tempo na direção da recriação de ferramentas para atender às demandas solicitadas pelo grupo, como exposto no parágrafo acima.

8.1.3 A Genética

Um fator relevante para a consideração sobre a importância e a necessidade do refinamento das ferramentas, e que esteve presente devido estarmos cientes de ser plenamente possível associar os estudos históricos a outros elementos de pesquisa, foi o fator genético, incorporado à pesquisa para mensurar se a porcentagem genética africana, indígena ou ibérica influenciava ou interferia nas práticas culturais dos moradores de São Braz.

É importante lembrar que, como uma das hipóteses desse estudo, houve a defesa da existência de maior ancestralidade africana banta e indígena na localidade. Consequentemente, através do exame genético, realizado em 17 moradores da comunidade, escolhidos sob o critério da idade, grau de parentesco e existência de ancestrais nascidos no local, foi possível concluir que a maior ancestralidade genética inicialmente foi africana, em segundo lugar, a ibérica, e em terceiro, a indígena. Embora geneticamente tenha sido realizado o experimento com um número relativamente pequeno de pessoas, considerando a quantidade de moradores locais, confrontando este resultado às práticas cotidianas desenvolvidas por eles e os aspectos culturais e referenciais em relação aos grupos formadores da região, os dados obtidos com a apuração sobre a intervenção recaíram mais entre uma maior presença cultural da prática indígena, sempre relacionada às atividades desenvolvidas pelos grupos locais; em segundo plano estavam os africanos.

No capítulo cinco, no qual se referencia o estudo sobre a genética, auxiliando ou não a discussão sobre ancestralidade, nos referimos à importância que deve ser dada às construções sociais interétnicas desenvolvidas em comunidades como São Braz. Portanto, a partir dos dados obtidos na intervenção pedagógica, ficou evidente que, de fato, é o interétnico que mais se sobrepõe no ambiente estudado.

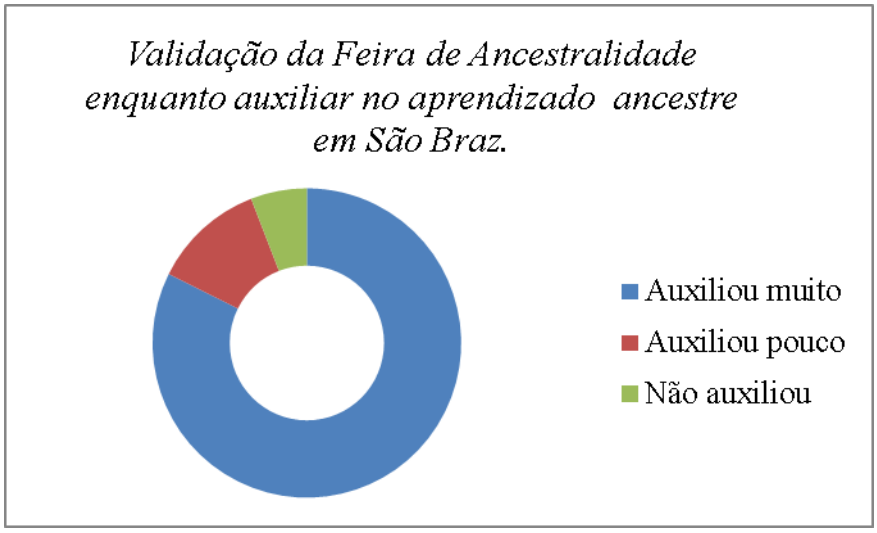
É importante que tenhamos consciência de que estudos biológicos não estão, necessariamente, destinados a serem relacionados às práticas culturais de dadas sociedades; esta afirmação é feita tendo como referência os teóricos consultados sobre o tema nesse texto; assim sendo, é ousada a reflexão sobre essa relação a partir dos dados levantados na aplicação em São Braz. Ela é ousada, mas válida quando se evidencia que os aspectos culturais e sociais mais citados pelos moradores locais, relacionados às suas práticas de vida, estão na contrapartida do que revela os exames genéticos, visto que, esses moradores, referenciaram mais os indígenas em relação aos africanos e aos ibéricos. Com isso, não queremos dizer que a teoria genética não foi válida ao estudo, queremos dizer que os elementos comportamentais, culturais, de prática de vida, nesse caso, não foram determinados pelos dados genéticos que

referenciam mais um grupo em relação ao outro, ou seja, o cultural prático, vivenciado, dialoga e influencia mais que o biológico predominante nos fenótipos e genes das pessoas da região.

8.2 SOLUÇÃO DO PROBLEMA DA PRÁTICA

O segundo resultado consiste na solução de um problema de práxis da comunidade. Se o problema era existir ou não uma ferramenta pedagógica que falasse sobre ancestralidade na região, que auxiliasse na discussão sobre as práticas cotidianas culturais desenvolvidas pelos moradores da comunidade, tomaremos por base para a análise as respostas apresentadas ao questionamento sobre ter ou não a Feira de Ancestralidade auxiliando no aprendizado ancestre sobre São Braz.

Gráfico 2- Validação da Feira de Ancestralidade enquanto auxiliar no aprendizado ancestre em São Braz



Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando, mais uma vez, que estava presente não o todo, mas parte da comunidade, verificou-se que para aquele grupo ter um momento onde houvesse exposições de fotos, dinâmicas sobre grupos fundadores da região e apresentação de vídeos que remetessem às práticas cotidianas comunitárias problematizadas por seus protagonistas, foi uma forma de solução para este problema prático local. Para a pesquisa, a constatação desse resultado, mesmo sendo parcial, no sentido do todo comunitário, representa um ganho para desenvolvimento do estudo, visto que todo o trabalho desenvolvido em São Braz foi pautado

na parceria e diálogo com a comunidade. À vista disso, se tomarmos esses participantes como multiplicadores dos elementos vistos e problematizados no evento, poderá ser concluído que haverá a possibilidade de difusão desse conhecimento para outros grupos locais, podendo ser eles tecidos nos diálogos entre familiares, nas rodas de conversa que existem constantemente na comunidade, nos eventos locais.

Como forma de mensurar a adoção dessa ferramenta, por parte da comunidade, foi proposto um encontro com os moradores para um diálogo sobre a Feira. Esse encontro aconteceu novamente na escola Dorival Passos, escola parceira que se tornou ponto de encontro para tratarmos das ações da pesquisa, fator positivo por serem os pais, avós, bisavós dos estudantes os moradores da localidade. O convite para essa reunião foi feito pela pesquisadora tomando como base a lista de frequência assinada no dia do evento, justamente por terem sido as pessoas que participaram do processo, porém salientando que outras pessoas que desejassem estar presente, seriam bem-vindas.

Foram aproximadamente 20 convidados, compareceram 11 pessoas, dentre elas algumas professoras e mães de estudantes e outros moradores. A condução da atividade foi de forma dialogada, porém com algumas intervenções feitas pela pesquisadora. Uma vez reunidos, comecei perguntando se todos os presentes estavam no dia da Feira, e apenas uma pessoa respondeu que não estava, mas informou que ouviu falar sobre o evento. Questionados sobre o que lembravam em relação ao que foi apresentado e exposto no local no dia do evento, os comentários recaíram de forma predominante sobre as fotos e os vídeos, uma evidência de que as imagens causam efeitos significativos para a educação. Perguntados sobre outros elementos do povoado que pudessem ser trabalhados dentro da temática ancestre, os presentes falaram sobre o samba de roda, a história da formação do povoado e a pesca. Provoquei o grupo apresentando a quantidade de participantes no dia do evento e questionando se poderíamos desenvolver uma ação que envolvesse mais pessoas da comunidade e como ela seria.

Como a discussão ocorreu com a presença também de professores da referida escola, a sugestão feita foi que, como forma de continuação das discussões sobre as práticas culturais dos moradores de São Braz, relacionadas aos seus possíveis grupos formadores, fosse utilizada a temática do Folclore, já que estamos no mês de sua comemoração e levada às ruas as manifestações culturais extintas na comunidade. A proposta foi aceita, porém com a ressalva de que, através delas pudéssemos envolver a comunidade não somente na visualização da apresentação, mas novamente no levantamento histórico, com entrevistas feitas pelos estudantes do ensino fundamental aos moradores locais, estruturando-se em uma

fase de levantamento junto à comunidade sobre as tradições culturais desenvolvidas nela e que estão extintas, com entrevistas para obter informações sobre quando e como elas aconteciam, bem como as lembranças sobre quem as introduziu no local e a pesquisa histórica para o levantamento de informações referentes aos grupos que introduziram essas manifestações no Brasil e na Bahia, em Santo Amaro, em São Braz.

O trabalho irá partir novamente de dentro da escola, com vias de alcance do máximo de pessoas da comunidade, visto que, como culminância se propõe levar as apresentações dessas tradições às ruas de São Braz, possibilitando aos que as conheceram revê-las e, aos que nunca as viram, passarem por essa experiência. Fatores como o tempo para a execução dos procedimentos foram pontuados na reunião, visto que a proposta surgiu atrelada ao folclore. Sobre isso foi salientado que a culminância desse momento poderá ser feita até o final de agosto, pelo fato também da existência de outras atividades agendadas para a semana que se comemora o Folclore. Essa ação insere-se na característica cíclica das atividades que envolvem o trabalho com a DBR, porém, retornando à questão do tempo para a finalização de dissertações, os registros escritos analíticos dessa ação não constarão nesse trabalho, devido ao prazo limite para a defesa da pesquisa.

Para além dos elementos imediatos sugeridos, seguem outras constatações sobre a aplicação e propostas de intervenções para as futuras, conforme consta no quadro abaixo:

Quadro 9 - Propostas de intervenções após a aplicação

Resultados	Intervenções
Houve uma participação relativamente baixa dos moradores no evento, refletindo a dificuldade ainda existente em mobilizá-los para os encontros e reuniões na comunidade.	Propor campanhas comunitárias para a estimulação das discussões, sugerindo que estas aconteçam em algumas casas, tendo como convidados os vizinhos e amigos, de forma a alcançarmos gradativamente os grupos locais;
Constatação de que outros aspectos da história e da cultura de São Braz precisam ser mais discutidos, tais como, as festas calendarizadas extintas.	Realizar um mapeamento dos moradores que vivenciaram essas tradições, entrevistá-los e convidá-los a nos reunirmos para a parceria; inicialmente com a escola e o desenvolvimento de ações que torne

	frequente suas apresentações no local e fora dele.
Necessidade de mais investigações sobre as edificações históricas, como: as ruínas da igreja e a fonte, denominada na atualidade "Fonte de Kaú".	Continuação dos estudos históricos sobre a região e do diálogo com a comunidade, que nos remetam à memória sobre estes lugares.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ciente disso, e da disseminação das informações passadas através das novas tecnologias, retomei a discussão para o *blog* sobre ancestralidade em São Braz, criado em um dos momentos da pesquisa, pontuando ser pertinente que um morador ou um grupo ficasse com seu domínio, ao ponto de poder, nele, serem colocadas as informações, dados e elementos da comunidade, a partir do seu olhar. Alguns presentes disseram ter interesse, porém não tinham *internet* funcionando bem, questão que ocorre na localidade onde a telefonia não é tão boa em todo o povoado. A participante I.A., alegando ter *internet* funcionando bem, aceitou ter o domínio do *blog*, desde quando discutíssemos constantemente sobre o que seria postado nele, porém já enfatizando a importância de mobilizarmos a comunidade a interagir com ele, dando mais opiniões e destinando mais elementos que o caracterize. A solicitação da continuação de uma parceria com a pesquisadora certamente configura um quadro de permanente engajamento e participação na comunidade.

Ciente de que todo processo de pesquisa requer uma análise cuidadosa dos elementos que o compõe e que o trabalho do pesquisador não é o de acertar em todos os dados, mas o de investigar e, principalmente, ao utilizar a DBR e refiná-los, pode-se afirmar que frente às discussões ocorridas na comunidade, é notório que a iniciativa de um trabalho que envolvesse a história e a cultura local, pelo viés dos antepassados, surtiu um efeito positivo, quando conseguimos reunir ao menos parte da comunidade com faixas etárias diferentes para diálogos sobre suas percepções referentes aos seus modos de vida. Na verdade, o fato de a comunidade em muitos momentos questionar a presença de pesquisadores que "colhiam" informações deles sem dar retorno algum, aceitar e acolher a pesquisadora ao ponto de ir, gradativamente, construindo, validando e negando dados do estudo desenvolvido, já pode ser considerado um sucesso para a pesquisa. Na contrapartida sabemos que, no desenvolvimento dela, alguns

objetivos deixam de ser alcançados. Destarte, nesse trabalho, há alguns dados que considerávamos essenciais para a confirmação de algumas hipóteses como:

a) A existência de maior ancestralidade genética africana na região;

b) A confirmação da região de origem do ancestral do morador;

c) O engajamento de mais pessoas da comunidade no processo da pesquisa e na participação da construção e aplicação da intervenção;

d) O desenvolvimento de, ao menos, quatro aplicações pedagógicas para maior acompanhamento prático dos dados do estudo.

O não alcance/cumprimento desses elementos pode ser justificável, quando trabalhamos na perspectiva de conjunto. No que se refere à genética, como já foi dito no capítulo próprio a esse estudo, houve uma parceria com o Laboratório Gene, que se comprometeu em nos auxiliar nas duas fases do experimento, a primeira do mapeamento da maior ancestralidade genética, e a segunda sobre a região de origem do principal ancestral do grupo estudado. Essa segunda etapa que deixou de ser realizada pelo laboratório nos interessava bastante, pois assim como pelos dados toponímicos e de manifestações culturais levantados, e das práticas cotidianas da comunidade, acreditávamos existir maior referências africanas bantas e também indígenas. Para tanto, esse mapeamento da região do maior ancestral fortaleceria e direcionaria melhor nossa discussão sobre aspectos culturais observados.

Outro fator relevante, que gerou a mudança do foco da construção das intervenções para a escola, foi o fato da participação parcial da comunidade. Vimos que, por dados do recenseamento do IBGE, existem em São Braz aproximadamente 1085 moradores, obviamente com faixas etárias diferentes. Ao longo do estudo, considerando a participação deles nas entrevistas, nas reuniões de apresentação do quadro de contexto, na preparação das atividades de intervenção, julga-se que tenham sido envolvidas, diretamente, somando-se os momentos, aproximadamente cem pessoas. Contrariando as queixas dos próprios residentes locais, esse número pode ser considerado positivo, mas não o desejado. Tendo esses dados e considerando os pressupostos do aprendizado ocorrido no meio social de interação, temos essas pessoas como multiplicadoras, fator que certamente auxiliará na continuidade desse trabalho.

O fato de não ter havido mais aplicações, devido ao prazo acadêmico para finalização desse trabalho, também deve ser visto como um limitador das ações, pois a forma cíclica de aplicações na DBR geraria mais intervenções, como a análise de uma forma de expansão dessa discussão para uma quantidade maior de moradores, a presença, estudo e

diálogo sobre formas mais peculiares de desenvolvimento das atividades práticas deles, a organização de momentos de palestras, ministradas por diferentes grupos locais. Contudo, como vimos, mesmo com um grupo relativamente pequeno de análise, as ações tendem a ser continuadas de forma dialogada e processual.

8.3 ENVOLVIMENTO E HABILITAÇÃO DOS ENGAJADOS NO PROCESSO DA PESQUISA

Através das deliberações tomadas nesse último encontro podemos discorrer sobre o terceiro tipo de resultado na metodologia. Ele consiste tanto no desenvolvimento quanto na habilitação dos engajados no processo da pesquisa, ao ponto de saírem dele com o conhecimento necessário para levar a efeito sua prática. Nesse sentido, pode-se afirmar que tanto a pesquisadora quanto os demais envolvidos na pesquisa, moradores locais, estudantes da escola, professores envolvidos uma vez validando as atividades que foram desenvolvidas e, demonstrando interesse em continuar as discussões sobre elementos presentes no cotidiano da comunidade relacionada aos seus grupos formadores, como o samba de roda, a cafua, a pesca, todos expressos por eles no questionário de validação da ação, estiveram e estão, frente à proposta de continuação da atividade, refletindo sua prática, enxergando a possibilidade de discussão sobre ela.

Com base nos resultados apontados, é possível considerar a possibilidade de generalização dessa aplicação? Primeiro, temos que entender a generalização considerando que ela:

> [...] ficará sempre a cargo da capacidade e possibilidade de fazer migrar uma efetiva intervenção de nossa classe ou situação de aplicação, para outras, mesmo sabendo que esta efetividade sofrerá toda a sorte de uma nova rodada de ciclos de aplicação, análise e validação para que possa efetivar-se neste outro contexto. Significa dizer que em DBR, generalização, termo mais adequado às pesquisas experimentais, deve ser substituído pelo termo **replicação**. Que implica reconhecer que a transferência de uma solução, ou mesmo de parte dela, de uma complexidade de práxis e ação para outra situação complexa, vai requerer cuidada consideração de viabilidade e validação. (MATTA *et al*, 2014, p. 9).

Dessa forma, acredita-se que uma proposta de levar às ruas da comunidade manifestações culturais que já existiam, mas de alguma forma, por motivos que poderão também ser mapeados, pode ser considerada uma intenção de *replicação* da intervenção no mesmo local, sendo que nessa situação o contexto já estruturado e validado teria efeito, visto que as manifestações culturais como: samba de roda, bumba meu boi, caretas, lindro amor,

têm suas bases em grupos ibéricos, indígenas e africanos, problematizados ao longo desse estudo.

Porém, se pensarmos em replicar essa intervenção em localidades com realidades próximas, tais como as existentes no município de Acupe, limítrofe a São Braz, inserido no mesmo contexto de colonização e estrutura senhorial desse tipo de sociedade, com pessoas, provavelmente, remanescente de engenhos, e que vivem na atualidade, também, basicamente da pesca, porém mais preservadoras de suas tradições culturais, demandaria uma consideração de viabilidade e validação, mas tenderia a dar resultados semelhantes, devido ao contexto histórico-cultural local.

Já se deslocássemos a análise dessa região, trabalhando esses resultados em outras perspectivas, como a proposta em projetos de TBC - Turismo de Base Comunitária, desenvolvido na UNEB, que se configura na mobilização de comunidades de bairros da cidade de Salvador, como Beiru, Pernambués, Doron e Saboeiro, para a criação de roteiros turísticos urbanos responsáveis, sustentáveis e solidários, tendo em vista história de antigas aldeias indígenas e de quilombos, e o potencial para economia solidária e criativa comunitária, há perspectiva de viabilização, visto que, embora sejam áreas urbanas, os contextos de formação de sociedade, ao menos colonial, se assemelham, mas sofreriam mudanças devido à diferença de formas práticas de vida dos grupos citadinos.

Mas se a reflexão recai sobre um movimento contrário, visto que a análise aqui está partindo dos resultados da pesquisa em uma comunidade rural como a de São Braz, para sua aplicação em bairros presentes em uma metrópole, poderíamos considerar a pertinência de associar ao contexto de São Braz práticas do Turismo de Base Comunitária, dialogando com os moradores sobre a forma sustentável de trabalho com a pesca, com o artesanato feito de bambu, com a utilização de madeiras para a confecção de remos, com a criação de um ou vários roteiros turísticos dentro do povoado identificados com lugares que remetessem à história e à memória local fundamentada em seus grupos fundadores e nas vivências cotidianas locais.

9 CONCLUSÃO

Esse estudo foi realizado com a intenção de construir e aplicar um procedimento pedagógico que levasse à reflexão e à discussão sobre ancestralidade em uma região berço da colonização brasileira, a partir de um processo de colaboração e mediação entre pesquisador e os grupos da comunidade, envolvidos na pesquisa.

A princípio essa pesquisa surgiu como uma forma de vincular o estudo sobre a história de Santo Amaro, com ênfase para os grupos étnicos presentes na região desde o processo de colonização, - investigação desenvolvida em minha monografia da graduação -, com o desenvolvimento de ferramentas pedagógicas aplicáveis que auxiliassem na reflexão sobre a importância de uma discussão que considerasse as práticas de vida dos povos que vivem na região, de certo, descendentes dos grupos étnicos que os formaram.

As constantes preocupações e discussões tecidas nas rodas de conversa com os moradores de Santo Amaro, no seio de minha família materna, nos contos realizados por moradores antigos e, no meio acadêmico, relacionado a uma metodologia que forneça um significado válido ao ensino ancestre, e que seja coerente ao contexto contemporâneo, levou ao seguinte problema: inexiste um procedimento pedagógico sobre a ancestralidade da comunidade de São Braz, em Santo Amaro da Purificação - Bahia.

Para a reflexão e possibilidade de solução do problema proposto, foram necessários dois momentos inseparáveis, por ocorrerem na práxis desse estudo. No primeiro momento, apresentamos a contextualização através da vivência e olhar da pesquisadora sobre a comunidade, associada ao diálogo com estudiosos, para assim caracterizar o quadro histórico social local, a ser considerado para a proposta do ensino/aprendizagem sobre ancestralidade. No segundo momento, expusemos o diagnóstico da necessidade de uma metodologia de ensino que contemplasse o desenvolvimento de diálogo crítico-reflexivo, contextualizado, significativo e construtivo, voltado para problemática da história local.

Nesse sentido, o contexto e a reflexão crítica histórico-social auxiliaram no desenvolvimento do trabalho, pois permitiram tanto à pesquisadora quanto aos envolvidos no processo, no caso os moradores de São Braz, assumirem posturas mais ativas no processo de aprendizagem, fator que certamente contribui para mudanças na compreensão de mundo e na validação de atividades construtivas e de resolução de problemas, com colaboração, criatividade e interatividade.

Dando prosseguimento a contextualização, buscou-se nos capítulos três e quatro caracterizar as formas de vida dos grupos ibéricos, indígenas e africanos, aos quais é creditada

a formação da sociedade local; também a verificação de como as práticas de vida, desses grupos, estão refletidas na atualidade da localidade, passados quinhentos anos de encontro entre eles do lado de cá do atlântico e os possíveis mais de trezentos anos da formação da sociedade de São Braz.

Nessa perspectiva, afirma-se que esses capítulos, aos quais podemos denominar de contextualização, se configuraram como fonte de reflexão para o segundo momento de validação e construção das intervenções junto à comunidade, experiência realizada no campo de estudo.

Além do contexto, podemos dizer que as demais problemáticas presentes nesse estudo, evidenciadas nas questões indicadas na introdução, que emergiram do problema principal e determinaram os capítulos, foram respondidas, na medida em que utilizamos uma solução praxiológica, cujo método dialoga com a comunidade e com os autores. Assim, com base no contexto e validação do grupo social estudado, a construção da ancestralidade para o caso em questão perpassou pelas análises de exames genéticos, mas teve seus maiores referenciais ao que é "antigo", à valorização, investigação e ênfase às edificações históricas antigas locais, referência às atividades de pesca e mariscagem relacionadas aos grupos indígenas da região, ao orgulho da cultura e forma de vida na localidade.

Respondendo ao questionamento sobre o planejamento pedagógico adequado para o caso, pautou-se na congregação de pessoas da comunidade para validação do contexto, discussões e elaborações de sugestões para intervenção, organização de oficinas na escola local, obtenção de elementos que constituíssem a ancestralidade local, organização e efetivação da Feira de Ancestralidade.

A partir desses elementos podemos afirmar que os resultados da pesquisa mostraram que as características de planejamento, pesquisa, construção e aplicação de conceitos de forma organizada, reflexiva, contextualizada e estratégias socioeducacionais para resolução de problemas relacionados às vivências locais, de grupos originários de um secular processo de colonização e ocupação de regiões, foram contempladas nas formas de diálogo e discussões comunitárias, através de eventos que reuniram o máximo de pessoas da coletividade, vistas como multiplicadoras das propostas ali desenvolvidas.

Para efeito, conclui-se que a proposta metodológica pautada na DBR, que valoriza o contexto e o diálogo entre os envolvidos, bem como a forma cíclica de aplicações a fim de responder ao problema de pesquisa, ofereceu qualidade à reflexão sobre ancestralidade ao auxiliar no desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo e à crítica sobre a realidade vivida na comunidade, bem como a modificação dos conhecimentos prévios sobre a história

de São Braz, em alguns casos, e a ampliação destes em outros; a construção e significação de conceitos como o de ancestralidade, por exemplo, e a construção de consciência histórica ancestral para os moradores locais.

Ao completar os objetivos propostos, chega-se a compreensão de que para esse estudo não é adequado falar em conclusão, visto que tanto em relação à temática quanto aos pressupostos metodológicos, não se trabalha com a ideia de fim, término, acabamento. Apenas foram apresentados resultados para o problema específico, salientando-se que dentro da perspectiva de replicação, ele poderá ser analisado da forma como se encontra no mesmo ou em outros ambientes. Logo, a conclusão feita aqui tem o objetivo de avaliar os resultados do processo de pesquisa realizado e apontar novos questionamentos e caminhos a serem trilhados, a exemplo, a utilização de aplicações pedagógicas como esta para fazer valer leis que tratam da obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena e africana nas escolas ou diferentes comunidades de aprendizagem. Também sobre a forma de, valorizando os trabalhos e contextos de cada comunidade para a criação de roteiros turísticos comunitários, onde de forma sustentável, os moradores das localidades, engajados no processo, reflitam e auxiliem outras pessoas na reflexão sobre a história e cultura locais.

Por fim, ressalta-se a pretensão da continuação de aspectos desse estudo em um projeto de doutorado, deixando evidente que essa dissertação não intencionou esgotar a temática abordada, mas contribuir como referência não só para reflexão, mas também para aplicação dessa metodologia em outros estudos que visem à resolução de problemas práticos de educação.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlayra R. de; FILHO, Walter Fraga. **Uma História do negro no Brasil.** Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

AMADO. E. Depoimento [12 de fevereiro de 2013]. São Braz, Santo Amaro. Entrevista concedida a Aline de Assis Santos.

AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. **Engenhos do Recôncavo Baiano**. Brasilia: Iphan/Programa Monumenta, 2009.

BARROS, José D' Assunção. **O campo da História**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARAB, S., e SQUIRE, K.. Design-based research: Putting a stake in the ground. **Journal of the Learning Sciences**. Madison: International Society of the Learning Sciences, v. *13, n.* 1, p. 1-14, 2004. Disponível em: <http://www.gerrystahl.net/teaching/winter12/reading3a.pdf>. Acesso em: 10 Abr. 2014.

BROWN, A. L.. Design experiments: Theoretical and methodological challenges in creating complex interventions. **Journal of the Learning Sciences**. Madison: International Society of the Learning Sciences, v. *2*, n. 1, p. 141–178, 1992. Disponível em: <http://mailer.fsu.edu/~kiw05/is_research/modules_fr/Brown_Design_Experiments_150dpi.pdf>. Acesso em: 20 Maio, 2014.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

CAPRINI, Aldieres Braz Amorim. **Pesquisa em História Regional**: aspectos conceituais e metodológicos. In: Simpósio Impérios e Lugares no Brasil, 3º, 2010, Ouro Preto, anais Disponível em: <http://www.ilb.ufop.br/IIIsimposio/64.pdf>. Acesso em: 24 out. 2013.

CARVALHO, Ana Verena. **Ensino de História na perspectiva de Paulo Freire:** desafios para uma práxis em educação a distância. Salvador, 2008. 171f. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/pdfs/dissertacao/2008/ana_verena_carvalho.pdf>. Acesso em: 20 out. 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1972. 930p.

CASTRO, Yeda. Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

COLLINS, A. Toward a design science of education. In E. SCANLON, E.S. e O'SHEA, T. (Ed.), New directions in educational technology. Berlin: Springer-Verlag, 1992. . Disponível em: http://www.public.asu.edu/~kvanlehn/Not%20Stringent/PDF/92NDET_KVL.pdf. Acesso em: 20 maio, 2014.

EDELSON, D. C. (2002). **Design research**: What we learn when we engage in design. *Journal of the Learning* Sciences, 11(1), 105-121. Disponível em: <http://www.cs.uic.edu/~i523/edelson.pdf>. Acesso em: 20 maio, 2014.
FREIRE, Felisberto. **História territorial do Brazil.** Bahia, Sergipe e Espírito Santo. Salvador. Secretaria da Cultura e Turismo, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1998.

FREIRE, Paulo. **Conscientização:** teoria e prática da libertação. São Paulo: Moraes, 1980.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da História**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1978.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

HISTÓRIA DA CAPOEIRA CONTADA PELOS MESTRES. PARTE 1. TVE. Filmes de Capoeira, 01 de novembro de 2011. Documentário (9:37min): son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IA5G68ZuqDE>. Acesso em: 07 nov. 2013.

LEAL, Herundino da Costa. **História de Santo Amaro**. Imprensa Oficial da Bahia, 1964.

LOPES, Nei. Dicionário Banto do Brasil. Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1998. In: PRANDI. Reginaldo. **De Africano a Afro-Brasileiro**: etnia, identidade, religião. Revista USP, São Paulo nº46, p.52-65, julho/agosto 2000. Disponível em: www.revistas.usp.br Capa › n. 46 (2000). Acesso em: 07. out. 2013.

MARTINS, Marcos Francisco. **Marx, Gramsci e o conhecimento**: ruptura ou continuidade? Campinas, SP: Autores Associados; Americana, SP: UNISAL – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2008. (Coleção educação contemporânea).

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. Desenvolvimento de Metodologia de Desing Socioconstrutivista para a Produção do Conhecimento IN: GURGEL, P R H; SANTOS, W N. (Org). **Saberes plurais, difusão do conhecimento e práxis pedagógica**. Salvador: EDUFBA, 2011.

_____ et al .***Design-Based Research ou*** **Pesquisa de Desenvolvimento**: metodologia para pesquisa aplicada de inovação em educação do século XXI. 2014. (No prelo).
_____. **História da Bahia**: licenciatura em História. Salvador: Eduneb. 2013.

MATTOSO, José. **História de Portugal**: Antes de Portugal. Lisboa: Estampa, 1997.

MENDONÇA, Sueli. Guadalupe de Lima. et al. **Marx, Gramsci e Vigotski**: aproximações. São Paulo: Junqueira e Marins, 2012.

MCKENNEY, S.; REEVES, T.. Conducting Educational Design Research. In MATTA. Alfredo Eurico. *et al* .***Design-Based Research ou*** **Pesquisa de Desenvolvimento**: metodologia para pesquisa aplicada de inovação em educação do século XXI, 2014.

NEVES, Walter Alves; PILÓ, Luís Beethoven. **O Povo de Luzia:** em busca dos primeiros americanos. São Paulo, Editora Globo, 2008. 334 p.

NEVES, D. Depoimento [07 de junho de 2012]. São Braz, Santo Amaro. Entrevista concedida a Aline de Assis Santos.

NONATO, Emanuel do Rosário Santos. **A formação do hiperleitor**: Características do processo de desenvolvimento da autonomia e emancipação 123 crítica do aluno-hiperleitor. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia. Salvador: UNEB, 2006. Disponível em: <http://www.ppgeduc.com/dissertacoes/turma_4/2004_l2_emanuel_do_r_s_nonato.pdf>. Acesso em: 10 Jan. 2014.

NÚÑEZ, Isauro Beltrán. **Vygotsky, Leontiev e Galperin**: formação de conceitos e princípios didáticos. Brasília: Líber Livro, 2009.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da ancestralidade**: corpo de mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OTT, Carlos. **Povoamento do Recôncavo pelos engenhos 1536-1888**, vII. Ed. Bigraf, Salvador, 1996.

PAIM, Zilda. **Isto é Santo Amaro**. 3. ed. Salvador. Academia de Letras, 2005. 230p.

PEDREIRA, Pedro Tomás. **Memória histórico-geográfica de Santo Amaro**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico. 1977.

PEREIRA, M. M. Depoimento [18 de junho de 2012]. São Braz, Santo Amaro. Entrevista concedida a Aline de Assis Santos

REIS, João José. **Rebelião escrava no Brasil**: A História do levante dos Malês em 1835. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

REEVES, T. Design Research from a technology perspective. In VAN DEN AKKER, J, K.; GRAVEMEIJER, K.; MCKENNEY, S; & NIEVEEN, N (Eds.), **Educational design research**. London: Routledge, 2006, p. 17-66.

RUSSEL-WOOD, A.J.R. **Através de um prisma africano**: uma nova abordagem ao estudo da diáspora africana no Brasil Colonial. Tempo. 2001. São Paulo, 2006.

SANTOS, L. Q. Depoimento [15 de junho de 2012]. São Braz, Santo Amaro. Entrevista concedida a Aline de Assis Santos.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial. 1550-1835. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SEPROMI. **Mapeamento dos espaços de religiões de matrizes africanas do Recôncavo**. Salvador, 2012.

SILVA. Alberto da Costa e. **A enxada e a lança**: A África antes dos portugueses. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SOUZA, A. O. Depoimento [11 de junho de 2012]. São Braz, Santo Amaro. Entrevista concedida a Aline de Assis Santos.

SOUZA, G. Depoimento [9 de junho de 2012]. São Braz, Santo Amaro. Entrevista concedida a Aline de Assis Santos.

SOUZA, Mônica Lima e. **Angola é aqui:** no vocabulário, na cultura e nos costumes, a identidade brasileira tem origem no outro lado do Atlântico. Revista de História. Com.br. 2008. Disponível em: http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/angola-e-aqui. Acesso em: 20. fev.2014.

VAN DEN AKKER, J.; NIEVEEN, N.; BRANCH, R.M.; GUSTAFSON, K.L. e PLOMP, T. (Ed.). **Design methodology and developmental research in education and training**. Norwell: Kluwer Academic Publishers. 1999. p. 1-14). In MATTA. Alfredo Eurico. *et al* .***Design-Based Research ou*** **Pesquisa de Desenvolvimento**: metodologia para pesquisa aplicada de inovação em educação do século XXI. 2014. No prelo.

VERGER, Pierre. **Fluxo e refluxo**: do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII ao XIX. Trad. Tasso Gadzanis. 4. ed. Salvador: Corrupio, 2002.

VIDAL, Eudes Mata. **Aplicação do jogo RPG BY MOODLE para a aprendizagem sobre a guerra de canudos.** 2013. 283f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 2013.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores; organizadores Michael Cole et al.Trad. José Cipolla Neto; Luís Silveira Menna Barreto; Solange Castro Afeche. 6. ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Wang, F., & Hannafin, M. J. (2005). Design-based research and technology-enhanced learning environments. **Educational Technology ResearchandDevelopment**, *53*(4), 5-23. Disponível em: <http://link.springer.com/article/10.1007%2FBF02504682#page-1>. Acesso em: 22 mai. 2014.

WENGER, E. Communities of practice. Cambridge: University Press, 1998. In MATTA. Alfredo Eurico *et al* .***Design-Based Research ou*** **Pesquisa de Desenvolvimento**: metodologia para pesquisa aplicada de inovação em educação do século XXI, 2014.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

APÊNDICE A - Cordel de Ancestralidade

Essa literatura de cordel foi redigida pela professora Lívia Oliveira em parceria com Uilliam Souza de Santana, Thiago Caetano dos Santos, João Vitor C. Batista, Daniel Souza Lima, Carlos Eduardo Barbosa Paranaguá, Michel Uilliam dos Reis Oliveira, Mateus da Silva Santana, Daniele Souza de Santana, Ianne Marcely Santana Barcellar, Alexandre Ferreira Pereira, Ramon de Jesus Ramos, Gilmara Pereira de Souza, Thiciane Santos de Pinho, Joice Ferreira Pereira, Leticia Conceição Ramos, Célia Stefane Silva de Deus e Priscila Gomes dos Santos, estudantes do 5º ano da Escola Municipal Dorival Passos, tendo como professora regente Esmeralda Chagas. Todos foram de suma importância e apoio para o trabalho da pesquisadora Aline de Assis, sobre Ancestralidade em São Braz.

LITERATURA DE CORDEL - ANCESTRALIDADE EM SÃO BRAZ

Refletir historicamente sobre a história de São Braz,
É pensar sobre o ser negro,
E outros povos mais,
Como indígenas e ibéricos,
E outras raças legais.

São Braz é considerado
Do Recôncavo um povoado
Que tem uma grande importância
E deixa na história um legado:
Ser impulsionador da economia,
Nas heranças do passado.

A história de São Braz
À de Santo Amaro está ligada
Onde o marco inicial
É dos portugueses a chegada
Nesta terra tão amada,
Que de Brasil foi denominada.

Mas quem são esses portugueses?
Vieram de qual região?
É um povo que aqui aportou
Para dar configuração
A um quadro de interculturalidade
Que ainda não é dito não.

Assim como a prática prestigiosa

De terras para doar.
Como ocorreu em Santo Amaro
No governo de Mem de Sá.
Também na história da escravidão
Com indígenas a iniciar.

Santo Amaro é muito importante,
Nobres da sociedade abrigou.
Foram vários os barões,
Que nossa terra explorou.
Através de seus engenhos
Onde índios escravizou.

Mas são ou não os indígenas,
Os primeiros habitantes do Brasil?
Isso ainda é discutido
Já que nos anos 70 surgiu
Um crânio com traços negroides
Que de "Luzia" se definiu.

O que podemos pontuar
É que em Santo Amaro existiu
Predominante forma de escravização
De negros que partiu
Da África para cá
Pra trabalhar no Brasil.

Bantos, Geges e nagôs
Nesse contexto vieram
Para formar a sociedade
Pois no Recôncavo estiveram
Daí surge São Braz
Que ser engenho, os documentos disseram.

Para conhecer nossa história
Vou ancestralidade definir
Oliveira 2007, diz ser um tecido
No tear africano a surgir
Numa trama entre tempo e espaço
Onde o mundo vem existir.

Ela também significa
Formas ancestrais compreender
Como no caso da Bahia
Do Recôncavo a saber
Desde sua colonização
Até os dias que estamos a viver.

Ancestralidade em São Braz!

Disso o que podemos falar?
É enxergar de forma ampla e diversificada
O que o dia a dia tem pra mostrar
E, segundo Eduardo Oliveira
Em categorias ela está.

Diversidade e encantamento,
Relação, ligação e inclusão.
Considerando outros grupos
Que formaram a região
Mas para entender tudo isso.
Vamos falar em divisão.

Na metade do século XX
Santo Amaro era dividido
Com diferentes municípios
Num contexto inserido
Ele tinha onze distritos
E São Braz estava incluído.

Esses foram os primeiros dados
No momento da investigação
O que ocorreu antes disso
É apenas informação
Sobre o surgimento de São Braz
Ouvi muita consideração.

De moradores, livros e documentos
Registro de batismo e nascimento
Pois nos séculos XIX e XX
Existia muito movimento
Na capela de São Braz
Hoje em desmoronamento.

Existiu batismo e missa
Herança que o povo ibérico deixou
Na contrapartida a essa questão
Terreiro aqui não se encontrou
Das religiões de matrizes africanas
Que registro não formalizou.

A capela deixa reflexões
Quem primeiro a habitou?
Indígenas ou africanos
Quem no pesado pegou?
Quem construía essas igrejas
Quando ela se edificou?
Autores fazem estimativas
Como Ott em 96
Ele a data de 1600

Só não diz quem a fez
É provável que existissem moradores
E pessoas do engenho, freguês.

Com base em informações
E em lugares a visitar
Como a “Cafua” que lá existe
No sobrado a se instalar
São Braz pertenceu a um Senhor
De João Clímaco a se chamar.

Ao longo da escravidão
Vieram bantos de diferentes regiões
Angola, Congo, Guiné e outros
Trazendo grandes transformações.
Como a língua portuguesa
Com a qual fizeram transmissões.

Substituir engenho por usinas
Apagou vestígios de sua existência
Bem como dos povos que a compuseram
Com muita maledicência
Mas o livro 4 das escrituras
Declara sua permanência.

Esse livro está na Santa Casa
Na cidade de Salvador
Onde chama de corrente e moente
O engenho de um Senhor
Com todas suas fábricas e acessórios
Uma hipoteca que declarou.

Em 1778
Uma lista apontou
Os moradores de São Braz
Que de cem não extrapolou
Nem são chamados de escravos
E até seus nomes relacionou.

Relação de parentescos
E também suas idades
Alguns citam até a cor
Só não citam as maldades
Listam também os ofícios
Que já existiu nas comunidades.

Lavrador de cana
Qualquer um podia ser
Um humilde agricultor
Stuart está a dizer

Ou um grande Senhor de Engenho
Era de todos um dever.

Mestre de açúcar, Carapina
Soldado executor
Caixeiro do engenho, alfaiate
E também pescador
Que é desenvolvido por africanos
Mas os índios nos influenciou.

Com base nesses ofícios
Poderíamos entender
Que a existência de ligação
Nos leva a compreender
Que negros, índios e brancos
Estavam juntos a conviver.

Relações que eram comuns
Pelos quilombos que surgiram
Onde negros, brancos e pobres
Nesses locais se reuniram
E devido às relações interétnicas
Mamelucos, mulatos e cafuzos uniram.

Passados 226 anos
Do recenseamento das profissões
Considera-se viável termos hoje
Descendentes dessas gerações
Podendo existir ancestrais
Que ficaram nessas regiões.

Existem em São Braz moradores
Que vivem atualmente
Da pesca e mariscagem
Atividade que não é recente
Assim como coser rede e consertar canoas
Que é uma prática permanente.

Sucessão de posse também ocorreu,
Foi Ott que informou.
Que em 1859,
O Barão do Rio Fundo, a registrou
Tem até um inventário,
De sua esposa que restou.

No Arquivo de Santo Amaro
Você pode encontrar
Esses e outros dados
Para se orientar
Como o falecimento da Baronesa

Que aqui esteve a morar

Neste panorama de sucessões
De terras para doar
Dizem os moradores
Que João Clímaco lá está
Para dar moradia ao povo
E a prefeitura com o resto ficar.

Após o entendimento
Podemos até concluir
Que São Braz surgindo no século XVII
Com 100 moradores a existir
Lá pelo século XVIII
Não é incorreto inferir
Pois no século XXI
1085 vivem aqui.

Com base nesses números
Houve pouco aumento da população
Grande é a mobilidade
Que ocorre na região
E também as tradições culturais
Originárias de sua formação.

Adentrar mais em São Braz
Só indo pelas tradições culturais
Trazidas pelos grupos fundadores
Pelos nossos ancestrais
E com as práticas indígenas
De Tupis e outros mais.

Fica claro e evidente
Que houve inter-relação
Como o hábito de dormir em redes
E a forma de Organização
Utilização de folhas para a cura
E até a habitação.
Agricultura de subsistência
A prática de pescar.
Com as redes e tarrafas
E canoas a remar.
E a coletividade
Sempre a lhes principiar.

Técnica de construir com taipa
Nome para designar.
A liga de barro ressecado
Em gravetos a se escorar.
Que segundo MATTA (2013)

Vai as primeiras cidades formar.

O artesanato também é
Na sociedade indígena importante
O uso das palhas, os adornos
Tudo é muito relevante
Que se misturou com europeus e africanos
Num processo exuberante.

Um dos legados ibéricos
É importante observar
Logo entrando em São Braz
Lá no alto ela está.
Falamos aqui da igreja
Com José Mattoso a apontar.

A tradição de construir templos,
Para os deuses cultuar,
Isso ele disse em 97
Que é para referenciar.
As práticas do Cristianismo,
Em São Braz a se manifestar.

Na herança culinária
É Matta quem vai falar.
Das típicas mariscadas,
Em São Braz a se firmar.
Feijoada, arroz doce,
Peixes a cozinhar.

A culinária é uma das formas
De manutenção e interlocução.
De tradições entre grupos distintos
Que formaram a região.
Um exemplo são as comidas do porto
Que não usam dendê não.

O dendê quem usa são os povos geges
Da África, de outra região.
Que trouxe o doce de banana angolano
Que fazemos utilização.
O quiabo de Benim para o caruru,
De São Cosme e São Damião.

De Cabo Verde veio a mandioca
Que faz um gostoso pirão.
Que aprendeu com os indígenas
E levou com precisão.
Doce de leite, cuscuz e feijoada
E cocada de montão.

Em São Braz tem dois eventos
Que ocorrem anualmente
São eventos religiosos
Que traz a São Braz muita gente
Procissão dos jesuítas
Com caráter bem contente.

O caráter festivo de São Braz
Foi herdado de Portugal
Suas danças e invenções
E mais herança legal
Mas a nossa famosa lavagem
É também tradicional

E pautada em tradições africanas
Com origem no catolicismo.
Onde os escravizados lavavam a igreja
Para mostrar seu misticismo
Aos santos e divindades

Nas práticas da comunidade
É notória a interligação
Pois os líderes da lavagem
Fazem a sua saudação
A oxalá e a Oxum
Na fonte da região.

Uma fonte secular
Usada para lavar
Os pés da cruz na festividade
Na frente dum porto a se situar
Local onde hoje é a praça
De João Borges a se chamar.

Regiões como o Benim, Togo e Nigéria
Referenciou orixá
Nos remetendo às tradições africanas
De divindade Iorubá
Que resulta também em mistura
Que é onde tudo dá.

Em São Braz os mais velhos
São para todos referência
Toma-se a benção e conversa
Ouvindo com muita paciência
As histórias e ensinamentos
Que ensinam com consciência.

Lima diz que Curtim afirmou

Sobre os escravos no Brasil
Que a maioria vieram de Angola
Para o nosso país varonil
Deixando-nos muitas heranças
Que a nós sempre serviu.

Palavras, gestos e gingas
O caruru tradicional
Oferecido em devoção aos Santos
Uma prática bem normal
O samba de roda e capoeira.
Hoje, patrimônio imaterial.

AGRADECIMENTOS

A Lívia Oliveira, pelo empenho, parceria e dedicação, a Adilza Maria de Sousa, diretora da Escola Municipal Dorival Passos, por ter aceitado a parceria entre a escola e a pesquisadora e por todo auxílio prestado. A todos os professores e funcionários sempre solícitos e apoiadores.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da ancestralidade**: corpo de mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OTT, Carlos. **Povoamento do Recôncavo pelos engenhos 1536-1888**, vII. Ed. Bigraf, Salvador, 1996.

MATTA, Alfredo. Licenciatura em História. **História da Bahia**. Eduneb. Salvador, 2013.

MATTOSO, José. **História de Portugal**. Antes de Portugal. Lisboa: Estampa, 1997.

APÊNDICE B - Fotos da Escola Doriva Passos

Figura 1- Casa de Taipa

Autoria: Estudantes da Escola Doriva Passos, 2014.

Figura 2 - Porto de São Braz

Autoria: Estudantes da Escola Doriva Passos, 2014.

ANEXO A - Lista do recenseamento dos moradores de São Braz

Figura 1 - Página 1: Recenseamento dos Moradores do Engenho de São Braz, 1788.

Figura 2 - Página 2: Recenseamento dos Moradores do Engenho de São Braz, 1788.

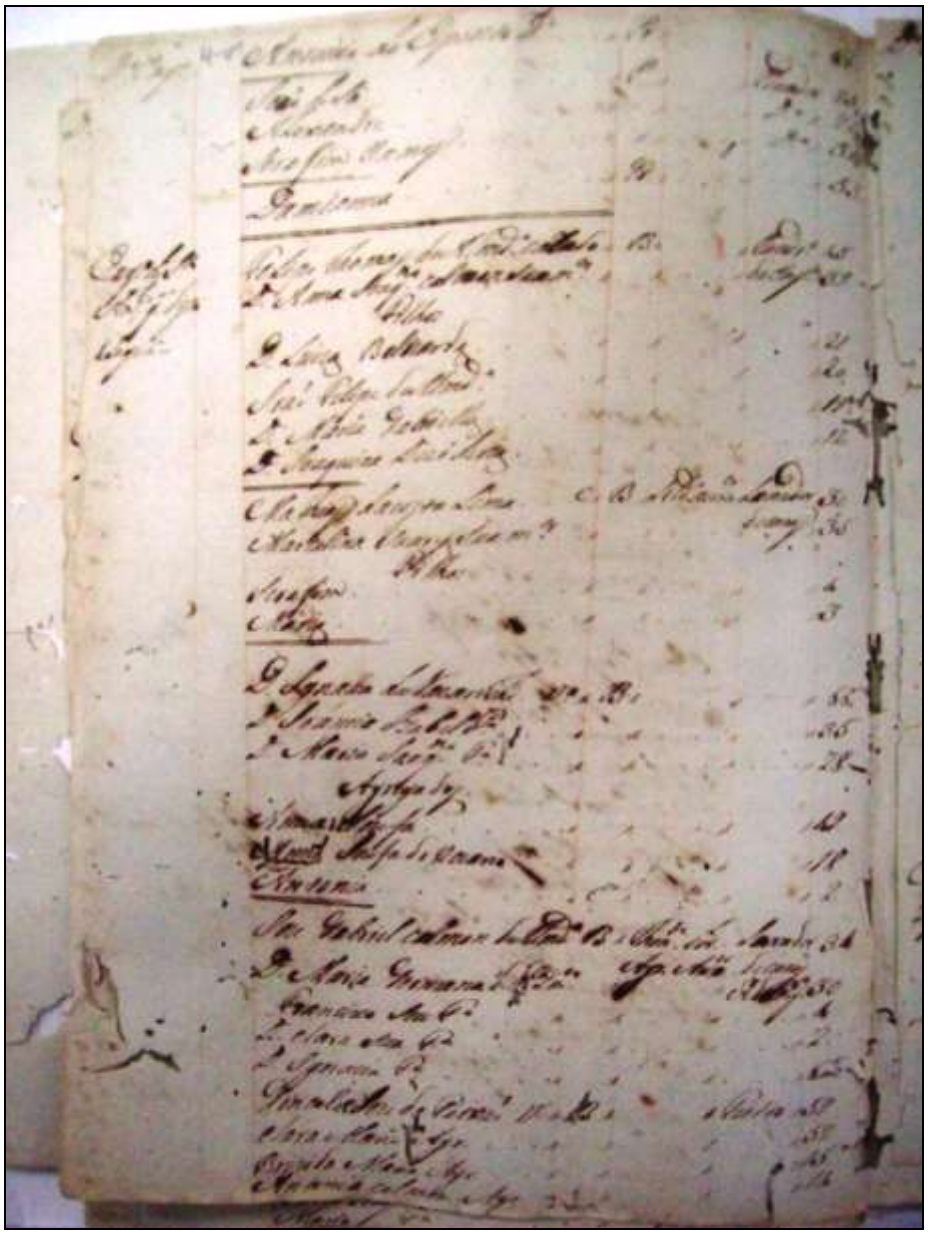


Figura 3 - Página 3: Recenseamento dos Moradores do Engenho de São Braz, 1788.

Transcrição do Documento

Seção de Arquivo Colonial e Provincial. Governo Geral/ Governo da Província. Série: Recenseamento 1773-1805. Maço 596.

Lista de Moradores da Freguesia de Nossa Senhora da Purificação que Compreende a Companhia de Ordenanças nos Distritos da Patatiba e mais mencionados Extraído pelo seu Capitão Matias da Silva Chaves, 1788. Caderno 7. 15 folhas =30. Maço 596

1788

Freguesia de Nossa Senhora da Purificação

Lista dos moradores que compreende a Companhia de Ordenanças nos Distritos da Patatiba e mais mencionados, extraídos pelo seu Capitão Mathias da Silva Chaves, no ano de 1788.

Engenho de São Braz

Nome	**Estado Civil**	**Cor**	**Agregados**	**Filhos**	**Ofícios**	**Idade**
Gaspar de Araujo Azevedo Gomes de Sá	-----	Branco	X	-----	Lavrador de Canas	22
Filhos						
D. Francisca da Rocha	-----	-----	-----	X	------	3
D. Antonia Theresa	-----	-----	-----	X	------	2
Agregados						
Ana Custodia	Casada	Branca	X	----	-----	25
Manoel Seu Filho	-----	-----	X	-----	------	3
					Oficial do Açúcar	

Manoel de Sá	-----	Pardo	X	-----		25
Antonio José Faria	Casado	Branco	X	-----	Caxeiro do Engenho	26
D. Anna Joaquina sua mulher	Casada	----	X	-----	-----	18
Filhos						
Luiz	-----	----	-----	X	-----	5
D. Francisca	------	-----	-----	X	----	3
D. Rosa	----	----	----	X	----	2[ileg]
D. Francisca Quiteria	Viúva	----	----	**?**	----	55
Anastácio Rodrigues da Silva	Casado	Branco	----	-----	Do seu negócio	35
Felícia Rodrigues sua mulher	Casada	----	----	---	----	27
Pedro seu filho	-----	----	----	X	----	2
Thomé da Costa Nunes	Viúvo	Branco	------	-----	Soldado executor	7**4**
Mara Francisca [Agregada]	-----	Parda	X	----	----	18
Maria sua filha	-----	-----	----	X	----	3
Anna filha	-----	----	----	X	----	1

Anna Maria do Sacramento	Viúva	Branca	----	----	-----	50
Maria dos Santos sua Filha	----	[rasura]	----	X	----	23
José da Silva **[da Silva]** de Araújo	Viúvo	Pardo	X	----	Ajudante de [?] e Sapateiro	60
Paula da Silva sua filha	---	----	----	X	----	21
Bento [agregado?]	----	Preto	X	----	----	51
Bento [Tomaz] da Silva	----	Pardo	----	----	Sapateiro	36
Luiz de França	----	Pardo	----	----	[rasurado]	25
Joze [?] Sodré	----	Pardo	----	----	Auxiliar e Pescador	32
Francisco Braboza	Viúvo	Branco	----	----	----	98

1 légua da Vila

[D] Engenho página.3v

Manoel Sá Barbosa	Casado	Pardo	----	----	[ileg]	25
Anna Rodrigues sua mulher	Casada	---	----	---	----	20
Florência Pereira de Araujo	---	Preta	---	---	----	50
Maria das Candeias	Viúva	----	---	---	---	19

Prudencianna Sua Filha	---	---	---	---	---	2
Margarida da Silva	---	---	---	---	---	30
Izidoria sua filha	---	---	---	X	---	2
Leocádia filha	----	----	---	X	----	2[?]
Serafim Pereira	----	Branco	------	----	Sapateiro	27
Anna Joaquina sua Irmã	-------	----	X	----	-----	28
Narcizo Xavier	-----	Branco	---	---	Sapateiro	25
Leonor Maria sua mãe	Viúva	----	----	----	---	[6?]
Ignácio Caetano da Rocha	Casado	Preto	----	----	Mestre de Açúcar	50
Joana Joaquina sua mulher	---	----	----	---	----	26
Filhos						
Brites	-----	----	----	----	----	11
Maria	-----	---------	---	------	----	8
Malaquias	----	-----	----	----	----	6

Thomé	----	------	------	-----	-----	2
Perpétua	------	------	------	-----	------	2
Cosme	--------	------	-----	------	-----	[1?]
Joana	---------	-----	----	-----	-----	[1?]
Ritta Maria	-----	Preta	-----	-----	------	40
Joaquim seu filho	-----	Pardo	-----	X		8
Manoel	----	----	----	----	----	7
[Angeo?]	----	----	----	----	-----	2
Joana	----	Preta	-----	-----	----	30
Pedro seu filho	----	----	----	X	----	8
Ludovico filho	----	-----	----	X	----	8
Joana Maria	----	Preta	----	----	----	50
Vicencia Maria	´------	Preta	----	----	-----	50
Manoel seu filho	-----	Pardo	----	----	----	7

Gonçalo	-----	----	----	---	-----	5
Florencia	----	----	-----	-----	-----	4
Francisca	----	----	----	---	---	[10?]
Agostinha Maria	----	Branca	----	----	----	50
Francisco de [?} seu filho	----	----	-----	----	Pescador	25
Luiz [?] seu filho	Casado	Preto	----	X	Sapateiro	28
Sonia Maria sua mulher	Casada	---	----	----	----	20
Joanna filha	----	-----	-----	X	-----	4
Antonia	----	----	----	----	----	2
Maria Faustina	----	Parda	----	----	----	40
Marcelino dos Santos seu filho	-----	-----	-----	X	----	15
Lucinda filha	---	----	----	X	----	11
Anna	----	----	----	----	-----	10
Luiza	----	----	----	----	----	9

Bernardo	---	----	----	---	----	5
Luiza Maria	----	Preta	----	-----	----	40
Ana Maria	----	----	----	---	----	20
Bento Jozé de Souza	Casado	Pardo	----	----	----	25
Leonor Maria sua mulher	Casada	----	----	----	-----	20
Theresa Maria de Jesus	-----	Branca	----	----	----	60
[Já?] Pires agregado	----	Pardo	x	----	Pescador	25
Manoel Joze da Rocha	-----	Pardo	----	----	Sapateiro	27
Ignacio Jozé[?]	Casado	Pardo	----	----	Alfaiate	30
Francisca da Silva sua irmã	----	----	----	----	-----	21
Luiz de Matos	Casado	Preto	----	----	[Sargento?] Pescador	50

Ana Maria sua mulher	Casada	----	-----	----	----	30
Felix de Matos seu filho	----	----	----	X	Pescador	25
Vicente de Matos filho	-----	-----	-----	X	----	19
Christóvão de Matos filho	-----	----	-----	X	----	8
Angelo dos Santos	----	Pardo	----	----	----	60
Ignacia dos Santos sua filha	----	----	----	x	----	30
[Onofre] de Sá	Viuvo	Branco	----	----	Carapina	60
[..] sua filha	----	----	-----	----	-----	12
Maria Rodrigues sua mãe	----	----	----	----	----	95
Jozé [agregado?]	----	Pardo	----	----	----	5
[ilegível]	----	-----	----	----	----	1
Antonia do Espirito Santo	----	Preto	----	----	----	[8]
João de Sá	----	Pardo	----	-----	Pescador	25

Alexandre	----	-----	----	----	[?]	[28?]
Serafim Ramos	----	----	----	-----	[?]	30
Damianna	----	Preta	----	----	-----	53

Registrados 100 moradores na localidade.